ANNO XXXII N. 251

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

SEXTA FEIRA 24 DE OUTUBRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE
Parahiba, o Sr. Gervasio V. da Natividade ; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior ; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga ; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira ; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues ; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense ; Pará, o Sr. Justino J. Ramos ; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda : todos os dias, as 9 e meia horas do dia.
Iguarassu, Goianna e Parahiba : nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns : na terça-feira.
S. Lourenço, Pao-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exu : nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhaem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal : quintas-feiras.
(Todos os correios partem as 10 horas da manhãa.)

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio : segundas e quintas.
Relação : terças-feiras e sabbados.
Fazenda : quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio : segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos : segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel : segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel : quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE OUTUBRO
7 Quarto crescente as 3 horas 19 minuto e 48 segundos dem.
13 Lua cheia as 9 minutos e 20 segundos da tarde.
20 Quarto minguante as 3 horas, 47 minutos e 48 segundos da t.
28 Lua nova as 8 horas, 24 minutos, 48 segundos da tarde.
PREAMAR DE HOJE.
Primeira a 1 hora e 18 minutos da tarde.
Segunda a 1 hora e 42 minutos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
20 Segunda. S. João Cancio advogado contra a phtisica.
21 Terça. S. Ursula e suas comp. vv. mm.
22 Quarta. S. Lausdilão f. : Ss. Heraclio e Alodia.
23 Quinta. S. João de Capristano f. : S. João Bom.
24 Sexta. S. Raphael archano : S. Septimo m.
25 Sabbado. Ss. Chrispim e Chrispiniano irs. mm.
26 Domingo. 23 S. Evaristo p. m. : S. Rocaciano m.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAÕ NO SUL
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias ; Bahia o Sr. D. Dupra Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 22 de outubro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que fundeou hoje neste porto o brigue escuna *Eólo*, o qual cruzou na costa ao sul desta provincia, desde o dia 10 do corrente.

Entrou em Porto de Pedras e Barra Grande na provincia das Alagoas, e na enseada da ilha de Santo Aleixo em frente a Serinhaem. Ahi, communicando-lhe o consul americano desta cidade, que se vira um patacho mui perto da costa com bandeira azul, se fez o commandante de vela mesmo a' noite, e de balde o procurou ate' o indicado Porto de Pedras, não tendo notado ne[...] indicio de contrabando ou de [...]fico.

Deos guarde a V. Exc. [...] do brigue barca *Itamaracá*, surto no mosque[...] de Pernambuco em 22, de outubro de 1856.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, presidente desta provincia.—Francisco Manoel Barroso, commandante da estação naval.

Palacio do governo de Pernambuco 23 de outubro de 1856.

O presidente da provincia, conformando-se com a proposta do Dr. chefe de policia, de hoje datada, sob n. 836, resolve nomear para os lugares vagos de 1°, 2°, 3°, e 4° supplentes do delegado do primeiro districto deste termo, aos cidadãos abaixo declarados.
1° Bacharel Joaquim Pires Gonçalves da Silva.
2° Bacharel Manoel do Nascimento Machado Portella.
3° Bacharel José Domingues Codeceira.
4° Bacharel José Raymundo da Costa Menezes.
Sergio Teixeira de Macedo.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel general do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 22 de outubro de 1856.

ORDEM DO DIA N. 355.

O marechal de campo commandante das armas, faz publico, para sciencia da guarnição e fins convenientes, assim o aviso do ministerio dos negocios da guerra de 29 de setembro ultimo, resolvendo a duvida suscitada entre o Sr. capitão da 3.ª companhia do 4. batalhão de artilharia a pé, e o respectivo Sr. tenente coronel commandante, relativamente a readmissão no posto de primeiro sargento, ao primeiro cadete Horacio Alves da Silva, como o officio da presidencia desta provincia, com respeito aos favores a que tem direito pelas condições annexas ao decreto n. 1478 de 22 de novembro de 1854, os vapores da Companhia Pernambucana.

Aviso.—Rio de Janeiro.—Ministerio dos negocios da guerra em 29 de setembro de 1856.

Illm. e Exm. Sr.—Sendo presente ao governo imperial o officio de V. Exc. n. 346 de 27 de agosto ultimo, acompanhado do do general commandante das armas dessa provincia, incluindo outro do tenente coronel commandante do 4. batalhão de artilharia a pé, e a queixa que contra este dera o capitão do mesmo batalhão, Tiburcio Hilario da Silva Tavares, por não ter querido o dito commandante aceitar uma proposta, que elle capitão fizera do 1.º sargento para sua companhia, e lhe imposto outro que promovera a seu livre arbitrio.

Resolveu o mesmo governo, que o commandante do batalhão não podia promover a 1. sargento o 1. cadete Horacio Alves da Silva, só pelo motivo de haver este tido tal posto, quando outr'ora pertencera ao mesmo batalhão, e do qual fora legalmente rebaixado, em virtude dos avisos circulares deste ministerio de 28 de julho e 17 de setembro de 1850, por occasião da transferencia que teve para o corpo da guarnição fixa da Bahia, onde não havia vaga de semelhante posto.

Que não podia tambem o commandante no caso presente prover a vaga de 1. sargento da 3.ª companhia, desprezando a proposta feita pelo respectivo capitão, por isso que se não deram as circumstancias dos §§ 3., 4. e 5., da provisão de 16 de agosto de 1821.

E finalmente, que sendo annullada a promoção do 1. sargento em questão, seja a vaga preenchida pelos tramites estabelecidos no § 1. da provisão citada, ficando ao commandante salvo o direito de não approvar a proposta do capitão, se o proposto não tiver a conveniente idoneidade para o desempenho das respectivas funcções, o que tudo communico a V. Exc., para seu conhecimento e execução.

Deos guarde a V. Exc.—Marquez de Caxias—Sr. presidente da provincia de Pernambuco. — Assignado—*José Joaquim Coelho.*

Palacio do governo de Pernambuco em 21 de outubro de 1856.—Illm. e Exm. Sr.—Tendo os vapores da Companhia Pernambucana pelas condições annexas ao decreto n. 1478 de 22 de novembro de 1854, direito aos favores outorgados aos da companhia de paquetes na 15.ª das condições, á que se refere o decreto n. 777 de 10 março de 1851, assim o declara S. Exc. para seu conhecimento, e afim de que o faça constar aos commandantes das fortalezas dos portos de escala dos vapores daquella companhia.

Deos guarde a V. Exc.— Sergio Teixeira de Macedo. — Illm. e Exm. Sr. marechal commandante das armas.

José Joaquim Coelho.

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

SESSÃO JUDICIARIA EM 23 DE OUTUBRO DE 1856.

Presidencia do Exm. Sr. desembargador Souza.

Estiveram presentes os membros do tribunal, a excepção do Sr. deputado Basto.

Passagem.

Passou do Sr. desembargador Gitirana ao Sr. desembargador Villares a appellação em que são :
Appellante, o bacharel Gabriel Soares Raposo da Camara ;
Appellado, Manoel Tavares Cordeiro.

Distribuição.

Foi distribuida ao Sr. desembargador Gitirana a appellação em que são :
Appellante, Francisco Ferreira dos Passos Junior ;
Appellados, Manoel de Pontes Franco Junior, tutor dos orphãos filhos de José Pimenta de Aguiar.

EXTERIOR.

O DIREITO INTERNACIONAL DOS EDITORES.

(Traduzido do *Kalendario Illustrado* Allemão, publicado em Leipzig, para 1856.)

Um dos phenomenos mais beneficos e ao mesmo tempo mais combatidos do dominio da litteratura he o progresso, que nestes ultimos tempos tem feito o reconhecimento pela legislação internacional do direito que primitivamente e de necessidade compete ao autor pelas suas obras. Como todos os direitos e verdades, este tambem com difficuldade abre caminho, e tem de lutar com o egoismo sob todas as formas. A propensão natural ao homem de aproveitar-se do trabalho alheio antes do que trabalhar por si nunca se manifesta tanto como no dominio do direito litterario. Enriquecer sem custo e dar novo feitio a cousas velhas, em vez de crear novas, he um doce habito que se tem introduzido na litteratura, desde que Guttemberg inventou a arte immortal de multiplicar por meios mechanicos os productos do espirito, e que, graças ao aperfeiçoamento da imprensa por um lado e com o augmento do numero de eleitores por outro lado, tem subido o valor de uma propriedade que dantes quasi nenhum tinha.

A sciencia, como de ordinario, foi seguindo neste caso o movimento vacillante da vida. Poucos espiritos houve que, com um profundo sentimento do justo, igual ao de Luthero, por exemplo, soubessem ver nesta invasão do legitimo terreno alheio o que realmente ella era, uma pura infracção do setimo mandamento, ou um furto. E quando não foi mais possivel aos plagiarios negar-se á convicção de que com isso causava-se um damno real, em lugar do direito recorreram então ao poder, preferindo antes dever uma protecção ao favor do que ajudarem-se do um pouco de reflexão ; circumstancia a que, na Allemanha, acresceu ainda o infeliz amalgama que se fez do espirito de direito germanico com vistas de direito romano.

Neste terreno a confusão foi pouco a pouco progredindo, até degenerar em completa anarchia e desconhecimento de todo o direito.

O schisma religioso contribuio tambem para afrouxar as idéas de jurisprudencia a este respeito. Exceptuando-se o Wurtemberg, ja dantes conhecido como um foco de contrafacção, a Baviera e a Austria eram os paizes onde o reconhecimento da propriedade litteraria encontrava maior numero de inimigos, que, a pretexto de dar impulso á educação e á sciencia, reclamavam favores para a contrafacção, posto que bem soubessem, ou involuntariamente sentissem, que nada seguramente mais podia prejudicar ao progresso de ambos do que tirar á propriedade a sua natural protecção, deixa-la abandonada a todos os riscos do furto, e privando-o corpo do seu alimento, paralysar os vôos do espirito.

Com voluntario desconhecimento de causa, combatia-se uma chamada propriedade moral, quando não se tratava senão da forma exterior e bem determinada do conteúdo moral ; e emquanto a ninguem era contestado o direito de fixar limites a uma alienação qualquer, tirava-se aos pobres autores a faculdade e o direito de continuar a dispôr da sua mais sagrada e indisputavel prosperidade, sobre os productos do seu espirito, depois de trazidos á luz da publicidade. Debalde decretara a Dieta Germanica as mais severas prohibições de contrafacções, e obrigaram-se varios imperadores nas suas « capitulações » eleitoraes a impor-lhes tributos ; debalde na Saxonia, desde a época a mais remota, reconhecera-se e fixara-se a opinião mais acertada, que depois passou tambem para o codigo de direito russiano ; debalde queixaram-se os livreiros,—doutos jurisconsultos mostravam-se sempre absolutamente incapazes de conceber esse phenomeno, e com argumentos os mais destituidos de senso, arguiam aquillo que estava ao alcance do entendimento de uma criança.

Se actualmente principia a apparecer o inverso ; se os proprios commerciantes de livros ja se teem expressado contra os progressos da legislação sobre esta materia, isto só se explica, em primeiro lugar, pelo simples facto de se acharem consideraveis capitaes empregados neste ramo de industria, e em segundo lugar, porque em geral não ha muitos homens promptos a sacrificar vantagens, ainda que momentaneas, ao direito uma vez reconhecido como tal, ou inclinados a deixar prevalecer um principio em suas consequencias duras e patentes a todas as vistas.

Desde que a Dieta Germanica, por uma resolução do anno de 1832, acabou com toda a distincção entre os diversos estados allemães relativamente á propriedade litteraria, e que por outra resolução de 1837 prohibio absolutamente toda e qualquer contrafacção, reconhecendo ao autor o exclusivo direito de multiplicar os productos do seu engenho e estabelecendo solemnemente uma protecção, embora mui pouco satisfactoria, valida para todos, ainda nenhum se tinha dado tão importante para o progresso do direito litterario, como em França, a promulgação do decreto de 28 de março de 1852. Mas poucos suspeitavam naquelle tempo o alcance da idéa que servira de base a este decreto, isto he, a condemnação absoluta de toda e qualquer contrafacção, sem se attender á reciprocidade nem ao lugar da primeira publicação.

Embora o pequeno reino da Saxonia, ja meio seculo antes tivesse proclamado o direito absoluto do autor, fazendo depender a sua protecção unicamente da reciprocidade ; embora no anno de 1844 tivesse elle dado mais um passo e declarado a protecção da reciprocidade até com força retroactiva ; á França, todavia, cabe a gloria de ser a primeira nação que pôz a propriedade litteraria e artistica debaixo da sua protecção illimitada e sem condição alguma.

Este principio não podia deixar de produzir fructos. Em consequencia, a França, depois de ter concluido em 1851 com a Inglaterra e em 1852 e 1853 com varios estados allemães um tratado muito importante sobre a prestação de garantias e regulando a protecção reciproca, tentou celebrar com a Saxonia outro tratado semelhante. Certo he que no anno de 1852 tinham-se feito ao governo saxonio aberturas neste sentido, que foram porem repellidas, com a declaração de que os Francezes em virtude do decreto de 28 de março de 1852 tinham o direito de fazer registrar as suas obras na real direcção de circulo em Leipzig, podendo deste modo pretender a todas as vantagens de que gozam os autores e editores saxonios pela publicação de suas obras na Saxonia ; tornara-se portanto superflua a conclusão de um tratado. Mas, como no acto desses registros fizeram-se difficuldades e appareceram exigencias que não se achavam fundadas na lei, reataram-se as negociações, á instigação da sociedade formada em Paris em 1852 para a protecção da propriedade litteraria e artistica, que tomou o encargo de proteger os interesses de seus membros nos paizes estrangeiros.

Entretanto haviam-se manifestado receios tambem na Allemanha entre os commerciantes de livros ; e durante a feira da Pascoa de 1854 a directoria da sociedade dos livreiros foi autorisada a dar os passos necessarios para a celebração de tratados internacionaes com a França e prorogação dos que existem com a Grãa-Bretanha. No corrente anno concluiram-se com o grão-ducado de Baden e o principado de Waldeck.

(*Correio Mercantil* do Rio.)

Se dermos credito aos jornaes e revistas industriaes, trata-se com grande actividade neste momento da execução de um tecido completo de caminhos de ferro na Russia. He uma consequencia natural da paz, e uma das mais favoraveis seguramente que ella terá produzido para os interesses desse paiz. Com effeito, poucos paizes existem entre os Estados de primeira ordem que, em materia de caminhos de ferro, tenham permanecido até aqui mais atrazados, e com tudo nenhum paiz, que conheçamos, reclama mais imperiosamente, em razão das condições geographicas e phisicas do seu territorio assim como da natureza dos seus productos e do seu commercio, o estabelecimento destas uteis vias de communicação. Duas linhas, uma de Moscou a S. Petersburgo, a outra de Varsovia a Cracovia, depois a pequena extensão de Garsco—Selo, eis todo o contingente das vias de ferro da Russia, a que he preciso acrescentar a linha em conclusão de Varsovia a Petersburgo, o que, em tudo, faz quasi 2,300 kilometros. He muito pouco para um paiz em que a estatistica reconhece, só na Europa, perto de 80,000 quadradas geographicas, ou 262,000 kilometros quadrados.

Collocado entre a Europa e a Asia ; tocando ao mesmo tempo na China, na India, na Persia, na Turquia asiatica, assim como no grupo das nações do occidente ; banhado ao norte e ao sul por quatro mares, e cobrindo em o nosso planeta um espaço cinco ou seis vezes mais consideravel do que fazem todos os outros paizes da Europa, o vasto imperio russo quasi que não ha tido até hoje, para expedir as suas immensas transacções interiores e exteriores, mais do que a via muitas vezes difficil, incerta, insufficiente dos seus grandes rios, que, descendo das altas chãas interiores para se lançar, como o Dwina, o Volga ou o Dnieper, nos mares do Norte ou no mar Negro e no mar Caspio, deixam assim sem meios directos de transporte uma parte consideravel das relações que se operam de oeste para leste, e reciprocamente.

Quanto ás estradas, se exceptuarmos tres ou quatro grandes calçadas verdadeiramente admiraveis, pode-se dizer que a Russia ainda não as possue, pois que difficilmente se poderia dar o nome de estradas a caminhos apenas traçados, cobertos ás mais das vezes de uma lama espessa, sulcando ordinariamente florestas apenas arroteadas, e cortadas em mil lugares por troncos de arvores ou por grosseiras pontes de madeira. Verdade he que durante quatro mezes, a neve, ao endurecer, facilita a conducção, mas no resto do tempo o commercio encontra as maiores difficuldades para operar os seus transportes.

Com tudo, a Russia he, entre o mundo oriental e o mundo occidental, um grande paiz de transito, ou se ao menos não o he actualmente se não em uma fraca medida, não se pode duvidar que seja chamada a vir a ser um dia. Quasi que diremos que o seu papel natural, se não se houvesse muitas vezes abusado desta palavra, a sua missão providencial, he aproximar, pelo laço commercial, das raças civilisadas do occidente, as raças tartara e mongola, d'onde tira em parte a sua origem, assim como as do Thibet e da China. Em 1852, a Russia da Europa trocava com os paizes da Asia (Persia, America, Anatolia, Tartaria e China) por 120 milhões de francos de mercadorias, dos quaes um terço podia ter o transito para destino ; e, do lado da Europa, a somma das trocas do imperio, cuja parte ia tambem espalhar-se nas regiões asiaticas, não se elevava a menos de 732 milhões.

Se acrescentarmos a estes algarismos os movimentos do numerario, que com os paizes do Oriente são sempre consideraveis, poder-se-ha calcular em mais de mil milhões a somma geral das transacções exteriores da Russia (inclusive a Polonia.) Porém por mais importante que pareça este algarismo, releva confessar que a Russia está ainda pouco aberta ao commercio exterior : a severidade das suas tarifas de alfandega (que com tudo não chegam como as nossas até a prohibição), a desconfiança da sua administração para com tudo que he estrangeiro, a immensidade tambem das distancias, e, o que as torna mais sensiveis, a insufficiencia das vias de communicação e de transporte, hão contido até hoje estas relações em limites relativamente estreitos.

O que as excede em grande proporção he o movimento do commercio interior que effectuam entre si 60 milhões de habitantes, e que alimentam feiras annuaes da mais alta importancia, como a de Nijni-Novgorod, onde em 1854 se faziam 280 milhões de negocios e onde o commerciante turco, persa ou chinez acotovela-se com o da Ukraina, da Polonia ou da Finlandia ; como a de Kiakhta, porta aberta entre a China e a Russia tartara, onde o cha e as sedas do celeste imperio vem trocar-se, em valores de 200 a 300 milhões tambem, por fazenda de algodão, por pannos de 6, 5 e 4 francos o metro, das fabricas moscovitas ; como emfim as feiras do governo de Karkhoff, que por si só conta 300 ; e ainda outras muitas.

E o que he de observar he que neste vasto corpo politico, formado de nações e de raças tão diversas, os grandes focos de producção e de exploração, longe de se achar mais ou menos concentrados em algumas provincias privilegiadas pela visinhança das metropoles, são, como a propria população russa, disseminadas quasi igualmente sobre toda a superficie e muitas vezes na extremidade do imperio. Se as fabricas e as manufacturas se gruparem mais especialmente em torno de Moscou e de S. Petersburgo, he das provincias mais distantes que vem a maior parte dos viveres que constituem os principaes elementos do commercio da Russia. Assim, são as provincias do Don e do Oural ainda que dão cobre, ferro, platina, ouro, pelles, seda ; he da Transcaucasia que vem o algodão, a seda, o indigo ; da Taurida, da Crimea, da Russia do Sul, os vinhos, o trigo, as madeiras e o gado ; da Bukovina e da Bessarabia, as madeiras, o alcool, e lãa, os oleos e os cavallos ; da Finlandia, as madeiras e os metaes da Podolia e do governo de Kiew, o assucar de betterraba ; de Astrakan assim como de Arkangel e das regiões da Russia polar, os peixes salgados, o caviar, as pelles de phoca e de veados marinhos, e muitos outros productos das grandes pescarias.

Todas estas riquezas affluem para o coração do imperio, donde se espalham para o Norte, assim como para o Sul, sobre Riga, Cronstadt, Revel, Onega, Kertch e os portos do baixo Danubio, os productos agricolas que cada anno a industria occidental pede a Russia : as madeiras de construcção (contam-se na Russia 180 milhões de geiras de florestas, isto he, tres vezes ao menos a extensão territorial da França), a potassa, o linho, o canhamo, a lãa, os couros, o sebo, o cobre e o ferro, o trigo acima de tudo, de que o solo fecundo do imperio produz, segundo M. de Tegoborski, 420 milhões de hectolitros, dos quaes 160 milhões em fromento, (duas vezes ao menos o que produzimos neste genero), e que em consequencia do mao estado das vias de communicação, ou da insufficiencia dos meios de transporte, se vendem muitas vezes sobre a praça, por preços que nos pareceriam fabulosamente baixos : 5 e 6 fr. o hectolitro, por exemplo, algumas vezes ainda menos, para ser revendido a 12, 15, 18 e 20 fr., segundo o estado das colheitas occidentaes, no porto de expedição.

N'uma palavra esta ultima observação se applica á generalidade das materias agricolas da Russia ; com effeito, não se deve perder de vista que, como todos estes productos são pesados, soffrem pelo facto do transporte enormes acrescimos de valor, e não existe nenhum cujo trafico exija mais obrigatoriamente o emprego das vias ferreas, isto he, vias rapidas, seguras, economicas, que possam deslocar ao mesmo tempo massas consideraveis de mercadorias, isentas especialmente das graves difficuldades que cream mudas vezes, para as estradas de terra e de agua, a intemperie das estações, a falta accidental de animaes, a suspensão da navegação, as enchentes dos rios, as innundações, ou a necessidade de frequentes transbordamentos.

Querem saber, por exemplo, como se fazem as expedições de canhamo que a Russia do sul envia todos os annos a Riga n'um valor de 8 a 10 milhões de francos ?—Na primavera, assim que o Duna se torna navegavel, isto he, depois do derretimento do gelo, um numero consideravel de mui grandes barcas vão carregando ao longo das margens do rio o canhamo comprado pelos negociantes do interior, e trazido dos differentes pontos da Pequena-Russia. Cada uma destas barcas traz bastantes mercadorias para carregar um navio de 300 a 350 toneladas ; são grosseiramente construidas com arvores apenas despojadas da casca e das raizes ; depois, quando o conteudo he descarregado, são vendidas como madeira para aquecer, e no anno seguinte se construem outras. Assim, nenhuma organisação preside a estes movimentos de embarcações, que duram até quatro ou cinco mezes, e quando as operações são terminadas, as equipagens, compostas de camponezes dos dominios productores do canhamo ou das bordas do Duna, voltam a pé para as suas aldeias, ou ficam em Riga para trabalhar ahi até o fim da estação.

Semelhante modo de transporte pode ter em si alguma cousa de pitoresco, mas he seguramente lento, incerto e dispendioso. Ainda he muito differente para os productos do Oural, por exemplo, que, conduzidos nas costas de cavallos atravez das montanhas, durante o inverno, seguem na primavera um numero infinito de estradas e rios para ganhar S. Petersburgo, onde quasi que só chegam no mez de outubro, e onde, antes de poder embarcar-se em Cronstadt (porto desta capital), lhes he mister muitas vezes esperar em armazem, até a primavera seguinte, a renovação da navegação. Teriamos mil exemplos analogos a citar acerca das demoras e das difficuldades dos transportes na Russia.

Eis aqui em conclusão o que se sabe sempre no tocante ao tecido de caminhos de ferro que se projectam estabelecer na Russia, e cuja execução, no que diz respeito á constituição physica de um territorio geralmente pouco accidentado, e tambem quanto ao extremo baixo preço da mão d'obra, sera facil e relativamente pouco dispendioso : — se comporia de quatro linhas principaes que todas partiriam de Moscou.—A primeira se dirigirá sobre as provincias do Norte, por Tula e Kaschira ; — a segunda, ganhando as provincias do sul por Koursk, atravessará o Dnieper para ir dar em Odessa sobre o mar Negro, com ramificação sobre a importante bacia do Don ; —a terceira linha atravessará as provincias de leste, por Saratow, entre o Don e o Volga ; a quarta emfim, ganhará o oeste, por Donabourg, e se prolongará, por meio da linha de Riga até o Baltico. — A linha do norte terá a extensão de 34 verstes ; a do sul, 1000, a de leste, 820, e a do oeste, 800, o que dará uma extensão total de 2.960 verstes, ou 3,167 kilometros, ou emfim 792 leguas.

Basta lançar os olhos sobre a carta, para ver que um tal complexo de vias ferreas ligarão as partes mais importantes, mais productivas do imperio aos rios principaes que o atravessam. Basta dizer que exercerá uma influencia consideravel sobre a prosperidade do paiz, e que ao dar vivo impulso ás suas industrias agricolas e mineraes, fará brotar em pouco tempo do solo da Russia novos recursos, riquezas ainda desconhecidas ou antes tornadas inaccessiveis até aqui ás explorações do trabalho.

(*Journal des Debats.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

8 de outubro.

O julgamento do official de marinha Netto continuou hoje, sendo ouvidas pelo conselho de guerra mais cinco testemunhas, e entre estas o Dr. Pereira da Costa, o qual, confirmando o juizo que fizera, disse que o ferimento era simples, e que teria sido curado em 20 dias se não foram os movimentos da cabeça do ferido, que por duas vezes quebraram os pontos verdadeiros dados na ferida.

Ao começar da defeza perguntou o conselheiro Souza Franco se a sentença do accusado seria immediata por ser o crime de ferimento só commettido por elle, ficando o do tiro para depois ; e respondendo-lhe o presidente do conselho de guerra, o capitão de mar e guerra Leitão, que o julgamento seria depois da defeza do outro accusado o tenente Rocha, fez o conselheiro a defeza firmando-a nas duas bases da justificação do crime, ou pelo menos de sua attenuação pelas circumstancias que o precederam e acompanharam.

Se bem podemos comprehender e resumir a defeza, foi ella a seguinte :

Disse o defensor do réo que se se persuadisse que este tinha commettido sciente e deliberadamente algum acto de quebra de disciplina ou desobediencia aos superiores, teria deixado sua defeza a outrem menos do que elle respeitador da disciplina da armada, sem a qual não terá progresso este ramo tão importante do serviço do imperio.

Que, porém, acreditando que o crime fôra involuntario, e forçado pelas circumstancias, tomára a defeza do réo para contribuir quanto possa para que um joven de tão bons precedentes e tanta vocação maritima não soffra grave pena por um crime que, além de muito leve, he justificavel, ou pelo menos acompanhado das circumstancias as mais attenuantes.

O crime he leve, disse o defensor, porque não he de sua natureza militar, quaes são aquelles que só podem ser commettidos por militares ; e principalmente he leve porque foi muito simples o ferimento, segundo o juizo muito competente do Sr. Dr. Pereira da Costa, que examinou a ferida para fazer o corpo de delicto, e descrevendo-a achou que 20 dias eram bastantes para cura-la, e ainda hoje o confirmou dizendo que, se a cura levou mais dias, fôra em consequencia dos movimentos e impaciencia do ferido.

O art. 61 de guerra he o que regula os ferimentos de official por official, e conforme elle devem ser punidos segundo as leis militares e do Reino, e segundo as circumstancias. Esta lei do Reino he opiniões que seja o codigo penal militar, mandado executar pelo alvará de 7 de agosto de 1820, e outros querem que seja o codigo criminal do imperio.

Os que opinam pela primeira, dizem que sendo as leis portuguezas mandadas executar pela lei de 20 de outubro de 1823 da assembléa constituinte brasileira, acha-se entre ellas o alvará que mandou pôr em execução o codigo penal militar. O defensor porém pensa que, embora não haja lei que derogasse o alvará citado de 7 de agosto, comtudo, sendo opinião do general Cunha Mattos, e facto verídico, que aquelle codigo não tem tido execução, não lhe parece que o conselho de guerra o deva executar, deixando essa parte da questão para as autoridades superiores.

Pensa, porém, que ha um grande exemplo a aproveitar na doutrina do seu art. 394, que impõe aos ferimentos de official por outro de inferior graduação a pena de 6, 12 a 18 mezes quando sejam leves, e effeito de rixa nova e não premeditada. E este exemplo he que se nesses tempos de despotismo esta pena era julgada bastante para conservar a disciplina, seria anachronismo exigir excessiva severidade nos tempos constitucionaes de hoje.

O codigo criminal, que he o que tem applicação ao caso, divide os ferimentos em simples ou qualificados. Os qualificados são os dos arts. 202 e 203, em que este não está comprehendido, e o do art. 204 quando resulta deformidade, que será erro crasso acreditar com os facultativos no ultimo exame que exista na cicatriz da parte posterior da cabeça, que fica encoberta pelos cabellos. Neste ponto a opinião do Dr. Pereira da Costa he a verdadeira, porque diz que resultou simples depressão, que não affecta os movimentos nem alterou a forma daquella parte da cabeça. É demais, esta mesma depressão não foi o resultado natural da ferida, porém das alternativas da cura, demorada pelos movimentos do doente.

Tambem não houve incommodo de saude e inhabilitação por mais de mez, que fosse resultado natural da ferida, como fica dito acima. Se a cura he demorada por má applicação dos remedios, má carnadura do ferido, seus manejos ou movimentos, quer involuntarios, quer voluntarios, para demorar a cicatrisação, o que muitos fazem para chamar o interesse dos juizes em seu favor ou contra o réo, ou para obter maiores indemnisações, não ha escriptor que admitta estes motivos para aggravar a sorte do réo, e, pois, o ferimento foi simples e leve, como affirmou o Sr. Dr. Pereira da Costa, e curavel em 20 dias, pelo que não he dos comprehendidos no art. 205 do codigo.

O ferimento he portanto dos comprehendidos no art. 201 do codigo, e sua pena a de um mez a um anno de prisão simples. Neste caso porém, em que as circumstancias favorecer o accusado, se as exigencias da disciplina militar não admittirem a plena justificação do crime, será de justiça que se admittam as circumstancias attenuantes para que a pena seja a do minimo.

Apezar das reticencias das testemunhas, que occultaram a verdade dos factos, ainda assim disseram bastante para ficar provado que houve provocação e insultos da parte do ferido ; que a ameaça foi delle ; e que vindo cercar o accusado, que se dirigia para o seu camarote, foi elle quem deu toda a occasião ao ferimento que soffreu.

Ainda as testemunhas, que dizem que os insultos foram reciprecos, juram que ao ferido se ouvira chamar bode, negro, caloteiro e filho da.... ao accusado ; que a este o mais que se ouvira era a retaliação :—bode he vossê tambem ; e vossê tambem não he negro ?—O art. 19 de guerra prohibe as respostas a superior em materia de serviço, porém faz excepção dos insultos a honra. Aqui, que se não tratava de serviço, e que os insultos eram a honra do accusado e de sua mãi, a retribuição he não só permittida, como que não havera official que, supportando com uma espada á cinta insultos destes, possa deixar de ser tachado de cobarde.

O defensor explicou como he que, segundo a disposição dos lugares, para vir o ferido pôr as mãos aos peitos do accusado e ameaça-lo com a garrafa na porta de seu camarote, a que se recolhia, era preciso vir de proposito cerca-lo, deixando o seu proprio camarote ; e como era falso que este cerco fosse resultado de nova provocação, que só a testemunha Sampaio jura, e he desmentido por todas as outras, e pelo facto de não dizer qual era essa palavra de provocação, que não ouvio, e diz que o ferido a ouvio, estando ambos a igual distancia do accusado.

Dos depoimentos consta que o ferido ameaçou o accusado com a arma que tinha carregada no seu camarote, e foi depois disto e de agarrado pelas abas da farda, e ameaçado com a garrafa na cara, que o accusado entrou no seu camarote, a cuja porta estava, tomou a espada e prendeu o ferido, que respondeu não fazer caso da ordem de prisão.

São notaveis duas circumstancias : a primeira, jurada até pela propria testemunha Sampaio, que alias só jura o que prejudica o réo, e favorece o ferido, he que o accusado, tomando a espada, que he a arma do official, e não as espingardas carregadas, firmara a ponta no chão em sua frente, e assim deu a voz de prisão. E isto prova que tomava a espada para defender-se, e não para aggredir.

A segunda ha que o ferido, superior em patente, não se lembrasse dos meios de autoridade para fazer cessar a questão, prendendo o seu adversario ; isto porque os seus meios são os da força bruta ; e que o inferior recorresse a este meio, que se fosse obedecido, ou repetido por aquelle, prendendo-o a seu turno, teria feito cessar a luta. E, cousa notavel, ninguem se lembrou de prender os que disputavam, e como estatuas de pedra deixariam que ambos se matassem. Se o aggressor fosse o accusado, teria sido logo preso ; sendo o immediato do navio, o medo que elle tem infundido pelo seu recurso ás armas de fogo, que já empregou matando um imperial marinheiro, tornou os circumstantes receiosos de se intrometterem na questão.

A autoridade, disse o defensor, tem grandes direitos, porém maiores deveres, e o superior deve dar o exemplo da moderação e respeito aos direitos dos subordinados para ser obedecido sem replica.

Foi então que, tendo prendido o seu aggressor, este desobedeceu, e volvia a seu camarote muito irritado, que o accusado medio todo o perigo em que estava de ser morto a tiro de espingarda ; porque ninguem sustentará que, irritado como estava, e tendo em frente uma espada desembainhada, elle tenente Rocha se retirava para occultar-se no seu camarote.

O accusado, estando muito proximo delle, porque os camarotes são mysticos, e do mesmo lado de bombordo, estando o do accusado a ré, levado do instincto da conservação, estendeu o braço, e ferio o seu camarada, e isto tão contra suas intenções, que vendo-o ferido se retirava para o tombadilho para se ir entregar á prisão a bordo do navio chefe.

Neste ponto o defensor explicou, segundo a posição reciproca do ferido, e accusado, pouca altura do espaço e direcção da ferida, segundo o corpo de delicto, que ella não foi dada pelas costas, porém do lado.

O ferimento he então justificavel, e as circumstancias do art. 14 do codigo estão demonstradas. O delicto foi feito para evitar maior mal, o de levar um tiro, que seria mortal, á queima-roupa, e a certeza deste maior mal resulta de ter o ferido desobedecido á prisão, e irritadissimo se volvido para seu camarote. Ia elle buscar a espingarda ?

Sim, porque tinha ameaçado com ella o accusado.

Sim, porque a trouxe depois de ferido, o que he prova da intenção, aliás não a formaria quando se julgava morto.

Sim, porque já em caso identico, aggredido no tombadilho, desceu a camara, e voltou com a espingarda com que matou o aggressor.

A falta de outro meio menos prejudicial he visivel á vista dos factos, e quando nem antes, nem durante e nem depois do delicto houve quem se interpozesse a favor delle aggredido. Quanto a probabilidade da efficacia do meio empregado, ninguem a negará, e só a não teve porque o caracter inoffensivo do accusado contrariou os instinctos da natureza em defeza, e o accusado se apraz de o rememorar, embora o tiro que ainda levou pelas costas, e de que conserva no corpo muitos bagos de chumbo, pozesse em risco evidente sua vida.

O facto do ferimento foi pois justificavel ; e quando o conselho o não admitta em toda a sua plenitude, não pode deixar de attender ás circumstancias attenuantes do art. 18, §§ 1, 2, 3, 4, 7, que todas se dão no facto. O defensor demonstrou a existencia destas circumstancias attenuantes ; e depois de algumas observações, disse :

Que, confiado na justiça do conselho de guerra, lhe entregava a sorte do accusado, e esperava que teria em attenção os seus honrosos precedentes, segundo os documentos que juntava.

E notai, Srs. presidente e vogaes do conselho de guerra, que a vossa douta sentença terá ou não o salutar effeito de salvar os officiaes e praças da armada de occasiões de muito perigo, que, para não aggravar a sorte do ferido, attribuirei unicamente a desarranjos de sua organisação ; e por outro lado firmais regra se pode exigir-se de um official a quem o governo imperial confiou uma espada, que elle tolere, sem merecer a nota de cobarde, o ser insultado com os nomes mais vis e injuriosos, ameaçado com uma garrafa na face, agarrado pelos peitos da sobrecasaca, e posto em risco de levar um tiro : e julgai, senhores, com a justiça que vos caracterisa, e com a indulgencia que merece um joven camarada de tanto merecimento e futuro.

A sessão do conselho de guerra levantou-se depois das 2 horas da tarde, e ficou a sentença para depois da defeza do tenente Rocha.

(*Jornal do Commercio* do Rio.)

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARA'

Belem 8 de outubro.

Debalde tenho esperado ler no *Diario Pernambuco* duas correspondencias que enviei, em cumprimento do encargo que me impuz de espalhar por toda a parte, onde fosse o *Diario*, os progressos desta provincia que não he ainda avaliada como merece, seus melhoramentos, e as campanhas politicas que aqui se dão, e que devem ser conhecidas para modelo de futuros campeões desta arena.

Debalde as tenho esperado, até que agora sou levado ao triste desengano de que foram desencaminhadas—perda sensivel para um pai, que ama as suas producções, e uma principalmente que referia, por copia fidelissima, um eloquente sermão pregado em Cametá nas eleições de deputados, sermão, a que foi devida a victoria de um dos lados politicos. Mas aguas passadas não moem moinho : emendemos o quebrado fio, e noticiemos o muito que ha de novo por aqui.

De melhoramentes materiaes, vamos optimamente : calçadas feitas, o caes em andamento, o curro planejado, o hospital da caridade concertado, a colonia de Nossa Senhora do O' em progresso espantoso, a alfandega rendendo e o consulado, e recolhimento em obras para augmentar-se-lhe os commodos etc.

Não vamos peior em melhoramentos moraes : ha dous contos de subsidio para cada um de quatro collegios que aqui se estabeleçam para os dous sexos ; vai reformar-se o regulamento do collegio das educandas, e está o governo autorisado a mandar vir duas professoras, ninguem se arvora em mestre sem mostrar-se habilitado perante o governo ; os réos de policia são presos ; e ja he uma realidade a responsabilidade da imprensa : o advogado Ponce de Leão vio-se obrigado a restituir, da cadeia, uns autos que desappareceram ; e o Guimarães, editor do *Diario do Gran-Pará*, paga em S. José sua condescendencia em publicar atrevidas infamias de certos espertalhões, que agora riem-se do credulo.

A administração vai, como ha de mister esta provincia : energia franqueza, e imparcialidade. Tenhamos por muito tempo o Exm. Sr. Beaurepaire Rohan, e sempre assim, que veremos o Pará como elle deve ser.

As eleições de vereadores e de juizes de paz vieram pôr a toda luz a influencia do Dr. Malcher. Não posso descrever-lhe as lutas que ellas motivaram : até a assemblea provincial metteu-se na roda, desannexando deste municipio o Acará e Moja para diminuir a votação do Dr. Malcher ; e quiz multa-lo e responsabilisa-lo para inhabilita-lo para a reeleição mas tudo desarmou em vão : o Dr. Malcher foi reeleito presidente da camara, e o ultimo da sua lista teve 2401 votos, e o mais votado da outra 954 ! ! Por este lado ficaram desenganados os boticarios desforando-se com dizerem que os votantes eram uns bebados.

Estão á porta novas eleições : e elles assentaram de não pleita-las, como não pleitaram as passadas. Somente fazem clubes todas as noites ; querem illudir o povo com um chá em que não será esquecido o pão-de-ló monstro ; e ja foram emissarios por « totam urbem et orbem.» Veremos o resultado de tanto afan, e eu serei prompto e exacto em referir-lh'o.

A assemblea provincial.... oh ! que dor !

« Reinava a doce paz na santa igreja,
« O bispo e o deão, ambos conformes
« Em dar e receber o bento hyssope :
« A vida em ocio santo consumiam.»
. . . .
« Quando a discordia encara a porta
« Do grande presidente do cabido,
« A tempo que estirado, á perna solta ;
« Sobre molle sopha, dormia a sesta.»

Dormiam, quasi, somno suavissimo os predilectos da provincia ouvindo e approvando os projectos approvados de vespera no club e á vontade do Sr. Augusto Correa, pois que os protestos da unidade opposicionista não podiam mudar as determinações do Correa, quando a queixa do advogado, sonegador de autos, foi lida na assemblea. (Dizem alguns que o Ponce foi instado para da-la, porque a assemblea queria inutilisar o juiz municipal.) Que barulho ! que assuada ! Não a houve maior na igreja d'Elvas por causa do hyssope. Foi um pomo de discordia e de dispersão ! E espalha-se que o Ponce alardêa a gloria de ter feito com uma pennada o que não puderam tantos desvarios da Augustissima ! He um judeo de grande marca o tal Ponce.

Como disse, a queixa do Ponce foi um pomo de discordia atirado naquelle banquete de amigos. O Exm. da salinha resolveu logo, em sua sabedoria, que o processo a seguir-se na exigida e applaudida demissão do digno juiz municipal era o marcado na lei de 15 de outubro de 1827 : mas o sciente jurisconsulto relator mandou-o guardar a sua lei pois que somente serviria para os casos omissos do regulamento das relações, e dos magistrados privilegiados ! O Exm. não ficou muito contente com este insultuoso qui-na-o, sebem que adoçado pelo « inter ambobus essatis do Sr. Nunes ; mas emfim, « pro «bono pacis,» devorou-o, sem dar mostras de arrufado. O Sr. Dr. Malcher demonstrou á incompetencia desse juizo pela falta de lei de processo anteriormente estabelecida, e por muitas outras razões juridicas e de credito para esta provincia. Passou, não obstante, o parecer da commissão mandando ao juiz responder a queixa em 15 dias. A magistratura protestou a presidencia da provincia contra esta decisão da assemblea por inconstitucional : e este protesto foi publicado no *Treze de Maio*, que assim fechou a sua carreira de 17 annos. O Sr. Dr. Malcher pedio a reconsideração do parecer, e nesta occasião o Sr. Miguel Pinto teve de conhecer o nenhum caso que delle fazem os mesmos para quem tem trabalhado em Santarem, pois que declarando que havia de votar pela reconsideração, não achou apoio, foi deixado só ! Veio o adiamento, unico remedio na apurada crise.

A cidade e a provincia soube-o com prazer, porque era o termo final. E si me he permettido moralisar o facto, os adiados devem estar satisfeitos com a presidencia, que preveuio seus gostos e desejos. O anno passado elles adiaram de facto a assemblea para irem divertir-se a Nazareth : adiados de direito, este anno, ninguem os criminará de irem a Nazareth. Pelas eleições de camaristas e juizes de paz, muitos deputados abandonaram a assemblea e foram caballar : agora para as proximas eleições, estão livres e desembaraçados, podem ir caballar, sem escrupulo, si he que o tinham de estarem papando os 3$200, fora da assembléa. O anno passado, elles adiaram, com o seu silencio, todos os projectos : este anno foram adiados por perderem a gravidade e magestade. Não he a primeira vez, que vemos causas diversas produzirem os mesmos effeitos. E, pois, sem cançar-me em repetir as razões com que se tem mostrado a necessidade do adiamento, elle era para mim de uma indispensabilidade incontestavel, e de justiça. O jornal, orgão da maioria adiada, não tem dito uma palavra sobre o adiamento ! He que não se anima a affrontar com a opinião publica. Esta he a razão do silencio, segundo entendo ; porem ha quem diga que elles se calam, para não estragarem, sugeitando-as desdo já á discussão, as boas razões em que fundamentam uma queixa, que levam ao governo contra o presidente da provincia. Não creio que possa merecer attenção semelhante aranzel, á vista do que na sua

FOLHETIM.

MÃI JOB.

POR HENRIQUE CONSCIENCE.

V

(*Continuação.*)

Quando ficou só, mãi Job poz-se a tremer de anciedade. Em sua triste viagem não encontrára senão presagios desfavoraveis, e receiava que fosse baldada sua tentativa.

A attitude e as palavras do criado corroboravam-lhe este afflictivo presentimento. Mas, quem podia saber ? Visto que o barão tinha horas de bom e de máo humor, não podia ella ter chegado em um instante favoravel ?

Assim fallavam no meio de suas previsões desesperadas sua razão, e seu coração cheio de coragem e de esperança. Além disto ficou esperando tanto tempo sozinha, que pôde sondar dez vezes todo o horror de sua situação, e dez vezes escapar ao desalento que a assaltava. A impaciencia fazia arfar-lhe violentamente o seio, ao menor rumor que ouvia um sorriso de alegria illuminava-lhe o semblante ; seus olhos não deixavam a pendula que ornava a chaminé, ella seguia sua marcha lenta, contava os minutos e os segundos, e arrancava um suspiro doloroso a cada grão que alcançavam os ponteiros. A diligencia passaria antes della ter voltado para Wispelbeke ! Ainda era tempo... mas deixavam-na nessa sala como se tivessem esquecido sua presença.

Um grito suffocado de alegria escapou-lhe no momento em que ouvio passos no corredor ; ia ser levada á presença do barão.

— Senhora, disse o criado, meu amo está occupado, e não gosta de ser incommodado. Sem duvida Vmc. vem recommendar sua cerveja ? Meu amo diz que traga meio tonel para amostra.

— Mas, não he esse o motivo de minha visita. Venho fallar de uma cousa que não soffre demora ; rogue, supplique em meu nome ao senhor barão que me conceda somente um instante de audiencia. Ah ! ajude-me, meu amigo ; Deos o recompensará.

O criado contemplou-a com sorpreza ; pareceu tocado do tom que accentuava sua voz, e respondeu :

— Então não he para fornecer cerveja ao castello ? Como Vmc. parece commovida ! Tranquillise-se, meu amo he homem excellente ; vou dizer-lhe uma palavra para que elle a receba. He um favor que vem pedir ?

— Sim, um favor importante, um verdadeiro beneficio !

— Então dar-lhe-hei um conselho. Meu amo he mui nervoso, quando alguem o sorprende ou causa-lhe uma emoção inesperada, torna-se impaciente e colerico. Não lhe diga de uma vez o que deseja ; seja reservada e prudente em suas explicações. Sendo tratado assim, elle he a bondade personificada. Espere ainda um pouco : virei brevemente chama-la.

O criado desappareceu na avenida acompanhado pelos ardentes agradecimentos de mãi Job.

Mais disposta a aceitar os bons presagios do que os maos, mãi Job experimentava nessa sala tanta alegria, como se já tivesse visto brilhar a seus olhos o dinheiro que havia de salvar o filho. Poz as mãos, e ergueu os olhos ao céo para render graças a Deos pela doce esperança que enchia-lhe o coração. Não ficou sozinha por muito tempo. O criado veio logo busca-la, e conduzio-a a um salão magnificamente ornado, no qual brilhavam por toda a parte ouro, estofos de seda, e tapetes de mil côres.

Desta vez o criado deixou-a sem offerecer-lhe um assento ; ella não attreveu-se a assentar-se em uma das bellas poltronas, cujo forro de velludo vermelho guarnecido de franjas de ouro deslumbrava-lhe os olhos.

Um estremecimento correu-lhe por todo o corpo quando o barão appareceu vestido de um roupão de varias côres, e sem fallar-lhe encarou-a como para perguntar-lhe o que desejava.

— Senhor barão, balbuciou ella, perdoe a uma mãi afflicta ter ousado confiar na bondade de vossa excellencia, cujo nome lhe foi lembrado pelo proprio Deos...

Este tom triste não agradou sem duvida ao barão ; pois elle reprimio um movimento de impaciencia e respondeu :

— Quem he Vmc. ? Não a conheço.

A frieza destas palavras encheu mãi Job de angustia.

— Meu marido he fabricante de cerveja em Wispelbeke, disse ella com voz hesitante ; sou a mãi de Hugo.

— Hugo ! Hugo ! murmurou o barão apoiando o dedo sobre a fronte. Falla de Hugo Job, que he negociante na cidade ?

— Sim, senhor, de Hugo Job.

— He verdade o que Vmc. diz ? Não me engana ?

— Eu enganar a vossa excellencia ! Não me reconhece mãi ? O senhor barão foi uma vez a nossa casa agradecer-nos uma bella acção de Hugo.

— De facto, creio que reconheço-a. Então he a mãi daquelle que arriscou a vida para salvar meu filho ? disse o barão pensativo e tomando uma das poltronas. Assente-se, senhora, e perdoe minha frieza. Assente-se, quero que esteja a seu gosto..... Se recusar assentar-se, serei obrigado a ficar tambem em pé.

— Será, pois, sómente para agradar-lhe, senhor barão, murmurou mãi Job radiando de alegria.

— Desculpe-me, senhora, por tê-la recebido tão mal, disse o barão. Nós outros ricos somos de tal maneira assaltados por pedidos e rogos de toda a especie, e além disto somos tantas vezes enganados, que involuntariamente nos habituamos a desconfiar de todos... Então Vmc. he a mãi de Hugo Job ? Dê-me a mão, boa senhora ; tenho grande prazer de vê-la. O criado disse-me que Vmc. vinha pedir-me alguma cousa. Falle, que posso fazer para seu serviço ?

O tom affectuoso com que o barão pronunciou estas palavras, e a esperança que repentinamente penetrou no coração de mãi Job, commoveram-na tão vivamente, que a voz afogou-se-lhe na garganta, e em vez de responder, ella rompeu em pranto.

— Está triste, senhora ? disse o barão apertando-lhe a mão. Console-se. Seu filho Hugo salvou generosamente meu filho quando nenhum dos seus amigos atrevia-se a soccorrê-lo. Elle recusou toda a recompensa. Peça-me agora essa recompensa... Vmc. parece estar afflicta, permitta-me que a soccorra.

— Ah ! exclamou mãi Job, choro de alegria e de reconhecimento para com Deos, porque deu a vossa excellencia coração tão generoso, e permittio que o anjo de minha guarda pronunciasse seu nome ao meu ouvido, quando tudo em torno de mim estava sombrio como o fundo de um abysmo. Oh ! ainda que vossa excellencia não possa prestar-me o auxilio que venho implorar, seja sempre abençoado pelas suas doces e bons palavras !

O barão deu-lhe alguns instantes para serenar-se, e depois tomou a palavra :

— Ei-a, diga-me o que deseja, falle francamente e sem receio.

— Senhor barão, isto entristecerá talvez a vossa excellencia, que he tão bom ; mas, perdoe-me se o penaliso. Meu filho Hugo he negociante na cidade, acabo de ver com alegria que vossa excellencia o sabe. Elle associou-se com certo senhor Walter, que tinha a reputação de homem habil e prudente. Esse Walter fugio para a America, falsificou os livros de commercio, sacou lettras de cambio, e obteve ardilosamente importantes assignaturas de meu filho. Hugo, despojado de tudo, está responsavel pelas dividas da casa, será accusado de banca-rota fraudulenta, e mettido na prisão...

— Que diz ? exclamou o barão com voz compassiva. Pobre mãi !... Mas, a quanto se elevam as dividas ?

— A trinta mil francos ! murmurou mãi Job com voz suffocada, e como confusa da importancia do soccorro que vinha pedir.

— Trinta mil francos, repetio o barão ; he muito.

— Nós possuimos bens avaliados pelo notario de nossa aldeia, o senhor Styns, em sessenta e cinco mil francos. Já estão carregados de uma hypotheca de vinte e cinco mil francos, que serviram para formar o capital de Hugo, e que agora estão perdidos. O que venho pedir a vossa excellencia he que tenha a extrema bondade de aceitar segunda hypotheca sobre nossos bens, e me empreste os trinta mil francos de que necessito para salvar meu filho Hugo da deshonra e de uma ruina irreparavel... Aceitaremos o juro que aprouver a vossa excellencia pedir, e tiraremos o pão da bocca para o pagarmos regularmente todos os annos.

— Qual juro ? perguntou o barão sorrindo.

— Quatro, ou mesmo cinco por cento, senhor barão.

— E Vmc. chama isso um beneficio de minha parte ?

— Ah ! tudo... todo o que aprouver a vossa excellencia, com tanto que meu pobre Hugo seja salvo !

— Vmc. sabe que semelhantes negocios não podem concluir-se senão por certos escriptos, que uma mulher casada não póde assignar. Tenha esperança, volte para a casa, e envie-me seu marido ; tratarei com elle a esse respeito... Vmc. empallidece ! treme ! porque ?

— Meu Deos ! meu Deos ! eu não tinha cuidado nisso ! exclamou mãi Job erguendo as mãos ao céo. Quanto padeço ! Crer que tinha achado sua salvação, e vê-la ainda escapar-me !

— Tranquillise-se, senhora, disse o barão. Que significa esse repentino desespero ?

— Oh ! senhor, he preciso que Hugo tenha hoje ou amanhãa bem cedo os trinta mil francos para pagar as lettras de cambio, senão será declarado fallido, e tudo estará perdido. Corri a pé a vossa excellencia exposta a todo o ardor do sol para não perder tempo. A dôr enfraqueceu-me o espirito ; esqueci-me de que a presença de meu marido era necessaria aqui. Agora está perdida para mim toda a esperança : amanhãa... amanhãa será tarde !

— Vmc. está mui commovida, disse o barão com bondade. Porque não tem mais confiança em mim ? Eu queria poupar sua delicadeza. Agora comprehendo melhor a causa. Espere um momento.

Foi a um canto do salão, abrio um armario, tirou uma folha de papel, e poz-se a escrever.

Mãi Job mui tremula tinha os olhos fitos sobre elle. Que fazia ? Esse escripto não podia salvar seu filho Hugo. Sómente o dinheiro tinha tal poder !...

O barão tomou segunda folha de papel, escreveu nella tambem algumas linhas ; depois chegou-se a mãi Job, e com o olhar fito em uma das folhas, disse-lhe :

— Ouça o que está neste papel : Eu, abaixo assignada, moradôra em Wispelbeke, declaro que recebi do barão Van Hove de Linthou, em nome de meu marido Job, a somma de trinta mil francos, a qual será posta por uma escriptura ulterior em hypotheca sobre nossos bens, vencendo annualmente o juro de dous por cento... » Assigne agora.

— Mas, senhor, exclamou mãi Job, não posso aceitar isso. Dous por cento !

— E se Vmc. me pagasse a quatro por cento, que seria do favor que me pede ? Diga a seu marido que venha fallar-me de hoje a oito dias, ou mais tarde se lhe convier ; regularei o negocio com elle. Tome esta penna e assigne... Não trema assim...

— Como não tremerei ? murmurou mãi Job com os olhos cheios de lagrimas ; como não tremerei de alegria e de reconhecimento ? Ah ! isto que agora assigno he a honra, he a vida, he a salvação de meu charo filho !

— Vmc. he uma mulher excellente, disse o barão. Se lhe fôr difficil o pagamento dos juros, não se afflija. Agora tome este papel e não o perca : he uma ordem de pagamento sobre o meu banqueiro da cidade. Elle entregará trinta mil francos á pessoa que lh'a apresentar. Vmc. tem pressa ; pois vá, e se lhe acontecer outra desgraça, mãi de Hugo, já sabe o caminho deste castello, rogo-lhe que delle nunca se esqueça.

Mãi Job cheia de emoção e de alegria não poude fallar ; deixou-se cahir sobre o assoalho, e abraçou chorando os pés de seu bemfeitor ; mas este tambem commovido desprendeu-se-lhe das mãos, e sahio do salão balbuciando um affectuoso e cordeal adeos.

O criado de libre entrou e ficou immovel e direito como uma frecha até que mãi Job tornando a si de seu transporte disse-lhe :

— Ah ! meu amigo, que excellente amo tem Vmc ! Deos he justo : elle o recompensará dando-lhe eternamente a gloria do paraizo !

— Não lhe tinha eu dito ? respondeu o criado. Mas venha, senhora, meu amo ordenou-me que a conduzisse até a barreira : a menor demora no cumprimento de seus desejos o enche de colera. Meu amo he tão nervoso ! he triste doença !...

— Rogarei a Deos por elle todos os dias, disse mãi Job. Semelhante homem doente ! Ah ! fique certo de que isso melhorará.

Sem accrescentar uma palavra, o criado acompanhou-a até á barreira, despedio-se desejando-lhe feliz volta, e tornou para o castello.

A poucos passos de distancia estava pai Mols, o qual terminara seu negocio com o jardineiro, e sabendo que mãi Job ainda estava no castello a esperara no caminho para ir em sua companhia até sua fazenda.

— Então fallou ao barão ? perguntou elle. Como foi recebida ?

— Ah ! que horror ! respondeu mãi Job com azedume ; dizer mal de semelhante homem ! He um anjo de bondade !

— Sim, sim, replicou o camponez rindo, Vmc. achou-o em um momento de bom humor, e eis ahi porque elle he um anjo. Torne a vir amanhãa, achará tambem um anjo ; mas esse será negro como o demonio... Ainda vai correr como de manhãa ? Agora não ha mais pressa.

— Ha mais do que nunca ! Pai Mols, não se fatigue para seguir-me. Parece-me que tenho azas. Adeos, adeos, até domingo !

— Pois corra sozinha ! exclamou pai Mols seguindo-a com a vista até que ella desappareceu com admiravel rapidez na volta da avenida.

Depois de dar largas ao seu desejo de chegar por uma marcha fatigadora de um quarto de hora, mãi Job parou como se uma idéa lhe surgisse subitamente no espirito. Metteu a mão por baixo do lenço, e pareceu procurar alguma cousa. Um grito de terror e de angustia escapou-lhe dos labios e suas faces inflammadas se tornaram extremamente pallidas ; mas ella deu immediatamente novo grito, que fez retumbarem as arvores como uma exclamação de alegria.

— Meu Deos ! eu cuidava te-lo perdido, disse ella ainda tremula pela dupla emoção que acabava de experimentar. Mas ainda o tenho, este papel ditoso !

Fitou um olhar cheio de admiração sobre a ordem de pagamento que o barão lhe dera, e murmurou pensativa :

— Quantas cousas inventam os homens ! Este pedaço de papel vai trinta mil francos ! He a vida de meu filho, a honra, a felicidade de uma familia inteira !... Mas ja tomei respiração, he preciso adiantar-me. Talvez não tenha passado ainda a deligencia. Avante ! avante !

E com a mesma rapidez que dantes, continuou a caminhar ou antes a correr na poeira da estrada. O sol dardejava-lhe sobre a cabeça raios abrazadores, seus pulmões mal podiam soffrer essa carreira penivel ; o suor gotejava-lhe abundantemente da fronte, e ella respirava com esforço... Porem posto que suas forças ameaçassem cada vez mais succumbir á fadiga, ella não se rendia e continuava a caminhar tirando de quando em quando o papel que havia de salvar Hugo, para que a vista desse escripto magico lhe renovasse a energia e a coragem.

Emfim avistou o campanario de sua aldeia ; mas ou porque a fadiga a tivesse vencido, ou porque essa vista lhe houvesse causado uma emoção nervosa, ella poz-se a tremer, e vio-se logo forçada a apoiar-se em uma arvore.

Ficou nessa attitude alguns instantes, isto he, até que se tivessem applacado um pouco as penivels aspirações que faziam-lhe arfar o peito ; então levantou a cabeça, fitou sobre o campanario da aldeia um olhar risonho, e exclamou :

— Coragem ! coragem !... Hugo !... A diligencia... Eia, adiantemo-nos !

E deixou a arvore para continuar a correr na direcção de sua casa.

— Ah ! louvado seja Deos ! exclamou elevando o papel, e lançando-se na alvoca, onde se achavam Rosina e seu marido. O barão consentio, e emprestou-nos a somma. Tenho aqui os trinta mil francos ! tenho sua liberdade, sua honra, sua ventura ! Toma Job, estás vestido, a diligencia ahi vem, corre a cidade, e leva este papel a Hugo !

Metteu o papel na mão do marido estupefacto, e correu muito alegre ao leito de Engelbert. Os olhos do menino estavam um pouco entreabertos, e elle esforçou-se para rir, embora tivesse o rosto ainda muito inflammado.

— Não o disse eu ? elle ficará são ! Ah ! tu ris, meu charo filhinho ! exclamou ella depondo um ardente beijo sobre os labios de Engelbert...

Mas voltou se immediatamente e olhou para o marido com ar de sorpreza e de interrogação.

Este que não se tinha ainda levantado murmurava em tom irritado :

— Que eu vá ter com Hugo ? Levar-lhe o patrimonio dos outros meus filhos ! Ah ! eu me agastaria. Não, não vou.

— Da-me, da-me ! exclamou mãi Job ; irei eu !

— Tu ? cahirias doente. Já corres tanto ! Estás lavada de suor.

— Pouco importa ; não ha tempo a perder. Eia, da-me para que eu parta.

— Então antes quero ir eu mesmo, disse Job com máo humor ; todo o risco que corro he ter um ataque de apoplexia !

E sahio murmurando outras palavras de enfado.

Rosina saltou ao pescoço da mãi, e exclamou com explosão de alegria :

— Ah ! minha mãi, he verdade ? Hugo está salvo ?

— Deos he bom, minha filha, disse a mulher com transporte. Confia nelle, Rosina, que isto ha de melhorar !

(*Continuar-se-ha.*)

Vide *Diario* n. 250.

MUTILADO

representação disseram os illustrados magistrados desta cidade, e do que se tem repetido nas gazetas. Contam elles com a influencia do senhor Fausto: não sei porem si a influencia do Sr. Fausto sera tão grande.

O Sr. Miguel Pinto tem sido descomposto em todos os cantos e ruas por não querer ir com elles na estaiada questão do Ponce. O Manoel Antonio Rodrigues passou uma descompostura ao Sr. Fausto em retribuição do completo desprezo que elle votou a Botica, e o que he de notar-se, a descompostura foi em plena assemblea, e o Sr. Dr. Castro—nem ao menos um não apoiado deu.

Os papeis andam, hoje, trocados a Botica os tem chamado a si, e os tem tornado inimigos daquelles que com elles foram victimas do piparote! Nos padres não admira; porque o evangelho manda amar os inimigos,(sabe-se que não manda adiar aos amigos) e elles sacrificam os insultos, e as infamias pessoaes, ao bem publico, que só podem fazer, unindo-se com a Botica.

Deos queira que não mais incorram nas iras da Botica os morphelicos immoraes, os bebados, e as bestas do Apocalypse: Deos os conserve na santa paz em que vivem, para bem do estado e da religião.

Lembra-me noticiar-lhe que os meus padres crearam uma sociedade, a— União Ecclesiastica, — para se unirem. Isto me faz suspeitar que não reinava a paz na santa igreja: e se reinava, para que mais união? Cheira-me isto a cousa de espertos. Tenho dado uns vomitoriozinhos a um que conheço, e elle nada vomita: ou anda tambem alheio ao quarto voto, ou he fino como um jesuita. Consta que suspenderam os trabalhos até a vinda do Exm. diocesano.

Se esta minha correspondencia merecer destino diverso das duas, não encherei o *Diario de Pernambuco* de frandulagens de bodes de ventura, nem de esfarrapados elogios á uma assembléa que tem contra si a opinião, a magistratura, e o adiamento: não recusarei ao digno juiz municipal e delegado, os louvores que merece por sua intelligencia, actividade e energia, e inexorabilidade com réos de policia; e ainda menos troca-los em criticas e censuras mentirosas. Serei justo.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

—Donde procede se declamar tão fortemente no mundo contra a devoção, e ser ella hoje o objecto da mais severa critica dos dissolutos, e da censura ordinaria de quasi todo o mundo?

Eis a pergunta que primeiramente nos vem ao pensamento, toda a vez que, recolhendo-nos á nós mesmos, pensamos nas criticas que soffre a devoção. E a razão, que se não busca, mas que se acha ao alcance de qualquer, he, que não se conhece, nem se confunde a verdadeira devoção com a hypocrisia exterior, que tantos males causa á verdadeira piedade, e que tem tornado o nome de devoto tão odioso, que algumas vezes se o toma por injuria.

Nada he mais amavel, nada mais respeitavel, que a verdadeira piedade. Ella não he nem agreste, nem incivil; o seu ar nem he austero, nem odioso; ella aborrece a ostentação e o fausto; isenta do escrupulo sem affectação; ignora os modos affectados e mundanos, e em tudo se patentêa igual.

Inimiga de toda a dissimulação, concilia os espiritos pela rectidão, e attrahe o coração pela doçura. Magestosa em sua simplicidade, ella he tanto mais humilde, quanto mais respeitavel; o seu merecimento não depende do capricho ou das idéas phantasticas dos homens; a solida virtude he o seu fundamento, e unicamente tem por objecto e fim a Deos.

Bem longe de seguir caminhos extraordinarios, que induzem ao erro ou a idéas presumsosas que ensoberbecem; acha sempre nas obrigações mais communs do seu estado, o caminho seguro de chegar a uma alta perfeição.

Uma piedade estudada e artificial, só anda por caminhos incognitos e extraordinarios; ao passo que a verdadeira piedade nunca sahe do seu estado.

O verdadeiro devoto deve ser humilde sem affectação, modesto sem fingimento; deve trajar segundo a sua condição, mas sem luxo, afim de inspirar veneração á virtude. A sua doçura para com todos, e a sua sabedoria em todas as suas palavras e em todos os seus actos devem servir de admiração a todos.

A exacção em pagar o salario dos seus domesticos e em prover as suas necessidades, não he a menor de suas boas qualidades. A caridade e a justiça devem ser seus guias nos transes da vida.

Elle deve ser paciente, benefico, não conhecer emulações, não fazer mal a ninguem, não ser ambicioso, nem altivo, não pensar mal de ninguem, ser humilde e officioso; não se irritar e soffrer tudo com paciencia, desculpando com benignidade.

Por estes principios devemos concluir que, aquelle que quizer ter verdadeira devoção, não deve ter nem amor proprio, nem dissimulação e ambição.

—Uma fabrica se acaba de montar entre nós para o fabrico de velas de carnauba e sabão. Era para lamentar que, tendo nós tanta carnauba em nossos sertões, se não houvesse ainda montado uma fabrica na escala em que se acha esta, afim de melhor aproveitarmos esse producto da natureza. Essa fabrica denominada—Industria Pernambucana,—se acha fundada na rua do Brum, de propriedade de um inglez, ella hoje conta em seu seio trinta operarios, todos brasileiros, entre os quaes algumas mulheres. A luz que dão as velas preparadas nesta fabrica he superior a das nossas de carnauba e rivalisa com a de spermacete; o sabão igual aohespanhol he rijo e da com o contacto d'agua umaespuma forte e que esfregando-se em qualquer nodoa tira-a com facilidade. O Sr. Eduardo Wilson mostrou, dandonos tal fabrica, quanto desejo tinha da prosperidade de um paiz aonde seus filhos devem ver a luz do dia. Praza aos céos que uma tal empreza prospere e vigore cada vez mais.

—Quando o homem vive de ouvir em um lugar para constar n'outro, o seu grao de degradação he extraordinario, e como tal só merece o desprezo da sociedade e o ferrete da ignominia lhe deve ser lançado. Ora, Sr. Quinquim pai das e...., para que foi Vmc. intrigar esse homem com o Sr. fiscal. Não era melhor que cuidasse nas suas c..., do que andar contando aquillo que nem vio, nem ouvio? Meu *senhorzinho*, olhe que nem sempre encontrará pessoas pacientes como essa de quem contou a historia, depois se não queixe!!!!

—He bonito ver as vestes amarellas de que se cobre a fachada de certa igreja desta cidade, logo que se avizinha a festa da imagem que nella se venera; parece um xexéo de encontros amarellos e lombo preto como um azeviche. Fazem bem, depois não gritem que lhes querem tirar a igreja.

—Em tempos de maior simplicidade costumavam os intrigantes enterrar ovos chocos nas portas das pessoas a quem queriam ver desapegadas, e muitas vezes conseguiram seus fins, com semelhante—agouro—: mas hoje, no tempo das luzes, quem faz caso de um ovo podre, que quando inteiro deve ser quebrado na testa de quem o deitar na casa ou porta alheia!!! Pois bem; ainda ha patota que se occupa com esta frioleira, lá para o aterro da Boa-Vista; Deos lhe dê o que lhe falta.

—Acham-se recolhidos aos patrios lares os Exms. Srs. barão da Boa-Vista e conselheiro Sebastião do Rego Barros: Suas Excs. teem sido vizitados por grande numero de amigos e affeiçoados.

—Chegou hontem do Rio de Janeiro a fragata a vapor «Amazonas», e com ella fica o nosso porto guarnecido com seis vazos de guerra de differentes dimensões, todos bem preparados.

—Hospital de caridade.—Dia 22.—Existiam 76, sahio 1, existem 75.

(*Até amanhãa.*)

Correspondencias.

Srs. redactores. (*) —Quando no *Diario de Pernambuco* de 27 de dezembro de 1855, appareceu uma correspondencia, datada de Therezina em 26de novembro do mesmo anno, assignada sob o pseudonymo *Expectador*, dous estudantes da Faculdade de Direito do Recife, publicaram um *escripto* immoral, em prosa e verso, o qual denominaram *Uma cassoletada e um canto*, e em que, suppondo-me o autor daquella correspondencia, e, conseguintemente, das paradoxaes e odiosas expressões nella contidas, se referiram a mim, cobrindo-me de injurias, calumnias e ridiculo, tanto mais aggravantes e affrontosas, quanto immerecidas e injustas!!

Immediatamente que li tão grosseira e desabrida *producção*, e escrevi á Vmcs. uma carta, pedindolhes que, ao pé della e por meio de seu *Diario*, declarassem que eu não sou o autor de tal correspondencia, etc.

Mas, não havendo ella chegado-lhes ás mãos, o que attribuo á subtracção, onde não ignoro, por não ser ella a primeira minha carta que lhe dirijo, que tem essa *sorte*, vou ainda rogar-lhes que se dignem satisfazer ao meu pedido, declarando a Vmcs. se, com effeito, sou o que escrevi essa pessima correspondencia; o que poderão verificar confrontando a lettra *della* com a desta carta, que he a propria minha lettra.

Os meus inimigos e depressores que são incansaveis em perseguir-me, fizeram, mui contentes, uma *espada* dessa cerebrina correspondencia para ferir-me e desconceituar-me no juizo de alguns Piauhyenses sensatos que me honram com sua estima e consideração, e experimentaram supremo e ineffavel gosto quando leram as excellentes injurias, que me arremessaram os taes senhores academicos.

Que insolita cobardia!!!

Cumpre esclarecer que não imputo immerecida e infundadamente a esses dous moços estudantes a paternidade daquelle vergonhoso *escripto*. Os seus collegas desta provincia o disseram, e fizeram tanto mais bem, quanto evitaram que as suspeitas, de qual seria o autor dessas injurias e calumnias, recahissem em outras pessoas.

Que haviam sido estudantes do Piauhy, conheci logo, apenas acabei de ler essa puerilidade asquerosa de almas triviaes, que, abnegando todas as conveniencias de civilidade e decencia, ao menos por deferencia ao publico, não trepidaram em offender cruelmente á quem nem, se quer, os conhece!!

(*) O Sr. Domingos Herculano Achiles Pessoa Cearense, nunca foi nosso correspondente no Piauhy e nem nos consta que tivesse parte na correspondencia de que falla, nem mesmo se acha ella escripta por lettra delle.

Recife 22 de outubro de 1856.

Os redactores.

Mas, que fossem os senhores Coriolano e Freitas, nunca, por certo, me inclinarei a suppor, ao menos!....

E não pequena por tanto, foi'a minha estranheza quando de tal me convenceram!...

Seja como for, o procedimento desses moços foi reprovado aqui por todos aquelles que bem sabiam que eu jámais serei capaz de escrever o que escreveu o *Expectador*, e os quaes não commungam certamente dos acres sentimentos de odio e despeito de outros que me aborrecem e menoscabam gratuitamente.

O autor da correspondencia ahi esta incolume, e no entanto, nenhum *desses poetas e prosadores* jurisconsultos, ainda achou estro, inspiração e enthusiasmo para refuta-lo, ou mesmo descompo-lo!!

Que homens *denodados*!!!!

Attacam cobardemente a quem está pacifico, e emmudecem cabisbaixos diante do que insolentemente ousa humilhar os Brasileiros Piauhyenses, por quem se mostram tão zelosos, defensores e interessados!!!

Que moços *intrepidos* e *inabalaveis*!!!....

Por hoje somente quero mostrar que não sou o autor de uma correspondencia reluctante, em que se encontram expressões, que de certo modo, deslustram os meus concidadãos do Piauhy, onde tenho encontrado muitos homens de honra e philantropia e boa educação, e poucos inhospitaleiros e aggressores como os dous *escriptores catingueiros* da immunda e repulsante *Cassoletada*.

E, pois, espero dos sentimentos de justiça dos Srs. redactores deste jornal, que darão, junta a esta, a declaração que peço.

Ser-lhes-ha agradecido o de Vmcs. concidadão, leitor e criado,

D. Herculano A. P. Cearense.

Valença do Piauhy 21 de agosto de 1856.

Senhores redactores. — O *Jornal do Commercio* de hoje, referindo-se ao concurso que no dia 15 do mez passado se effectuara na thesouraria provincial para o lugar vago de segundo escripturario da mesma repartição, diz constar-lhe com toda a certeza que para esse emprego foram propostos em primeiro lugar os Srs. Antonio Melquiades da Silva e Marcomiro Panceracio Pereira dos Santos e em segundo os Srs. Martins, Balduino e Cezar dos quaes o penultimo he alli amanuense e o ultimo praticante, accrescentando que tendo sido publicada pelo *Diario* de 20 do corrente a noticia de ter sido nomeado para praticante da thesouraria geral o Sr. Marcomiro, subsiste unicamente a proposta do Sr. Antonio Melquiades em primeiro lugar para aquelle emprego da thesouraria provincial.

Em seguida diz ainda o mesmo periodico, que se os accessos naquella repartição só são conferidos pelo regulamento provincial de 3 de agosto de 1852 art. 43 para os primeiros escripturarios e chefes de secção, devendo ser preferidos para os demais empregos, conforme o art. 46 do mesmo regulamento, os individuos que tiverem a aptidão precisa, ainda que não pertençam ás repartições de fazenda, he consequente que a escolha e preferencia não pode deixar de recahir em o Sr. Antonio Melquiades da Silva, que foi proposto em primeiro lugar para o emprego a que concorreu de segundo escripturario daquella repartição, e hoje que se acha sem aquelle outro seu competidor, tanto quanto nelle concorrem outras habilitações.

Se o *Jornal do Commercio* julgou dever advogar a causa do Sr. Melquiades, permittam, Srs. redactores, que um amigo do Sr. Marcomiro Panceracio recorra tambem ao seu bem conceituado *Diario* para advogar a delle.

O facto de ter sido o Sr. Marcomiro nomeado para o lugar de praticante da thesouraria geral lhe fez alguma honra, mas bem longe esta de inhabilita-lo para ser nomeado para o lugar de segundo escripturario da thesouraria provincial, para o qual foi proposto, conjunctamente com o Sr. Melquiades, em primeiro lugar, principalmente não tendo elle ainda entrado no exercicio daquelle emprego, do qual até ao presente nem mesmo procurou ainda tomar posse.

Quanto ás outras habilitações que o *Jornal do Commercio* diz, concorrem na pessoa do Sr. Melquiades, nada sei a respeito; mas posso assegurar aos senhores redactores que se a questão deve ser decidida, como quer o jornal, de conformidade com o regulamento da respectiva repartição, então sem duvida nenhuma sera' o Sr. Marcomiro o preferido, porquanto além de provar com documentos valiosos que estudou com proveito o que commummente se chama humanidades, tem em seu favor o conhecimento das linguas franceza e ingleza, que segundo me informam falta ao Sr. Melquiades, e he muito recommendado pelo dito regulamento. Finalisarei esta com as mesmas palavras com que o jornal terminou o seu artigo.:

« Esperamos que a decisão do Exm. Sr. presidente desta provincia acrisolara' o bem conceito que fazemos da sua recta e esclarecida administração. De Vmcs. attento venerador e criado.—Y.

Outubro 24 de 1856.

Este anno, muito tempo depois de haver eu preferido a companhia de meu pai ao martyrio que lentamente consumia meus dias, o Sr. Burgos Ponce de Leão convenceu-se que não era possivel pôr embaraços ao descobrimento da verdade, e que assim teria elle de ficar perfeitamente conhecido: assustado com esta bem merecida pena, tratou logo de salvar-se a todo o custo, e infelizmente o meio que achou mais appropriado para rehabilitar-se, foi o de figurar-me seduzida, e presa por meus pais, e depois pelos jornaes detratar destes e de todos quantos têem favorecido o meu divorcio.

Magoada por ver tantas diatribes contra pessoas que outra culpa não têem mais que desejarem o meu bem estar, pelos jornaes desta cidade publiquei algumas linhas asseverando ao publico, que mui espontaneamente procurei a casa paterna. Com este meio julguei ter conseguido o meu intento, e ainda mais quando li os posteriores artigos do Sr. Burgos, onde bem claramente elle deixa ver que não teria de continuar mais com o pretexto que lhe tinha servido de defeza: mas isto durou pouco; o Sr. Burgos não podendo justificar-se de outro modo, de novo suppõe-me seduzida e presa, e assim com direito a continuar em suas comicas declamações, como todas mais do *Jornal do Commercio* (do Recife) sob as assignaturas de *Justus*, e *Pai de Familia*. Persuadido que o publico aborrecido de ouvir essas declamações, (outra qualificação não podem ter) tenha revertido contra seu proprio autor o insuportavel fastio, e tédio de que ellas se resentem, escusado era roubar o tempo a algumas pessoas com a leitura destas linhas; mas em obsequio a outras que por minha causa passam pelo dissabor de ver seus nomes escriptos pela mão do Sr. Burgos, hoje torno a escrever este pequeno artigo para dizer pela segunda vez, que he falsissimo o pretexto de suas declamações, e tanto, que tendo eu ido a uma audiencia em Olinda, a requerimento seu, elle que estava naquella cidade (como logo se soube) não teve a coragem de nella apparecer. De um pretexto infeliz como esse de minha seducção ou prisão, somente se poderá servir quem não tem outro de que valer-se, como mui bem podem dize-lo todas as pessoas de diversas partes, que frequentam a casa de Martapagipe, e todas aquellas que sabem, que tendo sido ao Sr. Burgos tão facil outras cousas, muito mais lhe seria obter a companhia da mãi de seus filhos, a não estar ella por uma dolorosa experiencia por mais de dez annos, convencida que seu marido he justamente o contrario do que inculca-se.

Não me envergonharei pois de repetir que procurei a companhia de meu pai por ser o unico, e o melhor refugio de que podia dispôr para garantir a minha existencia, sendo que nella até tenho recobrado a saude que já me havia feito perder o tormentoso redomoinho em que me trouxe o Sr. Burgos todos os dias dos dez annos que por minha infelicidade estive em sua companhia.

Com o maior constrangimento chamo a attenção do publico para um negocio, que só a mim diz respeito, mas já que uma imperiosa necessidade obriga-me a isto, permittam-me, Srs. redactores, que aqui faça menção de um facto, que sendo bem pequeno em relação a muitos outros, todavia muito caracterisa a má vontade do Sr. Burgos a meu respeito, e o desejo que tem de ver-me, e a seus proprios filhos reduzidos as maiores necessidades. Deste facto concluir-se-ha tambem a facilidade com que o Sr. Burgos pratica acções, que a outro qualquer causaria os maiores dissabores.

Já sabem todos, que hoje nada mais possuo do que tres escravos que commigo foram depositados pelo Rvm. vigario geral, em poder de meu pai: tudo mais tem sido com a escandalosa antedata, e fraudulentamente esbanjado, entretanto o Sr. Burgos, não satisfeito com isto, fez uma venda phantastica destes mesmos escravos, os ultimos do meu casal, e em nome do Sr. José Ignacio de Mello (o supposto comprador) mandou citar-me por um official de justiça para entrega-los: mas esta intriga não teve lugar, e com isto tanto irritou-se o Sr. Burgos Ponce de Leão, que na audiencia seguinte, dada pelo juiz municipal desta comarca, o seu advogado na maior publicidade, requereu que fosse eu novamente citada, para incontinente entregar os escravos sob pena de desobediencia!!!

Quem deste facto souber, e ainda mais que elle teve lugar em um dos mezes em que o Sr. Burgos mais alardeou pelos jornaes de bom pai, e optimo marido, certamente se horrorisara de tanta hypocrisia! porém a mim (crêam todos) não fez a menor impressão, pois tendo eu visto o Sr. Burgos em Santo Antão, requerer a prisão de sua propria mãi (como he tão sabido naquella cidade), não podia admirar-me de vê-lo no Cabo, requerendo a de sua mulher.

Apresento este facto, cujos documentos existem n'um dos cartorios da villa do Cabo, tão sómente para que melhor acreditem no que acabo de dizer, e que eu do Sr. Burgos nada mais quero do que um esquecimento eterno.

Martapagipe 11 de setembro de 1856.

Thereza Adelaide de Siqueira Cavalcanti.

P. S. A tentativa do Sr. Burgos não progredio por causa de um documento, que o Sr. José Ignacio de Mello se dignou ministrar-me.

Variedade.

Historia das quarenta cadeiras da academia franceza.

Por Mr. Pitre Chevalier.

Origem e fundação da Academia.

Pelo meiado do seculo 17, no fundo de um palacio da rua dos Cinq—Diamants, em uma grande sala sem pinturas, sem cortinas, e quasi sem mobilia, sem jogo no mez de março, diante de uma mesa coberta de papeis, livros e poeira, um homem acabava de escrever uma « Ode a Richelieu. »

Esse homem era João Chapelain, autor da Pucelle, o maior poeta que jamais houve, na opinião de seus contemporaneos, mas que seria completamente esquecido hoje, se Boileau o não tivesse immortalisado por suas satyras, e se não tivesse contribuido para a fundação da academia franceza.

Segundo o autor das Historiettes, era elle feio de cara e malfeito de corpo, alem de andar sempre cuspinhando.

Nesse tempo diz Tallemand des Reaux, tinha elle uma casaca de setim furtacor forrada de verde que ja lhe servia ha 10 annos.

Tinha tambem as mais ridiculas botas do mundo, e as mais ridiculas meias. Penso que nunca tivera nada que fosse novo. O marquez de Pisani dizia não sei em que versos:

« J'avais des bas de Vangelas
Et des bottes de Chapelain. »

Por mais velhos que fossem seu chapéo e sua cabelleira, continua seu biographo, elle tinha ainda cousas mais velhas; no enterro de sua mãi, eu o vi com crepe que a força de ter servido, estava côr de folha secca.

Quanto ao seu retrato moral, o mesmo escriptor encarregou-se de o fazer.

Filho do um natorio de Paris, fôra mestre dos filhos de Mr. de La Trosse, preboste mor de França. Nesse tempo cingia uma espada, a qual conservou ainda mesmo depois de ter deixado o exercicio desse emprego.

Não sabendo o que fizessem para que a largasse, seus pais encarregaram a Boutard de desarma-lo amigavelmente. Eis aqui como este se houve:

Entrando um dia em casa de Chapelain, contou-lhe que tinha um duello a morte com um espadachim.

De meus amigos vossê he o unico que tras espada a cinta, por isso venho procura-lo para que me sirva de padrinho.

O poeta cambaleou, empallideceu e por pouco que não cahio desmaiado.

— Sinto muito, meu charo, respondeu elle reanimando-se, chega tarde: ha uma hora jurei por minha musa depôr hoje mesmo as armas. « Cedant armor togæ! »

Creio que não quererá que commetta um perjurio.

E pendurando logo a espada no gancho, nunca mais depois a cingio.

Chapelain era tão sovina, que antes queria arriscar-se a apanhar um defluxo de peito, andando por dentro d'agua, do que dar um soldo aos mendigos para passar em uma taboa.

Uma noite elle suspirava aos pés de madamosella Pelloquin, vestido tão miseravelmente, que a moça não pode conter o riso.

Vendo que ella escarnecia, Chapellain exclamou que se ia enforcar de desesperado.

— Enforque-se ja, disse-lhe a moça, seu capote ministra-lhe a corda!

A' força de escrever odes a este e aquelle, a Richelieu aos Condé, aos Conti, aos Longueville, aos Montansier, aos Noaille, etc., reunio muitos milhares de libras de pensão ou ordenado e adquerio em todos os lugares campeões de sua gloria, pois aquelles que lhe pagavam sustentavam que era homem de genio.

« Uma vez, refere Tallemant, remettendo-me um livro hespanhol, escreveu-me recommendando que tivesse delle grande cuidado, pois bem sabia qual era a sua delicadeza a respeito de livros. Tiro o papel que envolvia o volume e acho a capa toda ruida de vermes. »

Tallemant mandou encadernar de novo o livro antes de o restituir. Assim renovava Chapelain a sua livraria emprestando-a aos amigos.

Elle inventara a arte de não comprar nunca lenços, de não manda-los nunca lavar e de ter todavia sempre um sem furta-lo a ninguem.

Bastava-lhe para isso um trapo qualquer.

— Meu charo, dizia elle a um amigo, esqueci-me de trazer um lenço lavado, empreste-me um por favor, deixo-lhe o meu o qual levarei quando lhe restituir o seu..... e continuava do mesmo modo dirigindo-se a outro, depois a outro. Deixando sempre o ultimo lenço em lugar do que levava, não tinha em consciencia senão a bagatella da lavagem.

O mesmo systema foi applicado relativamente ás camisas por um cigano litterario de nossos dias, que chamava a esta operação: *um gyro de roupa.*

Como seu livro da Pucelle era caro (vendiam-no por quinze libras em formato pequeno, em formato grande por vinte e cinco), eis o que imaginou para com elle gratificar seus bemfeitores com pouco dispendio.

Destinou um só exemplar a duas pessoas;—por exemplo, a madamosella de Vertus e a madama d'Avaugour que moravam, uma em Paris, a outra na Bretanha; a Mr. Patru e a Tallemant que moravam uma legoa distantes um do outro; a Mr. Pellisson, preso na Bastilha e a Mr. La Bastide, secretario de embaixada em Londres.

Deste modo obrigava a um dos seus, senão a ambos, a comprar o livro que elle parecia dar.

Nesse dia pois Chapelain acabava uma ade a Richelieu.

Quando elle escreveu a ultima palavra leu, e releu e declamou todas as estrophes (eram trinta de dez versos cada uma); em uma palavra quando convenceu-se de que sua composição era uma obra prima digna de um accrescimo de pensão de mil escudos, tirou o chambre de tafeta preto lavrado que a irmãa lhe fizera de uma saia sua, e vestio para sahir o capote que fizera tanto rir a madamosella Pelloquin.

— Importa, disse elle a si mesmo, que eu va' ler isso ja e ja ao meu amigo Conrart!

E continuando a declamar e gesticular, dirigio-se pelos caes para a rua Saint-Martin.

Ora no mesmo dia, a mesma hora, justamente na rua Saint-Martin, outro homem fazia a mesma cousa que João Chapelain, e esse outro homem era precisamente Valentim Conrart.

Ao contrario do amigo, este era uma especie de burguez fidalgo. Descendente de uma familia honrada e rica de Valenciennes, mui bem relacionado em Paris, elle havia soffrido muito na mocidade das austeridades paternaes. O autor de seus dias prohibio-lhe de aprender o latim e o grego, julgando que estes estudos só convinham aos grandes fidalgos: prohibio-lhe tambem as ligas de pernas, as fivellas de sapatos e mandou cortar-lhe os cabellos rente.

Conrart indemnisou-se estudando o italiano e o hespanhol e occultando nas algibeiras fitas que atava na rua aos foelhos e nos sapatos.

Morto o pai, recuperou o tempo perdido.

Lançado na sociedade dos homens de lettras, constituio-se o Mecenas delles para vir a ser depois collega dos mesmos, e adoptou um meio excellente para fazer fallar de si: esse meio foi emprestar dinheiro aos poetas famelicos. Elle reunio tambem uma grande livraria e começou a compilar, a traduzir a imitar; em summa foi declarado escriptor e fez imprimir opusculos em verso e prosa. O facto he que prestou serviços reaes á litteratura pelas collecções que formou ou que salvou da ruina.

Charadas, enigmas, balatas, paraphrazes, madrigaes e epigrammas, tudo elle compoz.

Amigo de todos, parecia que ia pelas ruas gritando: Quem quer a minha bella amizade.

Era bastante acciado, não obstante acontecer-lhe algumas vezes em plenos salões metter os dedos no nariz.

Seu triumpho supremo era figurar nos romances de mademosella de Scudery. Elle he o « sabio Cleodamas » em *Clelia* e sua irmãa a « sabia Iberia. »

Ahi se descreve circumstanciadamente a sua linda casa de Athis que era o palacio de Rambouillet dos campos Todos os verões elle recebia nessa casa e com grande apparato os homens e mulheres dadas ás lettras.

Mas voltemos á rua Saint Martin.

Conrart dava a ultima limada em sua balata em resposta á de *Goutteux sans pareil*, de Sarrazin.

(O goutteux sans pareil era elle mesmo)

Logo que pulio a rima final, levantou-se, cortou as unhas, vestio-se e sahio dizendo:—Vou contiar esta joia poetica ao meu amigo Chapelain.

E ei-lo com effeito trotando com o manuscripto na mão, chamado e saudado a cada passo e chamando e saudando seus innumeraveis amigos.

Quando Conrart chegou a casa de Chapelain, soube com dor que este estava ausente.

Quando Chapelain apresentou-se em casa de Conrart, soube com desespero que este tinha sahido.

E tornando cada um a partir em busca do outro, ambos andaram duas ou tres horas sem encontrarem-se Chapelain a morrer de uma ode recolhida. Conrart, de uma ballada extravasada.

Cincoenta pessoas ouviram a'força na rua a *Ode a Richelieu ballada Gouteux sans pareil*; mas isso não podia bastar aos dous poetas que tinham fome um do outro. A Chapelain era precisa a admiração do Conrart a Conrart o enthusiasmo de Chapelain.

Voltando a' casa um do outro, para tomarem novas informações, tornaram a sahir e tanto andaram que ficaram extenuados de forças.

O mais curioso he que passaram duas vezes um pelo outro sem se verem,— com tanto fogo declamava Chapelain com sigo as suas estrophes, com tanto ardor recitava Conrart a's suas estancias!

Finalmente sua estrella ou antes sua musa, quiz que se encontrassem frente a' frente no caes de Greve...

O choque foi tão repentino e tão violento que Chapelain cahio para a direita e Conrart para a esquerda, ambos amalgamando-se reciprocamente.

Elles não se reconheceram se não quando se levantaram. e então lançaram-se nos braços um do outro.

— Ah! he vossê, meu charo Conrart?
— Oh! he vossê, amigo Chapelain?
— Para onde ia assim?
— A' sua casa, e vossê para onde ia?
— A' sua casa.
— Fazer o que?
— Ler-lhe esta Ode a Richelieu, e vosse?
— Ler-lhe esta balada a Sarragin.
— Procuro o ha tambem tres horas.
— E eu ha tres horas e meia.....

Ambos limparam as frontes banhadas de suor e as casacas cobertas de pó.

— Que feliz encontro! disse Chapelain, pondo a cabelleira as avessas.

— Um tanto atordoador, accrescentou Conrart, endireitando as fivellas.

— Dscute minha ode, amigo.

— Quando vosse tiver ouvido a minha balata.

E ambos com os braços levantados, com a boca aberta— *ore rotundo*— pozeram-se a declamar no mesmo tom.....

— Vosse não ouve-me, disse Chapelain que não se ouvia a si mesmo; fazem muita bulha neste caes.

Vamos a' sua casa.

— Sim, em minha casa nada lhe perturbara' a attenção.

Um quarto de hora depois os dous poetas estavam fechados no gabinete do goulteux sans pareil.

A luta ia começar outra vez mais porfiada que nunca se Conrart, em sua qualidade de Mecenas e, de amphytrião não tivesse cedido a palavra a seu hospede e amigo.

Chapelain recitou sem interrupção suas trinta estrophes de dez versos. O ouvinte achou-as magnificas, o autor declarou-as sublimes; e depois que este encareceu durante um quarto de hora os elogios daquelle, Conrart recitou tambem sua balata.

— Isso he mui bello! exclamou Chapelain.

— Não he incendiado? suspirou Conrart.

E o *rrescendo* perdeu-se nas nuvens de phebus. E um repetio sua ode, e o outro sua balata; e Conrart tornou a ler Chapelain, e Chapelain tornou a ler Conrart. E continuaram assim em solo, em diálogo. em coro até que Apollo lhes tirasse a luz. *Arcades ambo, et cantare pares, et respondere parati.*

Vendo emfim que seu genio não podia supprir o sol Chapelain abraçou a Conrart dizendo com effusão.

— Certamente somos mui belos espiritos!

—Mas, accrescentou com pesar, he para lamentar que não nos reunamos mais frequentemente. Quando temos uma obra nova para nos communicarmos somos abrigados a correr um apos do outro como esta manhãa contentes de nos chocarmos, e de cahirmos depois de longas horas de idas e vindas inuteis. Se marcassemos reuniões regulares, quatro ou cinco vezes por mez?

— De certo, disse Conrart, muito alegre, isso mesmo he que eu quero, e meu aposento esta'ia' tua disposição, e a' de nossos collegas. Formemos um circulo de bellos espiritos, onde cada semana, como nos sabados no hotel de Rambouillet, nós consultaremos reciprocamente sobre os filhos de nossa musa.

— Admiravel idéa! exclamou Chapelain, dobrado triumpho da amisade e das bellas letras! Convem executar esse projecto sem mais demora. Quaes serão os membros do nosso areopago?

— Antoine Godeau, companheiro jovial.

— Teu charo parente? De bom grado. Acho excellente sua « Oração por um procurador, e em necessidade por um advogado; » assemelha-se a um abbade, e sera' bispo algum dia; mas entretanto animara' com seu gaz nossas assembléas. A meu turno proponho-te Gombauld, perfeito leitor.

— E o antigo poeta de Henrique IV. « Seus sonetos a Philis lhe merecem um lugar nas nossas illeiras.

— Tomemos tambem Habert, commissario da artilharia, autor do « Templo da Morte, » e seu irmão, o abbade de Cerisy, o qual cantou a « Metamorphose dos olhos de Philis em astros.

— Não esqueçamos a François Giry, optimo advogado, tão sabio e tão modesto em suas traducções dos Gregos e dos Romanos.

— Somos ja sete; devemos ser nove, como as Masas. Que dirias de Malleville? perguntou Conrart.

— Ah! respondeu Chapelain; o secretario de Bassompierre, o inimigo de Richelieu. Elle trabalhou na « Grinalda de Julia, he bello titulo; mas tenhamos o cuidado de não offender o cardeal,

— Receias perder tua pensão? Ora! tu a fara's augmentar convertendo a Malleville.

— Pois bem, tomemos Malleville, tornou Chapelain; direi a sua Eminencia que somos cidadãos da republica das letras.

— Bella desculpa; assim nosso novo membro será o abbade de Serisay, intendente do duque de Larochefoncauld.

— Outro inimigo do cardeal! Tu me assustas Conrart.

— Aposto que Mr. de Sarisaya pplaudira tua Ode a Richelieu.

— Tens argumentos sem replica. Quando será nossa primeira reunião?

— Quinta-feira proxima.

— Até quinta-feira! E a posterida te fora noticias de nós!

— Ah! disse Conrart reconduzindo a Chapelain; outra idéa! Entremos bem cedo em sessão. Depois da leitura daremos um passeio, e depois do passeio tomaremos uma refeição. Os mais bellos espiritos tem um corpo...

— Sem duvida, sem duvida, interrompeu o cantor da « Pucelle »; aceito o passeio e a refeição! Reconheço tua generosidade, nobre Mecenas! acrescentou elle logo para determinar que Conrart encarregava-se das despezas do regalo.

Na quinta-feira seguinte os sete escolhidos, convocados por dous amigos, chegaram exactamente á casa do gotoso sem igual: Mrs. de Malleville, de Serisay, Giry, os dous Habert, Godeau e Gombauld.

Ogier de Gombauld, ja velho, mas que havia de viver quasi cem annos, passava pelo autor dos versos attribuidos a Henrique IV. Ao menos fora quem dirigira a penna do marquez de Uxelles, o qual pagava-lhe o estylo com um cavallo e um servo. Bello cavalleiro na sua mocidade, distinguido, dizem, até pelas rainhas, Gombauld tinha todos os talentos de um galãa: optimo dansador, boa espada, e tão excellente musico, que teria, dizem, inventado a musica. Não havia nada mais jocoso, contava madama de Rambouillet, do que ver seu embaraço, quando uma mulher o [illegible] na rua. Elle queria reconhece-la, [illegible] graciosa reverencia e observar-lhe ao mesmo tempo os pés; tudo isso dava-lhe a attitude mais estranha e mais comica. Quando alguem travava-lhe rixa, elle dizia: Passe a tal hora diante de minha casa; sahirei com uma espada. E limitava-se esgrimindo a lançar o adversario no lodo, tendo o cuidado de não sahir tambem manchado. Era tão ceremonioso e mysterioso, que tornava-se necessario dar-lhe batalha para faze-lo assentar-se á mesa, ou subir á carruagem, e sobretudo aceitar um mimo ou uma pensão. Temia sempre ser tomado por miseravel. Veio a se-lo assim realmente, e viveu na miseria, apezar da boa vontade de seus amigos. Deixou alguns sonetos notaveis, as poesias pastoris de « Endymioã, de Amaranto, » e a tragedia das « Danaides. »

Godeau « extraordinariamente pequeno e feio, » segundo diz Tallemant, dividio sua vida em duas pequenas partes. Passou a primeira cantando, rimando, bebendo e rindo; a segunda expiando suas loucuras depois de haver queimado seus versos sobre a sede episcopal de Grasse e de Vence.

Era ainda leigo e bello espirito, quando entrou no cenaculo de Conrart.

Aberta a sessão, Chapelain em um discurso, que durou uma hora, e que foi approvado por acclamação, estabeleceu o'objecto e o fim do novo areopago; combaterem o mão gosto, defenderem a lingua e o bello estylo, ajudarem-se entre si com conselhos, e mesmo com criticas imparciaes, de maneira que podessem affrontar a publicidade, a cabala e a satyra.

Traducção livre: derribar o Cid de Corneille, e glorificar a « Pucelle » de Chapelain.

Outra traducção posterior:

« Nul n'aura de l'esprit, hors nous et nos amis. »

Depois começaram as leituras. Chapelain deu o exemplo com a Ode de Richelieu. Malleville e Serisay louvaram muito a rima, duvidando em voz baixa da razão. Em seguimento desfilaram ao som dos applausos as balatas, os idyllios, as elegias, as epistolas, os madrigaes e os epigrammas.

Emfim, depois de quatro horas de leitura sahiram todos a passear. De dous em dous, de braço dado, ganharam a extremidade da cidade, que agora chama-se barreira, entraram na hospedaria mais afreguezada, comeram copiosamente, beberam do mesmo modo, cantaram á sobremesa, abraçaram-se á despedida, e separaram-se promettendo reunirem-se nas quintas-feiras seguintes,—sem suspeitarem que acabavam de fundar a « Academia Franceza.

II.

Bois Robert.—A idéa de Richelieu.—Estatutos da Academia Franceza.—Seu estabelecimento.—Seus primeiros trabalhos.—O Cid e Corneille.—A visita de Christina da Suecia.—Etymologias e instituições academicas.

Sim, a Academia Franceza. Pois tal foi sua obscura origem, segundo a lei que da aos maiores effeitos as menores causas.

François de Bois Robert, amigo de muitos membros do circulo Conrart, teve noticia das reuniões da rua Saint Martin.

Bois Robert, abbade e conego de Ruão, estava em graça do cardeal de Richelieu, ao qual desenfadava dos negocios de Estado com seus contos e chistes.

— Senhor, dizia o medico Citois, faremos o que podermos pela saude de vossa emiuencia; mas todas as nossas drogas serão inuteis misturando-se-lhes uma onça de Bois-Robert.

Elle predissera ao bispo de Luçon sua elevação ao cardelado. O prelado experimentando um chapéo de castor, perguntava a Bois Robert sua opinião.

— Esse chapéo assenta-lhe bem, respondeu o abbade: mas assentar-lhe-hia melhor, se tivesse a cor do nariz de Mr. Mulot.

Esse Mr. Mulot era o esmoler de Richelieu, e tinha o nariz vervelho como barrete de cardeal. Estava presente, e nunca perdoou tal dito a Bois Robert. Quanto a Richelieu, achou-o excellente, e affeiçoou-se decididamente ao seu autor.

Enviado a Londres com o duque de Chevreuse ao casamento da rainha, Bois Robert ahi compoz uma elegia, na qual tratava a Inglaterra de « barbaro clima. » O rei, a quem elle fizera rebentar de riso, contrafazendo lord Hollard, mandou-lhe trezentos jacobus, e logo elle declarou o clima inglez « muito abrandado. »

Era tão jovial, que todos o chamavam para as reuniões, como os titeres e as rabecas, e annunciavam aos convidados nas cartas de visita: Eu vos darei Bois Robert.

Depois de Richelieu lisongeou a Mazarin e lançou uma satyra contra os « frondews. » Gond, chefe da Frond, sabendo isso, convidou-o para jantar, e disse-lhe ao levantar-se da mesa:

— Mr. Bois Robert, quero que recite-me sua satyra.

— Sim, senhor, respondeu o abbade confuso.

Escarrou, assoou-se, chegou a uma janella, olhou para baixo, e exclamou emfim:

— Oh! senhor, não posso recitar-lhe meus versos; sua janella he demasiadamente alta!

Gondi rio de tal maneira que esqueceu-se de seu rancor.

Sabendo pois Bois Robert que havia essa assembléa dos bellos espiritos solicitado sua entrada, ficou muito admirado, e tallou a esse respeito a Richelieu.

Este com o seu grande olhar vio logo o que podia tornar-se tal reunião. Concebeu um senado litterario, electivo, independente, sob o patrocinio do estado, associando todas as forças e todas as famas, fixando a lingua franceza, impondo-a ao mundo por meio de obras primas, conservando a tradicção, dirigindo o progresso, reprimindo os abusos, coroando os talentos, e consagrando as glorias. Adevinhou sobretudo a feliz alliança dos grandes fidalgos e dos bellos espiritos, das influencias mundanas, e das illustrações intellectuaes, mantendo na côrte e na cidade o gosto das lettras, e impondo a estas o verniz daquellas.

Mandou offerecer por Bois Robert sua protecção a Conrart e aos seus amigos, propondo-lhes formar um corpo official estabelecido por cartas patentes, reunindo-se e funccionando debaixo de uma autoridade publica.

Essa noticia foi levada aos nove collegas em uma bella tarde do outono, no momento em que acabavam debaixo de uma latada, tendo o copo na mão e a poesia nos labios, seu vigesimo jantar hebdomadario.

Todos estranharam e assustaram-se a principio, crendo ver a doçura e liberdade de suas reuniões suffocadas debaixo da toga vermelha do cardeal. Serisay e Malleville tentaram mesmo fazer com que fossem repellidos os offerecimentos de Richelieu; mas Chapelain em nome dos outros sete demonstrou facilmente não só as vantagens da acceitação, como os perigos da recusa.

Os amigos determinaram pois que « Mr. de Bois Robert se dignasse de agradecer muito humildemente ao senhor cardeal a honra que lhes fazia, affirmando que embora nunca houvessem tido tão alto pensamento, e ficassem sorprezos pelo desejo de sua eminencia, estavam resolvidos a seguir-lhe as vontades. »

Satisfeito com essa resposta Richelieu ordenou no dia seguinte aos bellos espiritos que se reunissem como costumavam, augmentassem sua companhia, e lhe submettessem sua organisação.

Entraram logo muitos homens de qualidade, Des Marets, e Bois Robert, de Montmor, du Chastelet, e de Bautru, conselheiros de estado, o ministro Servien, o chanceller Seguier, etc.

Deu se a assemblea o nome de *Academia franceza*. Richelieu foi declarado seu chefe e protector. Fixou-se o numero dos membros em quarenta, eleitos cada um a seu pedido pelos academicos, e acceitos pelo rei e o cardeal. Criou-se um director e um chanceller temporarios, designados por sorte; um secretario e um bibliothecario perpetuos nomeados por maioria de votos. O primeiro director foi Serisay; o primeiro chanceller Des Marets; o primeiro secretario Conrart, e o primeiro bibliotecario, Camusat. Tomou-se por fim trabalhar para a pureza da lingua por meio de um diccionario e de uma grammatica. Adoptou-se para sello a imagem de Richelieu, e para contra-sello uma corôa de louro com esta divisa: — A immortalidade.—Decidio-se que a academia se reuniria ao menos uma vez por semana, etc. etc.

Tendo o cardeal approvado os estatutos, fez o rei Luiz XIII assignar em janeiro de 1635 as cartas patentes, que estabeleciam a academia franceza.

Por uma desconfiança singular e inexplicavel o parlamento só registrou essas cartas dous annos depois.

As sessões da academia foram successivamente em casa de Conrart, de Des Marets, de Chapelain, de Montmor, de Gomberville, de Seguier, e no Louvre.

Além das leituras que continuaram nos palacios como debaixo da latada, o primeiro trabalho da academia foi o plano de um diccionario traçado por Chapelain, e confiado a Vangelas. Uma jocosa distração fez a principio omittir na lettra A o termo academia. Alim de activar o trabalho, Vangelas recebeu de Richelieu uma pensão de duas mil libras.

— Ao menos, disse-lhe o cardeal, Vmc. não se esquecerá no diccionario do termo Pensão.

— Não, senhor, respendeu o Vangelas, e ainda menos do de *Reconhecimento*.

O segundo trabalho importante da academia foi a redacção do juizo sobre o *Cid* de Corneille, que apaixonava então a todos, e ao qual Chapelain e seus amigos fizeram tratar com extraordinaria severidade.

He sabida a nobre e altiva resposta do grande poeta desprezado:

« Esse famoso juizo em que trabalharam seis mezes tantos bellos espiritos, poderá ser tido pela opinião da academia franceza; mas não sera talvez a opinião do resto de Paris. Ja recebi o testemunho da excellencia de minha obra; todo o favor que pode esperar da academia he chegar a mesma altura; não temo que a exceda . . . O *Cid* será sempre bello, e conservara sua reputação. »

A academia reparou pouco depois sua falta, abrindo suas fileiras a Corneille. O meteoro da *Pucelle* eclipsava-se diante do sol de *Horacio* e de *Cinna*. Richelieu via realisar-se seu alto pensamento, mesmo perseguindo pela rivalidade litteraria o genio que lhe preparava este epitaphio:

Qu'on par le bien ou mal du fameux cardinal,
Ma prose nimes vers n'eu diront rien:
Il m'a fait trop de bien pour endire du mal.
Il m'a fait trop de mal pour endire du bien.

Dezessete academicos já tinham morrido em 1652; erão: Bardin, du Chastelet, Habert, de Meziriac, Porcheres d'Arbaud, Bourbon, Faret, Mainard, de Malleville, Voiture, Sirmond, Colomby, Vangelas, Baro, Baudoin, Monstreul, de l'Estoile.

A academia compunha-se então de: Bourzeys, Godeau, Bois Robert, Montmor, Gombauld, de la Chambre, de Gomberville, de Serisay, de Saint Amand, de Porcheres, de Cerisy, des Marets, de Racan, de Balzac, Servien, Chapelain, Bautru, Colletelt, Boissat, Silhon, Conrart, Chambon, Giry, d'Ablancourt, Esprit, de La-Motte-le-Vayer, Preizac, Patru, de Bezons, Salomon, Pierre, Corneille, Du Ryer, Balesdens, Mezeray, Tristan, de Scudery, Doujat, Charpentier, Fallemant, o marquez de Coaslin.

Demais os leitores acharão estes nomes na lista geral que terminará este artigo.

Balzac morrendo deu o exemplo dos legados academicos: deixou a companhia uma renda destinada a dous premios de poesia e de prosa. Ja' galante, como nunca deixára de ser, a academia decretou a primeira palma a madamesella de Scudery em 1671.

A mais curiosa sessão dos Quarenta no seculo XVII, foi sem contradicção a de segunda-feira 11 de março de 1658, a qual teve por objecto a recepção da rainha Christina da Suecia. Eis-aqui a narração extrahida do XIII caderno dos manuscriptos de Conrart, secretario perpetuo.

« Sua magestade chegou a casa do Sr. chanceller, o qual foi recebe-la na carruagem com todos os academicos em corpo, etc.

« Entrou em questão, se os academicos estariam assentados ou em pé, o que pareceu sorprender a rainha. Mas tendo o senhor chanceller consultado alguns membros, estes responderam-lhe que o rei Henrique III quando fazia assembléas de homens de lettras no bosque de Vincennes mandava assentarem-se todos os assistentes: os academicos estiveram pois assentados durante toda a sessão, em cadeiras de encosto; mas o chanceller e todos elles sempre descobertos. Pedio-se primeiramente a sua magestade que desculpasse não ser mais numerosa a companhia, por que não houvera tempo de avisar a todos os academicos etc. Depois o senhor director (Mr. de la Chambre) disse-lhe que se tivessem podido prever a visita de sua magestade, teriam preparado alguma leitura para diverti-la agradavelmente; porem que na sorpreza em que se achava a companhia servir-se-hia do que a occasião podesse fornecer: e que como fizera depois um *Tratado da Dôr* destinado a entrar no terceiro volume dos *Caracteres das Paixões*; que havia de sahir brevemente a luz, se sua magestade ordenava-lhe que lêsse alguma cousa, elle pensava que era um assumpto mui proprio para testemunhar a dôr da companhia de não poder dar melhor acolhimento a tão grande rainha, e de ser logo privada de sua vista pela prompta partida de sua magestade. Terminada essa leitura, a qual a rainha deu muita attenção, o senhor chanceller perguntou se alguem tinha versos para entreter sua magestade. Tendo Mr. Cottin recitado alguns do poeta Lucrecio que traduzira em francez, a rainha testemunhou grande prazer. O senhor abbade Bois Robert, recitou tambem alguns madrigaes que fizera sobre a enfermidade de madama d'Olonne, e o senhor abbade Tallement um soneto sobre a morte de uma mulher. Depois disto Mr. de la Chambre pedio ainda alguma cousa, e Mr. Pellisson leu uma pequena ode de amor, que fez a imitação de Catullo, e outros versos sobre uma saphyra que perdêra, e que tornou a achar depois, que agradaram tambem extremamente a sua magestade, á qual leu-se um caderno inteiro do diccionario contendo a explicação da palavra *jógo* para fazer-lhe conhecer alguma cousa do trabalho presente da companhia. E findo isto, a rainha levantou-se, e foi reconduzida a carruagem pelo senhor chanceller, seguido de todos os academicos. »

Quando cuidamos que a rainha em questão he aquella que fez apunhalar a Monaldeschi a sua vista nas galerias de Fontainebleau, não podemos deixar de sorrir a innocencia do entretenimento que os senhores Quarenta offereciam a sua imaginação!

He sabido que a palavra *academia* vem de um campo situado junto de Athenas e legado a esta cidade por *Academus*, sob condição de fundar ahi um gymnasio para a juventude. Platão que morava perto dahi reunio la seus discipulos, e passeou com elles debaixo dos platanos de Academus. Dahi o nome de academia tomado pela escola do philosopho, e pelas que lhe succederam.

Dahi tambem o mesmo nome dado por Cicero á sua villa de Puteoli, e as *Questões academicas*, que nella escreveu nas horas vagas.

Dahi tambem o titulo de academias, adoptado pelas reuniões sabias e litterarias.

A primeira academia propriamente dita foi a que estabeleceu Carlos Magno em sua corte. Posto que elle fosse um dos membros, todos ahi eram iguaes diante da intelligencia, e deixavam suas dignidades a porta para chamarem se simplesmente Carlos Magno, *David*; Egilbert, *Homero*; Alcuin, *Albinus*; Eginhard, *Calliopus*; Adelard, *Augustin*, etc.

No seculo seguinte o rei poeta-musico-guerreiro Alfredo, o Grande, fundou na Inglaterra a academia de Oxford, base da celebre universidade dessa cidade.

Pela mesma época os Mouros de Hespanha crearam academias em Granada, e em Cordova.

No seculo XIV a *academia dos jogos floraes* surgio em Tolosa, onde ainda existe sob os auspicios do doce nome de Clemence Isaure, a qual, dizem, deixou-lhe todos os seus bens.

O renascimento fez brotarem na Italia as academias dos *Inquieti*, dos *Humoristi*, e dos *Lincei* em Roma; a dos *Ardenti* em Napoles; a dos *Insensati* em Parma; e dos *Addormentati* em Genova; a dos *Sitienies* em Bolonha; a dos *Umidi* em Florença; a dos *Sepolti* em Volterra. Os nomes extravagantes estavam em moda nesse tempo e nesse paiz.

A academia da *Crusca* de Florença, estabelecida por Francisco de Medicis, he famosa pelos seus debates sobre a *Jerusalem* do Tasso, a qual tratou como a academia franceza o *Cid* de Corneille.

Emfim deve-se citar entre os fundadores ou ao menos entre os inspiradores de academias, Margarida de Valois, irmãa de Francisco I, a qual reunia em torno de si os bellos espiritos e seus estados; e Henrique III, o qual como vimos no capitulo de Conrart, reunia os litteratos no bosque de Vincennes sem reclamar diante delles seus privilegios de rei.

AS QUARENTA CADEIRAS. LISTA GERAL.

Até agora a academia franceza tem tido 339 membros. Eis-aqui a lista pela ordem das cadeiras e de successão desde as reuniões de Conrart até os nossos dias. Apesar de todas as nossas pesquizas e de todos os nossos esforços para asseverar a authenticidade desta lista, não podemos garantir-lhe a exactidão absoluta, quanto a' numeração das cadeiras, porque começou muito depois, e existem lacunas nos mesmos registros da academia. Esperamos que Mr. Pingard, digno chefe da secretaria do instituto, coroara seus trabalhos uteis com a publicação de uma lista official e incontestavel dos academicos. Elle dignou-se prometter-nos seu concurso para rectificar na historia de cada uma cadeira os erros que existissem no todo da nomenclatura.

Cadeira n. 1.—Tem sido occupada por 11 academicos: antes de 1633, P. Bardin; 1634 Nicolas Bourdon; 1644, Salomon; 1670, Ph. Quinault; 1689, P. de Caillieres; 1717, cardeal de Fleury; 1743, cardeal de Luynes; 1788, J. de Florian; 1795—1803, J. P. Caillava; 1813, Michaud; 1840 Flourens.

Cadeira n. 2.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, P. Hay du Chastelet; 1637 Perrot d'Ablancout; 1665, Bussy-Rabutin; 1693, Paul-Bignon; 1743, Jerome Bignon; 1772, de Brequigny; 1795—1803, Ecouchar-Lebrun; 1807, P. J. M. Reynouard; 1836, Mignet.

Cadeira n. 3.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, Phil. Habert; 1637, J. Sprit; 1678, J. N. Colbert, arcebispo de Ruão; 1708, Fraguier; 1728, Ch. d'Orleans-Rothlin; 1744, G. Girard; 1748, V. de Paulmy-d'Argenson; 1788, J. B. d'Aguesseau; 1826 Briffaut.

Cadeira n. 4. Tem sido occupada por 13 academicos: antes de 1634, Bachet de Meziriac; 1639, La Mothe Le Vayer; 1672, J. Racine; 1699, Valincourt; 1730, Leriget de La Faye; 1731, Crebillon; 1762, Voisenon; 1776—1803, Boisgelin de Cicé, arcebispo de Aix; 1803, Boisgelin (reeleito); 1804, Dureau de la Maile; 1807, Picard; 1820 Arnault; 1834, Scribe.

Cadeira n. 5.—Tem sido occupada por 11 academicos: 1635, Auger de Mauleon; 1639, Daniel de Priezac; 1663, Michel Leclec; 1692; G. de Toureil; 1714, G. Roland Malet; 1736, Boyer, bispo de Mirepoix; 1755, N. Thyrel de Boismont; 1787, Cl. C. de Rullieres; 1795—1803, Cabanis; 1808, Destutt de Tracy; 1826, Guizot.

Cadeira n. 6.—Tem sido occupada por 13 academicos: antes de 1634, J. d'Arbaud de Porcheres; 1640, Olivier Patru; 1681, N. Potier de Novion; 1693, P. Goibau de Bois; 1694, Ch. Baileau, abbade de Beaulieu; 1704, Gaspard Abeille; 1718, N. H. Mongault; 1747, Ch. Ducios; 1772, N. Beauzée; 1789, J. J. Barthelemy; 1795—1803, M. J. Chenier; 1811, Chateaubriand; 1849, de Noailles.

Cadeira n. 7.—Tem sido occupada por 12 academicos; 1635, P. Seguier; 1643, Cl. Bazin de Bezons; 1684, Boileau Despreaux; 1711, J. d'Estrées, arcebispo de Cambraia; 1718, René d'Argenson, guarda sellos; 1721, Languet de Gergy, arcebispo deSens; 1753, Buffon, 1788, Vicq-d'Azir; 1795—1803, Domergue; 1810, Saint-Ange; 1811, Parseva de Grand Maison; 1835, conde de Salvandy.

Cadeira n. 8.—Tem sido occupado por nove academicos: antes de 1634, Faret; 1646 P. du Puger; 1658, cardeal d'Estrées; 1715, Marechal d'Estrées; 1738, de la Tremouille; 1741, cardeal de Rohan Soubise; 1757. de Monta-zet, arcebispo de Leão; 1788—1803. conde de Boufflers; 1815, Bazur-Lormian.

Cadeira n. 9.—Tem sido occupada por 12 academicos: 1634, Fr. Maynard; 1647, P. Corneille; 1685, Th. Corneille; 1710, Houdart de la Motte; 1731, Bussu-Rabutin, bispo de Luçon; 1737, Foncemagne; 1780, Chabanon; 1795—1803, Naigeon; 1810, Nep. Lemercier; 1841, V. Hugo.

Cadeira n. 10.—Tem sido occupada por 11 academicos: antes de 1634, Cl. de Malleville; 1648, J. Ballesdens; 1675, Cordemoy; 1695, C. de Saint Pierre; 1743, Maupertuis; 1759, Lefranc de Pompignan; 1785, o abbade Maury; 1803, Regnault de Saint-Jean-d'Angely, excluido a 24 de julho de 1815; 1816, La Place; 1827, Roger-Collard; 1846, Ch. de Rumusat.

Cadeira n. 11.—Tem sido occupada por onze academicos: 1634, Cauvigny de Colomby; 1649, Tristan l'Hermite; 1655, Les Mesnardieres; 1663, duque de Saint-Aignan; 1687, F. T. de Choisy; 1724, Ant. Portail; 1736, La Chaussée; 1754, Bougainville; 1763, Marmontel; Fontane excluido em 1797, e reintegrado em 1803; 1821, Villemain.

Cadeira n. 12.—Tem sido occupada por dez academicos: 1634, Voiture; 1649, Mezeray; 1683, Barbier d'Aucourt; 1694, Clermont-Tonnerre, bispo de Noyon; 1701, de Mazelieu; 1727, Bouhier; 1746, Voltaire; 1795-1803, Ducis; 1816, de Seze; 1828, de Barante.

Cadeira n. 13.—Tem sido occupada por onze academicos: antes de 1635, Sirmont; 1649, de Montremil; 1651, Tallemant; 1693, de la Loubere; 1729, Sallier; 1761, Coctio-quet; 1784, de Montesquieu—Fezenzac; 1799—1803, Arnault, excluido a 21 de março de 1815; 1816, o duque de Richelieu; 1822, Dacier; 1833, Tissot.

Cadeira n. 14.—Tem sido occupada por nove academicos: 1634, Vangelas; 1649, Scudery; 1668, marquez de Danjeau; 1720, marquez de Richelieu; 1789, duque d'Harcourt; 1803, Lucien Bonaparte, excluido a 24 de julho de 1816; 1816, Auger; 1829, Etienne; 1849, conde de Vigny.

Cadeira n. 15.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1834, Baro; 1650, Donjat; 1689 Renaudot; 1790, de Roquette; 1725, Gondrin d'Antin, bispo de Langres; 1733, Dupré de Saint Maur; 1774, Mallesherbes; 1795—1873, Andrieux; 1833, Thiers.

Cadeiza n. 16.—Tem sido occupada por oito academicos: antes de 1634, Baudoin; 1650, Charpenthier; 1702, Chamillard, bispo de Senlins; 1714, marechal de Villars; 1734, duque de Villars; 1770 Lomeme de Brienne; 1795—1803, Lacuée de Cessac; 1841, de Tocqueville.

Cadeira n. 17.—Tem sido occupada por doze academicos: antes de 1634, De l'Esteile; 1652, A. duque de Coislin; 1704, P. duque de Coislin; 1710, H. C. duque de Coislin, bispo de Metz; 1733, Surian, bispo de Vence; 1754, d'Alembert, 1784 conde de Choiseul-Gouflier; 1803, Portalis; 1807, Pierre Laujon; 1811, Ch. Etienne, excluido a 21 de março de 1816; 1816, conde de Choiseul-Gouflier; 1818, Laya; 1833, Charles Nodier; 1844, Merimée.

Cadeira n. 18.—Tem sido occupada por onze academicos: antes de 1635, de Serisay; 1653, Pellisson; 1693, Fenelon; 1715, de Boze; 1754, conde de Clermont; 1774, du Belloy; 1775, duque de Duras; 1795-1803, Garat, excluido em 1816; 1816, o cardeal Basseet; 1824, de Quelen, arcebispo de Paris; 1840, Molé.

Cadeira n. 19.—Tem sido occupada por onze academicos: 1634, Balzac; 1654, de Perefixe de Beaumont, arcebispo de Paris; 1671, F. R. de Harlay, arcebispo de Paris; 1695, André Lacier; 1722, cardeal Dubois; 1723, Henault; 1771, principe de Beauvan; 1795-1803, conde Merlin; 1816, conde Ferrand; 1825, Casimir Delavigne; 1844 Saint Beuve.

Cadeira n. 20.—Tem sido occupada por nove academicos: 1634, Langier de Porcheres; 1654, de Chaumont; 1697, o presidente Cousin; 1707, Valon, marquez de Mimeure; 1719, Gedoyn; 1744, o cardeal de Bernis; 1801-1803, o abbade Sicard; 1822, Frayssinous; 1844, Pasquier.

Cadeira n. 21.—Tem sido occupada por oito academicos: antes de 1634, Germain Habert; 1655, Cotin, 1682 o abbade de Dangeau; 1723, o conde de Merville; 1732, Terrasson; 1750-1803, o conde de Bissy; 1810, Esmenard; 1811, Ch. Lacretelle.

Cadeira n. 22.—Tem sido occupada por oito academicos: 1634, Servien; 1659, Villayer; 1691, Fontenelle; 1757, Seguier; 1795-1803, Bernardin de Saint-Pierre; 1814, Aignan; 1824, Soumet; 1845, Vilet.

Cadeira n. 23.—Tem sido occupada por 10 academicos: antes de 1634, Colletet; 1659, Gilles Boileau; 1670, de Montigny; 1671, Ch. Perrault; 1704 cardeal de Rohan; 1749, Vaureal; 1760, La Condamine; 1774, J. Delille; 1813, Campenon; 1844, Saint-Marc-Girardin.

Cadeira n. 24.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, Saint-Amant; 1661, o abbade Cassagne; 1670, conde de Crecy; 1710, Ant. de Mesmes; 1723, Alary; 1771, Gaillard; 1795-1803; Roederer, excluido a 24 de julho de 1815; 1803, conde de Segur; 1830, Viennet.

Cadeira n. 25.—Tem sido occupada por dez academicos: 1634, Boissat; 1662, Furetiere; 1688, La Chapelle; 1723, d'Olivet; 1768; Condillac; 1780, conde de Tresan; 1784, Bailly; 1795-1803, Sieyes excluido a 21 de março de 1816; 1816, marquez de Lally-Tolendal; 1830, de Pongerville.

Cadeira n. 26.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, Bois-Robert; 1662, Segrais; 1701, Campistron; 1723, Destouches; 1754, Boissy; 1758, Siote Palage; 1781, Champfort; 1816 duque de Levis; 1830, de Segur.

Cadeira n. 27.—Tem sido occupada por nove academicos antes de 1634, Boutra de Seran; 1665, Testu; 1706 marquez de Saint-Aulaire, 1743, Mairan; 1771, François Arnaud; 1785-1803, Target; 1806, o cardeal Maury, excluido a 21 de março de 1816; 1816, abbade de Montesquiou; 1832, Jay.

Cadeira n. 28.—Tem sido occupada por dez academicos: 1634, Louis Giry; 1665, Boyer; 1698, Genest; 1720, abbade Dubos; 1742, du Resnel; 1761, Saurin; 1782, Condorcet; 1795-1803, o abbade Villar; 1826, Feletz; 1850, Nisard.

Cadeira n. 29.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, de Gombault; 1666, o abbade Tallemant; 1712, Danchet; 1748, Gressel; 1778, o abbade Millot; 1785-1803, Morellet; 1816 Lemontex; 1826, Forrier; 1830, Cousin.

Cadeira n. 30.—Tem sido occupada por onze academicos: antes de 1664, Jean de Silhon; 1660, J. B. Colbert; 1684, La Fontaine; 1695, Clairembault; 1714, Massieu; 1723, Houteville; 1743, Marivaux; 1763; Radonvilheres; 1803, Volney; 1820, Pastoret; 1841, Saint Aulaire.

Cadeira n. 31.—Tem sido occupada por dez academicos: 1635 Cureau de la Chambre; 1670, Regnier Desmarais; 1713, La Monneys; 1727, La Riviere; 1730, Hardion; 1766, Thomas; 1780, conde de Guibert; 1755—1803, Cambaceres, excluido a 24 de julho de 1815; 1816, Bonald; 1841, Anceiot.

Cadeira n. 32.—Tem sido occupada por onze academicos: antes de 1634, Racan; 1670, Cureau de la Chambre; 1693, Bruyere; 1696, o abbade Fleury; 1723, J. Adam; 1736, Segny; 1761, de Rohan de Guimene; 1803, Devaines; 1803, Parny; 1815 de Jouy; 1847, Empis.

Cadeira n. 33.—Tem sido occupada por dez academicos: 1635, Hay du Chastelet; 1671, Bossuet; 1704, o cardeal de Polignac; 1742, Giry de Saint Cyr; 1761, Batteux; 1780, Lemierre; 1899—1803, Bigot de Preamaneu; 1825, duque de Montmorency; 1826, Guiraud; 1847, Ampere.

Cadeira n. 34.—Tem sido occupada por onze academicos: antes de 1634, Godeau; 1673, Hechier; 1710, Nesmond, arcebispo de Tolosa; 1727, J. J. Amelot; 1749, o marechal de Belle-Isle; 1761, Trublet; 1770—1803, Saint Lambert, reeleito a 28 de janeiro de 1803; 1803, Maret, excluido em 1816; 1816, Lainé; 1836, Dupaty; 1852, A. de Musset.

Cadeira n. 35.—Tem sido occupada por sete academicos: 1634, de Bourzeys; 1673, o abbade Gallois; 1708, Mongin; 1746, de la Ville; 1774—1803, Suard; 1817, Roger; 1842, Patin.

Cadeira n. 36.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, Gomberville; 1674, Huet; 1721, Boivin; 1727, o duque de Saint-Aignan; 1776, Colardeau; 1776—1803, La Harpe, reeleito a 28 de janeiro de 1803; 1803, Lacretelle ainé; 1824, Droz; 1851, de Montalembert.

Cadeira n. 37.—Tem sido occupada por onze academicos: antes de 1634, Chapelin; 1674, Benserade; 1691, E. Pavillon; 1705, Sillery; 1715, o duque de la Force; 1726, Mirabeau; 1761, Watelet; 1786, Sedaine; 1790—1803, Collin de Harleville; 1806, Daru; 1829, Lamartine.

Cadeira n. 38.—Tem sido occupada por nove academicos: antes de 1634, Conrart; 1665, Rose; 1701, Louis de Sacy; 1728, Montesquieu; 1755, Chateaubrun; 1775, Chastellux; 1789, Nicolai; 1797—1803, F. de Neufchateau; 1828, P. A. Lebrun.

Cadeira n. 39.—Tem sido occupada por doze academicos: antes de 1634, Desmaret; 1676, J. de Mesmes; 1688, Mauroy; 1706, o abbade de Louvois; 1719, Massillon; 1743, o duque de Nivernois; 1799—1803, Legouvé; 1812, Alex. V. Duval Pineu; 1812, Ballanche; 1847, Vatout; 1849, de Saint-Priest; 1852, Berryer.

Cadeira n. 40.—Tem sido occupada por sete academicos: 1635, Mont[illegible]; 1679, Lavau; 1694, Caumartin, bispo de [illegible]; 1733, Moncrif; 1771, Roquelaure, bispo de [illegible], reeleito a 28 de janeiro de 1803; 1818, o barão Cuvier; 1832, Dupin ainé.

Os exemplos da longevidade mais notavel na academia são os seguintes:

Paul Bignon foi academico 50 annos (1693—1743); Esprit, 41 annos (1637—1678); Paulmy d'Argenson, 40 annos (1648—1788); Olivier Patin, 41 annos (1640—1681); Barzin de Bezons, 41 annos (1643—1684); o cardeal d'Estrées, 57 annos (1658—1715); o abbade Lallemant, 46 annos (1666—1712); Radonvilliers, 40 annos (1763—1803); Regnier-Desmarais, 43 annos (1670—1713); de Rohan-Guimené, 42 annos (1761—1803); Foncemagne, 43 annos (1737—1780); de Saint Pierre, 48 annos (1695 1743); Tailemant, 42 annos (1651—1693); o marquez de Dangeau, 59 annos (1668—1720); o marquez de Richelieu, 52 annos (1720—1789); Dupre de Saint Maur, 41 annos (1723—1774); Pellisson, 40 annos (1653—1693); o abbade de Dangeau, 41 annos (1682—1723); o conde de Bissy, 53 annos (1750—1803); Fontenelle, 66 annos (1691—1757); o cardeal de Rohan, 45 annos (1704—1749); Alary, 48 annos (1723—1771); d'Olivet, 45 annos (1723—1768).

Os secretarios perpetuos desde a formação da academia foram:

Antes de 1634, Conrart; 1675, Eude de Mezeray; 1683, Regnier Desmarais; 1713, André Dacier; 1742, Houtteville; 1742, J. B. Mirabeau; 1755, Ch. Duclos; 1772, d'Alembert; 1784, Marmontel; 1803, Suard; 1817, Raynouard; 1826, Auger; 1829, Andrieux; 1833, Arnault; 1834, Villemain.

Publicação a pedido.

POESIA

recitada por occasião de dar-se o ponto na Faculdade de Direito do Recife, no dia 15 de outubro.

A' MOCIDADE ACADEMICA.

Filhos da patria, que alargais a vista
Pelos longes sem fim d'almo horisonte,
Vossa força envidai para a conqüista
Dos louros com que haveis de ornar a fronte.

Se a vigilia do estudo a vida gasta,
Nas glorias o porvir lhe aguarda o premio;
E aquelle que da luz de Deos se affasta
De escuras trevas morrera' no gremio.

Das lutas do saber colhei a palma,
Que homens sois do porvir, não do passado.
Com fé no coração e a crença n'alma
Sede o guarda fiel d'esse legado.

As trevas la se abysmem na voragem
Dos toscos europeis de brilho falso!
Lidadores, avante —eia—coragem!
Do progresso e da luz marchai no encalço!

Romeiros do progresso, he longa a estrada,
Mas he certo, o porvir que além descança.
—Os cardos serão flores na alvorada,
Cada flor um laurel que a patria alcança!

P. de Calasans.

Recife 15 de outubro.

ERRATAS.

Na estrophe primeira, verso segundo, em lugar de tufão, leia -- do tufão.

Verso segundo, em lugar de dilicto, leia-se -- dilecto.

Estrophe terceira, verso primeiro, em lugar de interrogação -- admiração.

Estrophe sexta, em lugar de regida, leia-se -- rigida.

Na estrophe ultima, em lugar de—junto do Eterno, leia-se—junta ao Eterno.

E mais alguns erros que o leitor desculpara'.

Commercio.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 27 3/4.
« Paris, 346.
« Lisboa, 98 a 100 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 1/2 a 1 por 0/0 a 15 e 30 dias.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0/0 de premio.
Disconto de lettras, de 7 a 7 1/2 por 0/0.
Dito do banco—7 a 8 por 0/0.

Ouro.—Onças hespanholas. . .	28$ a 28$500
Moedas de 6$400 velhas	16$000
« « 6$400 novas	16$000
« « 4$000.	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	2$000
Pesos columnarios.	2$000
« mexicanos.	1$860

Caixa Filial do Banco do Brasil

EM 20 DE OUTUBRO DE 1856.

Directores da semana, os senhores: —José Pereira Vianna e Dr. Augusto Frederico de Oliveira.

Descontos.—7 % para lettras a vencer até 30 de novembro, e 8 % para lettras até 6 mezes de prazo.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 22	124:907$730
Idem do dia 23.	64:527$812
	189:435$542

Descarregam hoje 24 de outubro.

Barca ingleza—*Chamois*—mercadorias.
Brigue portuguez—*S. Manoel*—vinhos.
Brigue portuguez—*Esperança*—arcos e balatas.
Barca portugueza — *Duarte IV* — cebolas.
Brigue brasileiro—*Bom Jesus*—diversos generos.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 22. . . .	25:861$087
Idem do dia 23	1:124$139
	26:985$226

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 22	3:348$236
Idem do dia 23.	295$840
	3:644$076

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 23 DE OUTUBRO DE 1856.

Lisboa—Brigue portuguez «Soberano», Francisco Severiano Rabello & Filho, 32 saccos assucar mascavado, 45 cascos mel.

Porto—Barca portugueza «Flor da Maia», J. Antonio Bastos, 2,000 pontas de boi.

Lisboa—Brigue portuguez «Bom Successo», Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, 120 saccos assucar mascavado.

Lisboa—Barca portugueza «Flor de S. Simão», diversos carregadores, 600 saccos assucar mascavado.

Havre—Barca franceza «Raoul», Laserre & Companhia, 419 couros salgados.

Barcelona—Sumaca hespanhola «Claudina», Aranaga & Brian, 720 couros.

Buenos-Ayres—Polaca hespanhola «Catalana», Amorim Irmãos & Companhia, 30 pipas e 4 meios ditos aguardente.

Exportação.

Parahiba, hiate brasileiro «Flor do Brasil», de 28 toneladas, conduzio o seguinte: — 150 volumes generos estrangeiros, 3 paos de jacarandá.

Rio de Janeiro, brigue brasileiro «Atalaia», de 182 toneladas, conduzio o seguinte: — 60 couros seccos, 46 volumes generos estrangeiros, 1,667 saccas milho.

MUTILADO
ILEGÍVEL

40 pipas aguardente, 20 saccas feijão, 1,301 meios de sola, 775 molhos de pelle de cabra, 100 caixas velas de carnauba, 1 dita espanadores.

Canal com escala pela Parahiba, brigue inglez «Boomerang», de 375 toneladas, conduzio o seguinte: — 2,600 saccos assucar.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 22	31:613$833
Idem do dia 23.	552$267
	32:166$100

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 22	33:174$792
dem do dia 23	1:014$887
	34:189$679

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 23.

Altata—97 dias, barca ingleza «Fairy», de 398 toneladas, capitão John Gillie, equipagem 15, carga pão brasil e mais generos; ao capitão. Pertence a Shieldes. Veio refrescar e seguio para Liverpool.

Terra Nova—41 dias, barca ingleza «Stella», de 213 toneladas, capitão James Beyd, equipagem 13, carga 2,600 barricas com bacalhao; a James Crabtree & Companhia. Pertence ao porto de Greenock. Segnio para a Bahia.

Rio Grande do Sul—16 dias, patacho brasileiro «Therezo», de 287 toneladas, capitão Manoel Gomes de Oliveira Magano, equipagem 12, carga 14,121 arrobas de carne e mais generos; a Baltar & Oliveira. Pertence a Parahiba. Passageiros, Mathias Demetrio Varellas e sua senhora, Hohann Joachim e sua senhora.

Rio de Janeiro—12 dias, barca brasileira «Brilhante», de 287 toneladas, capitão Antonio Nogueira dos Santos, equipagem 13, carga café e mais generos; a Novaes & Companhia. Pertence a Maranhão.

Idem—5 dias e 18 horas, fragata a vapor «Amazonas», commandante o capitão-tenente José Segundino de Gomensoro. Passageiros por ordem do governo, Dr. Belarmino Peregrino da Gama e Mello, 2 ex-praças do corpo de marinha e 3 presos de justiça.

Ilha de Fernando—3 dias, brigue brasileiro «Bom Jesus», de 127 toneladas, capitão José Ferreira Pinto, equipagem 11, em lastro de pedra; a Eduardo Ferreira Baltar. Pertence a Pernambuco. Conduz passageiros do governo.

Navios sahidos no mesmo dia

Canal, pela Parahiba—brigue inglez «Boomerang», capitão G. Yoang, carga assucar.

Bahia — patacho americano «Breeze,» capitão Henry King, carga parte da que trouxe.

Rio de Janeiro—brigue brasileiro «Atala», capitão Manoel de Castro, carga milho e mais generos. Passageiro, Joaquim Maria Cordeiro.

Rio de Janeiro e portos intermedios — vapor brasileiro «Parana'», commandante F. F. Barges, conduz alguns passageiros desta provincia.

Declarações.

CORREIO GERAL.

A pessoa que lançou na caixa da administração do correio uma carta para Leonel de Lacerda Machado, no Rio de Janeiro, sem que a tivesse sellado, queira dirigir-se a' mesma afim de o satisfazer, e poder ella seguir seu destino.

CORREIO.

O vapor «Iguarassu'» recebe as malas para os portos da Parahiba, Rio Grande do Norte, Assu', Aracaty, Ceara', Acaracu' e Granja, no dia 29 do corrente, as 9 horas do dia.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administractivo, em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para o quarto batalhão de artilharia a pé

Barretinas promptas 290, bonetes 200, ditos para musicos 24, gravatas de sola de lustre 295, palatinas de metal para musicos 24 pares, panno azul para fardas, sobrecasacas e calças 1897 covados, penachos para barretinas 290, brim para fardetas e calças 1,100 varas, algodãozinho para camisas 550 varas, panno preto para polainas 55 covados, sapatos 220 pares, bandas de lãa 31, panno azul para capotes 1740 covados, baeta verde para forro 1015 ditos, hollanda de forro 1807 covados, casimira carmezim 270 ditos, aniagem 315 varas, botões grandes de metal com n. 4 8056, ditos pequenos de dito n. 4 4226, bombas de metal para as fardas 580, colxetes para as fardas 534, botões grandes de osso, 25 grozas, ditos pequenos 20 ditas, ditos pretos de osso 28 grozas, colxetes para capotes 290 pares, dragonas 290 ditos, esteiras 240.

Segundo batalhão de infantaria.

Bonetes co[illegible]os 386, panno azul para sobrecasacas e c[illegible] 4925 covados, chouriças de lãa 385 pares, brim para fardetas e calças 1926 varas, mantas de lãa 385, gravatas de sola de lustre 385, algodãozinho para camisas 963 varas, panno preto para polainas 97 covados, sapatos 385 pares, esteiras 385, hollanda de forro 1492, casemira amarella 25 covados, dita encarnada 49 ditos, colxetes 385 pares, aniagem 193 varas, botões grandes convexos de metal dourado com n. 2 5390, botões pequenos convexos de dito com n. 2 3465, botões grandes de osso 43 grozas, ditos pequenos de dito 35 grozas, ditos pretos dito 49 ditas, casimira azul clara 25 covados.

Nono batalhão de infantaria.

Bonetes 600, gravatas 600, panno verde para sobrecasacas e calças 3 000 covados, brim para fardetas e calças 3,000 varas, panno preto para polainas 150 covados, algodãozinho para camisas 1,500 varas, oleado para debrum 30 covados, cordão de lãa preta para vivos 2,400 varas, mantas de lãa 600, sapatos 1,200 pares, panno azul para capotes 3 600, covados, bandas de lãa 30, esteiras 600, hollanda de forro 2,325 covados, colxetes 600 pares, aniagem 300 varas, botões grandes convexos de metal bronzeado com n. 9 de metal amarello 8,400, ditos pequenos convexos de metal bronzeado com o n. 9 de metal amarello 6,000, botões grandes brancos de osso 67 grozas, ditos pequenos ditos de dito 59 ditas, ditos pretos de osso 75 ditas, baieta verde para forro de capotes 2,100 covados.

Decimo batalhão de infantaria.

Bonetees 193, panno verde escuro para sobrecasacas e calças 969 covados, brim para fardetas e calças 985 varas, gravatas 179, bandas de lãa 26, algodãozinho para camisas 495 varas, panno preto para polainas 49 covados, sapatos 198 pares, esteiras 198, colxetes 191, botões grandes convexos de metal bronzeado com n. 10 de metal amarello 2674, ditos pequenos convexos de metal bronzeado com n. 10 de metal amarello 1910, botões grandes brancos de osso 22 grozas, ditos pequenos ditos dito 18 ditas, ditos pretos de dito 25 ditas, oleados para debrum 10 covados, cordão de lãa preta para vivos 764 varas, panno azul para capotes 1194 covados, baeta verde para forro 697 covados, colxetes para capotes 197 pares, os instrumentos bellicos para o batalhão acima dito.

Companhia de artifices.

Bonetes 118, gravatas 107, panno azul para sobrecasacas e calças 590 covados, platinas encarnadas com palmatoria de lãa preta 104 pares, brim para fardetas e calças 763 varas, algodãozinho para camisas 468 ditas, panno preto para polainas 47 covados, sapatos 298 pares, panno azul para capotes 788 covados, beeta verde para forro 431 covados, bandas de lãa 8, esteiras 187, botões grandes convexos de metal dourado com n 3 1888, botões pequenos convexos de metal dourado com n. 3 826, botões grandes de osso branco 17 grozas, ditos pequenos dito dito 13 ditas, ditos pretos dito 20 ditas, hollanda de forro 466 covados, colxetes pretos 118 pares, ditos ditos para capotes 123, contratar o concerto de 80 barretinas, 80 pares de dragonas e 80 penachos.

Companhia de cavallaria.

Bonetes 60, gravatas 31, panno azul para sobrecasacas e calças 260 covados, brim para fardetas e calças 510 varas, algodãozinho para camisas 150 ditas, luvas brancas de algodão 120 pares, esporas de metal amarello conforme o padrão 60 pares, cot urnos 60 pares, panno azul para ponches 360 covados, baeta verde para forro 360 ditos, colchetes para sobrecasacas 60 pares, ditos para ponches 60 pares, mantas de lãa 31, sapatos 60 pares, esteiras 60, botões grandes convexos de metal dourado com a letra R 840, botões pequenos convexos de metal dourado com a litra R 480, botões grandes brancos de osso 9 grozas, ditos pequenos ditos 7 ditas, botões pretos de dito 3 ditas.

Botica do hospital regimental.

Livro em branco pautado de 500 folhas 1, ditos ditos de 200 folhas 2,

PROVIMENTO DOS ARMAZENS DO ALMOXARIFADO.

Officinas de terceira classe.

Ferro inglez em barras de 1 a 3 [illegible] quintaes 30, dito dito de varandes 20 quintaes, dito dito quadrado de 5[illegible]8 quintal 20, dito angular sortido 4 quintaes, folhas de ferro grossas 4 ditos, ditas de ferro finas 4 ditos, fole inglez pequeno 1.

Quarta classe.

Arame de latão fino 1 arroba.

Quinta classe.

Sola curtida 200 meios, fio de vela fino 1 arroba, cera branca 1 dita.

Quem quizer vender estes objectos, apresente suas propostas em cartas fechadas as 10 horas do dia 10 de novembro proximo vindouro na secretaria do conselho.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra, 22 de outubro de 1856.—Bento José Lamenha Lins, coronel presidente. — Bernardo Pereira do Carmo Junior, vogal e secretario.

—O Illm. Sr. capitão do porto, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia datada de 20 do corrente, referindo-se a contida no aviso circular do ministerio da marinha, de 2 tambem do corrente, manda dar publicidade as traducções, juntas a este por copia, de tres avisos sobre o estabelecimento de luzes na ilha dos enforcados no Mediterraneo, e no canal dos Principes a entrada do Tamisa, e de casas de asylo para as pessoas que naufragarem na parte do mar de Sunderbunds em Bengalla.

Capitania do porto de Pernambco em 21 de outubro de 1856.—O secretario, Alexandre Rodrigues dos Anjos.

TRADUCÇAO'.

Aviso aos navegantes

N. 18.

Mar Mediterraneo.

Pharol nas ilhas Baleares.

O ministerio da marinha de Hespanha acaba de participar, que do dia 1.° de maio de 1856 em diante, se estabelecerá uma luz fixa na ilha dos Enforcados, entre as ilhas Baleares, Eviça e Formentera no Mediterraneo.

A luz he fixa e clara, e está collocada na altura de 82 pés acima do nivel medio do mar; e deve avistar-se do convez de um navio em tempo claro, na distancia de 10 milhas.

O aparelho illuminador he catadioptrico da 6.ª classe.

A torre do pharol acha-se collocada na latitude 38.° 48' 49" Norte; e longitude 1.° 29' a leste de Grenwich.

O objecto e fim da luz he para marcar o canal conhecido pelo nome de Freo-Grande ou o principal dos tres canaes, ou Freos entre as ilhas de Iviça ao lado do norte, o Formentera ao do sul.

Este canal tem quasi uma milha de largura e nove braças de fundo; mas como o fundo he de rochedo, as embarcações de vela devem a cautelar-s em navegar para o canal com o vento escasso ou variavel, para evitar o perigo de ter de fundear.

Por ordem de S. Senhorias.

Assignado, John Washington, hidrographo. Repartição Hidrographica, Almirantado, Londres 28 de abril de 1856.

Este aviso affecta os seguintes mappas do Almirantado.

Geral do Mediterraneo, n. 2158, de Alicante para Palamos n. 1187; ilhas de Iviça e Formentera n. 145, e mais a lista de pharoes do Mediterraneo n. 10 A.

TRADUCÇAO'.

Aviso aos navegantes.

N. 31.

Canal dos Principes.

Entrada no Tamisa, pharol addicional.

Trinity House 5 de junho de 1856.

Para melhor navegação do canal dos Principes, resolveu-se, que nelle se estabelecesse uma luz addicional.

Pelo presente se faz publico, que antes do dia 1.° de outubro proximo, uma embarcação pharol estará fundeada ao lado norte do dito, a meio caminho pouco mais ou menos, entre os pharoes Tongue e Guindler, e que uma luz encarnada revolvente apparecerá da mesma, depois do pôr do sol, daquelle dia.

Nova informação a respeito da posição exacta, demarcações, etc., da luz projectada, será publicada em tempo competente.

Por ordem.

Assignado, P. H. Berthon, secretario.

TRADUCÇÃO

Aviso aos navegantes.

A directoria da companhia das Indias Orientaes recebeu ultimamente do governo de Bengala a seguinte noticia, que se publica para conhecimento geral,

Para a gente do mar que naufragar na parte do mar de Sunderbunds tem-se estabelecido as seguintes casas de asylo.

N. 1, pintada de encarnado. Edificada um pouco para o norte de Jacksons Grove na ponta de Sezers formando a entrada de leste para o canal «Creek.» Está em uma extensa planicie coberta de capim pela parte interior, ou para leste de uns montes altos de area, que formam a linha da praia.

N. 2, pintada de branco. Edificada na entrada de leste para o rio Subtermookey, 400 jardas ao norte da ponta que se forma da ilha Bulcherry e 20 jardas do signal ou marca das marés cheias. Está collocada no meio de arvoredo baixo e mui unido (jungle).

N. 3, pintada de preto. Edificado a entrada de leste do rio Jeuneva, 400 jardas ao norte da ponta que forma a entrada para o rio Subtermookey, e 200 jardas do signal ou marca das marés cheias.

Em cada casa ha um suprimento de bolacha e agua, que facilmente se acha lendo as instrucções, que existem em cada uma, que contem igualmente outras direcções de utilidade, cada casa tem junto a si um catamarau.

Os naufragos que alcançarem a terra a leste de Saugor devem procurar as casas de asylo, e devem lembrar-se que quando uma embarcação se perde com um pratico a bordo, o facto he logo sabido na estação dos praticos e em Calcuta. Os naufragos por tanto, que acharem caminho para as casas, devem n'estas permanecer e cuidar nos meios de subsistencia, na certeza de que, em breve serão socorridos, ou se forem obrigados a abandona-las, esforçarem-se para seguir o caminho do oeste até a ilha de Saugor, e viajar pela praia até que cheguem ao pharol, ou caminharem para uma grande povoação de pescaria, situada no lado do sueste da ilha de Saugor, servindo-se do catamarau até onde for praticavel.

Por ordem de superintendente da marinha. Assignado, Jas Sutherland, servindo de secretario.

Repartição da superitendencia da marinha em Fort William, a 8 de março de 1856.

Publicado por ordem da directoria da companhia das Indias Orientaes. Assignado, James C. Melvell, secretario.

Casa da directoria 7 de maio de 1856.

REPARTIÇAO' DA VACCINA.

Com autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia faz-se publico, para conhecimento dos habitantes desta cidade, que os dias de vaccina serão de hoje em diante nas quintas e domingos de cada semana, no lugar e horas anteriormente declaradas: nos domingos estara' esta repartição aberta até a's 11 horas da manhãa. Dr. João Nepomuceno Dias Fernandes, commissario vaccinador provincial.

REPARTIÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS.

A repartição das obras publicas contrata o fornecimento de tijolo de alvenaria grossa e area para as obras da capital, pelo tempo de seis mezes. Os pretendentes dirijam as suas propostas em carta fechada ao Illm. Sr. director interino no dia 23 do corrente as 11 horas da manhãa nesta secretaria.

Secretaria da directoria das obras publicas 13 de outubro de 1856.—O secretario,

Joaquim Francisco de Mello Santos.

— O arsenal de marinha compra no dia 25 do corrente mez, a vista de propostas apresentadas neste mesmo dia até as 11 horas da manhãa, para fornecimento do almoxarifado, declarando elias um preço fixo, os objectos seguintes, da melhor qualidade: — Sapatilhos, papel de peso, solla, chumbo em lençol, caixas de cobre de tres a seis quartos, cabo de Manilha, oleo de linhaça, remos de faia de treze a dezeseis pés, vistas de osso, lonna ingleza estreita, merlin, sebo em pão, cera em archotes, colheres de ferro, dedaes de repucho, pregos de cobre, polvora grossa, polvora fina, lapis.

Inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 14 de outubro de 1856.

O secretario,

Alexandre Rodrigues dos Anjos.

— Faz-se constar, para os fins convenientes, que em sessão do conselho da administração naval de 15 do corrente, foram aceitas as propostas dos Srs. Elias Marinho Falcão de Albuquerque Maranhão, Palmeiro & Beltrão, e João José de Medeiros e Mello, para fornecerem: o primeiro, aguardente e azeite de carrapato; o segundo, velas de carnauba, e o terceiro, carne verde pelo tempo a decorrer desde essa data ate' o fim de dezembro proximo: todos estes objectos precisos aos navios de guerra, barca de escavação, praças do arsenal de marinha, e Africanos livres neste existindo, e fazendo parte dos não contratados, por falta de licitantes, na sessão de 7 do corrente.

Sala do conselho da administração naval de Pernambuco, em 17 de outubro de 1856.

O secretario,

Alexandre Rodrigues dos Anjos.

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de contratar os generos alimenticios para fornecimento da companhia de aprendizes menores, do arsenal de guerra, e africanos livres do mesmo arsenal, durante os dous mezes novembro e dezembro proximos vindouros.

Pão de quatro onças, bolachas, carne verde, dita secca, farinha de mandioca, assucar somenos refinado, café, cha hyson, manteiga franceza, arroz pilado, bacalhão, feijão preto ou mulatinho, toucinho de Lisboa, azeite doce, vinagre.

Quem quizer contratar estes objectos apresente suas propostas em cartas fechadas as 10 horas do dia 29 do corrente: na secretaria de conselho.

Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do aasenal de guerra 23 de outubro de 1856. Bento José Lamenha Lins, coronel presidente.—Bernardo Pereira do Carmo Junior.—vogal e secretario.

PUBLICAÇAÕ LITTERARIA.

REVISTA DA INSTRUCÇAO' PUBLICA PARA PORTUGAL E BRASIL.

Redacção: Antonio Feliciano de Castilho e Luiz Filippe Leite.

A unica politica actualmente possivel, não só para a Europa, mas para a America, e para todos os povos livres, e a da luz para todos; he a da civilisação universsl. A opinião popular educada, he a mais segura fiança de estabilidade para os bons governos e de felicitação publica. Por ella se operará no interesse commum, o que aliás ficaria circumscripto á limitada esphera das conveniencias individuaes.

Portugal e o Brasil, que derivam de origem commum as suas mais gloriosas tradicções, palpitam com aspirações indenticas e não demandam outro norte, senão esse para onde lhes está apontando a consciencia das proprias provações e a sciencia na sua expressão mais sincera,

Sem um systema de publica instrucção que attinja a verdadeira altura da respectiva destinação social, infructiferos serão quaesquer esforços com quó se pertenda fazer progredir um paiz na estrada providencial da perfectibilidade.

Entre nos, portuguezes e brasileiros, se confesse com amor e franqueza de irmãos, que, nem a quem, nem alem mar se possue ainda educação nacional organisada segundo as mais recentes revelações da sciencia, e conforme as nossas peculiares necessidades e conveniencias. E com a mesma franqueza concordaremos em que ambas as nossas legislações respectivas, se acham mui longe não só da sua importancia, mas das exigencias imperiosas da posição pelitica de qualquer dos dous paizes.

Portugal, abraçado com a industria agricola e fabril, e empenhado nos melhoramentos materiaes, vai construindo de boa fé, sem attentar seriamente para a solidez dos aliceces. Quando mais arrojada se lhe estiver affigurando a projecção que delineou, mais proxima da sua ruina lhe andará a grandeza da edificação. O desenvolvimento publico, que espera do plano de reformas que traçou, será quasi uma chimera, emquanto não dispozer rasgada e francamente os caminhos da illustração popular. Pouco lhe amadurecerá o futuro, emquanto não emendar os erros que lhe legou o passado, fazendo caminhar juntos os interesses intellectuaes com os materiaes do paiz.

O Brasil, na força da sua adolescencia como nação, entrevê largos horisontes de prosperidade e riqueza publica: mas, para que o seu influxo no continente meridional da America, seja tal como lhe cumpre, he-lhe mister partir do mesmo principio de engrandecimento intellectual e não hesitar perante a amplidão do commettimento.

Eis as as nossas posições, a nosso ver, definidas.

Portugal, pela sua situação geographica, pela importancia das suas condições historicas, deve assumir o lugar que lhe compete na communhão europea.

O Brasil, pela vastidão do seu territorio, pelo vigor de todos os seus recursos, tende a elevar-se ao grão de influencia politica, de que só o fará participar o seu desenvolvimento intellectual.

O primeiro não obterá a prosperidade publica sem bascar na educação nacional os seus esforços.

O segundo, não aproveitará convenientemente os seus inexauriveis recursos, sem elevar a massa nacional ao nivel a que lhe não he licito ficar inferior.

Que nos propomos nós, com a presente publicação?

Em duas palavras o diremos. Pesar na balança do senso commum e a luz da sciencia actual, o que existe, bom ou máo, optimo ou pessimo nas duas legislações; inquirir o que falta e devia existir; examinar com a mesma consciencia o que se faz, e o que se tem feito nos paizes onde mais adiantada se acha a organisação da instrucção publica, considerada quer administrativamente, quer nos seus pormenores pedagogicos e didacticos. Da meditada confrontação de tão diversos elementos, irmos propondo o que em boa razão se não pode deixar de propor, para o aperfeiçoamento, ou antes radical reforma da instrucção publica, em cada um dos dous paizes.

A tarefa, não he facil. Supprirá, porem, a boa vontade, se, como esperamos, os especialistas e os sabios d'um e d'outro paiz, a quem muitas vezes havemos de recorrer, repartirem comnosco do fructo das suas observações e dos seus estudos.

Considerando que o agrado nascido da amenidade, he para o gosto da maioria uma innocente seducção, e que em favor do santo fim que demandamos, nenhum meio se deveria desprezar, quanto mais a formosa litteratura, procuraremos desenfadar algumas vezes com ella o cansaço dos estudos serios, mesmo afim de crear para estes maior numero de sectarios. O exemplo não he novo, temo-lo nos jornaes especiaes de todas as linguas: temo-lo na França principalmente.

CONDICÇÕES.

A «Revista da Instrucção Publica,» sahira duas vezes por mez. Terá 12 paginas neste formato, ou 24 columnas cada numero.

As correspondencias, serão dirigidas francas de porte a officina do «Progresso» em Lisboa, rua da Cruz de Pao n. 15.

Para a redacção, a Luiz Filippe Leite.

Para a administração a Francisco Gonçalves Lopes.

PREÇOS.

	Com estampilha.	Sem estampilha.
Por anno	1$940	1$700
» semestre	1$020	900
» trimestre. . . .	540	480
Avulso, cada numero . .	130	120

Para o ultramar e Brasil, será remettida a «Revista» pelas malas dos navios de vela. Os preços são em moeda forte. As assignaturas, pagas adiantadas, por tres mezes, pelo menos. Roga-se a quem assignar neste prospecto, ou para elle colher assignaturas no imperio do Brasil, queira entrega-lo, com a respectiva importancia, ao agente Consular portuguez na localidade, ou a pessoa por elle designada.

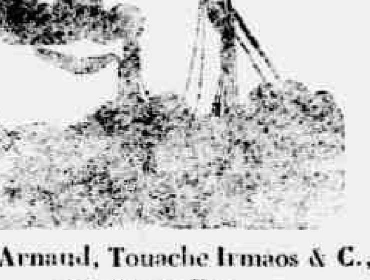
Subscreve-se na cidade do Recife, livraria n. 6, e 8 da praça da Independencia.

Avisos maritimos.

RIO de Janeiro.

Segue com brevidade por ter parte da carga, o brigue «Liberal»; para o resto, passageiros e escravos a frete, trata-se com Caetano Cyriaco da Costa Moreira, na rua da Cadeia do Recife n. 2.

COMPANHIA DE NAVEGAÇAÕ MIXTA.



Luiz Arnaud, Touache Irmaos & C., em Marselha

O vapor *Brasil* devera ter partido de Marselha para o Rio de Janeiro, com escala por Malaga, Lisboa, Tenerifl, Pernambuco e Bahia, no dia 25 de setembro proximo passado: para qualquer informação, com N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4, agentes da companhia.

— Para Lisboa segue com toda brevidade o brigue portuguez «Bom Successo», por ter a maior parte da carga prompta: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem excellentes commodos, dirija-se aos consignatarios Thamaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Espera-se do Assu com muita brevidade a bem conhecida e veleira barca «Mathilde», a qual terá aqui a demora sufficiente para receber escravos a frete para o porto indicado: trata-se com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

Companhia Pernambucana.

Largo da Assembléa numero 10.

O vapor «Iguarassú» segue no dia 29 proximo, as 9 horas da manhãa, para os portos da Parahiba, Rio Grande do Norte, Assú, Aracaty, Ceara', Acaracu' e Granja, e na volta os mesmos e mais o de Itapissuma: para carga e passageiros no respectivo escriptorio, advertindo que carga só recebe até ao meio dia da vespera, e o expediente fechar-se-ha as 8 horas do da sahida.

PARA o RIO DE JANEIRO.

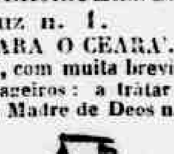
Segue com muita brevidade por se achar com dous terços da carga a bordo, o brigue "Conceição", do qual he capitão Joaquim Ferreira dos Santos; para o resto, e escravos a frete, para o que tem commodos sufficientes, trata-se com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

PARA A BAHIA.

O veleiro e bem conhecido palhabote nacional—Dous Amigos,—pretende seguir até o dia 26 do corrente; ja tem aborto metade do seu carregamento, para o resto e passageiros, para os quaes tem excellentes commodos, trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz Oliveira Azevedo, rua da Cruz n. 1.

PARA O CEARA'.

O hiate *Aurora*, com muita brevidade, ainda recebe carga e passageiros: a tratar com Martins & Irmãos, na rua da Madre de Deos n. 2.



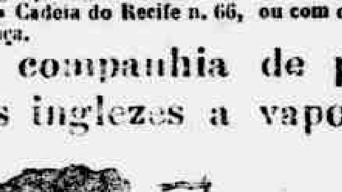
Pará pelo Maranhão.

Segue em poucos dias para o Para, com escala pelo Maranhão, o brigue brasileiro *Clara*, de primeira marcha, o qual tem parte da carga engajada: para o resto e passageiros, para o que offerece asseiados commodos: trata-se com o consignatario João Pinto Regis de Souza, na travessa da Madre de Deos, armazem de Martins & Pinto, ou com o capitão Fernando José dos Santos, na praça.

Para o Rio de Janeiro

segue em poucos dias o brigue brasileiro «Adolpho,» de que he capitão Manoel Pereira de Sa; para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, tratase na rua da Cadeia do Recife n. 66, ou com o capitão na praça.

Real companhia de paquetes inglezes a vapor.



Até o fim deste mez espera-se da Europa um dos vapores da Real Companhia, o qual depois da demora do costume seguira para o sul: para passagens, etc., trata-se com os agentes Adamson Howie & C., rua do Trapiche-Novo n. 42.

Para o Rio

sahe dentro em poucos dias, o brigue «Sagitario», o qual ja' tem parte do carregamento a bordo: para o restante e passageiros, trata-se com Manoel Francisco da Silva Carriço, na rua do Collegio n. 17, segundo andar, ou com o capitão Manoel José Ribeiro, a bordo.

Leilões.

— O agente Borja, por autorisação do Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, a requerimento de D. Maria Carolina de Brito Carvalho, tutora de sua filha Anna Zilia de Carvalho Brito, fara' leilão de diversos escravos de ambos os sexos, moços, de bonitas figuras etc., pertencentes a referida tutellada, os quaes se acharão patentes no armazem do agente annunciante, sito na rua do Collegio n. 15: sexta feira 24 do corrente as 11 horas da manhãa.

Leilão

— O agente Oliveira fará leilão por conta e risco de quem pertencer, de 170 pipas vasias levantadas, e de 140 barricas vasias que foram de farinha: sabbado, 25 do corrente, as 11 horas da manhãa no armazem n. 17 na praia de Santa Rita.

Leilões.

Southrall Mellor & C. farão leilão, por intervenção do agente Oliveira, de grandes porções de fazendas avariadas, vindas pelos ultimos navios, e continuarão o mesmo com fazendas inglezas, todas de lei, sexta-feira, 24 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua do Trapiche.

— O agente Vieira da Silva, na rua da Madre de Deos n. 32, faz leilão sabbado 25 do corrente ao meio dia em ponto, de diversas obras de marcineria novas e uzadas, e diversas obras de ouro e prata assim como sera' vendida na mesma 1 casa terrea sita em Olinda na rua do Bomfim n. 26, os pretendentes podem ir examinar, pois o mesmo agente obriga-se a presentar o papel livre e desembaraçado como consta dos papeis da casa e mais objectos que se acharão patentes no dito armazem que sera' vendido em leilão.

— O agente Vieira da Silva, transferio o leilão annunciado para hoje, 23, de uma casa terrea em Olinda, para sabbado 25 do corrente ao meio dia em ponto em seu armazem na rua da Madre de Deos n. 32.

Leilão.

O agente Oliveira fara' leilão, em seu escriptorio, de grande porção de obras de ouro, como sejam: anneis, alfinetes de peito, brincos, botões de punho, trancelins, cordão, redoma, medalha, crucifixo, e uma imagem da Conceição; assim como, de diversas obras de marcineiria, inclusive mesa elastica de amarello para jantar 24 pessoas, lanternas, quadros e muitos outros artigos, que serão vendidos por qualquer preço, afim de desoccupar dito escriptorio, caso os donos de alguns não mandem tomar conta antecipadamente dos que lhes pertencem: terça-feira 28 do corrente, a's 10 horas da manhãa.

Continuação.

Hoje, 24 de outubro, ás 10 horas da manhãa, o agente Pestana continuará a vender em leilão os salvados do vapor Marquez de Olinda, já annunciados: na rua do Brum, armazem n. 12, dos srs. V. Baptista & C.

Avisos Diversos.

Almanak da provincia.

Estando-se confeccionando o almanak da provincia, roga-se a todas as pessoas que costumam nelle ser incluidas, e que o não estiverem, ou houver algum erro, queiram mandar levar a livraria numero 6 e 8 da Praça da Independencia, a emenda, assim como pede-se aos senhores de engenhos, se dignem mandar igualmente as transferencias a mesma livraria.

Previdencia.

Companhia de seguros contra a mortalidade dos escravos.

ESTABELECIDA NO RIO DE JANEIRO.

Agencia filial de Pernambuco—N. 13 rua do Crespo.

O flagello deste anno ainda esta' muito fresco na memoria de todos, para que se deixe de apreciar o grande beneficio que resultara' aos proprietarios de escravos, da garantia de propriedade, que esta companhia offerece.

Ninguem deixara' de concordar na vantagem de tirar dos rendimentos de uma propriedade uma pequena parcella que garanta o seu valor total, e o premio he tão modico que nem em 30 annos completara' a quantia que, a qualquer momento tem o direito de receber por caso da morte do escravo seguro.

Pagar-se-ha por exemplo, sobre a avaliação de 1:000$ (e menos em proporção no caso do valor ser mais modico) inclusive o sello da apolice etc.

Das idades

De 12 até entrar aos 40 annos—36$100 por anno.
» 40 » » 45 —41$200 » »

Subindo o premio de cinco em cinco annos até a idade de 70 annos conforme as condições impressas que poderão ser procurados no escriptorio da companhia.

No caso de hypothecas, o seguro serve para maior garantia das dividas, porque a companhia aceita a transferencia das apolices a novos proprietarios, com tanto que essas transferencias se realisem em seu escriptorio.

Dar-se-ha consultas gratis aos escravos seguros das 9 para 10 horas da manhãa, no escriptorio da companhia.

DAGUERREOTYPO

SYSTEMA NORTE-AMERICANO.

Aterro da Boa-Vista n. 4, 3.° andar.

Causas extraordinarias chamam o artista proprietario deste estabelecimento a uma das provincias do norte aonde suppõe ter alguma demora, e tendo de partir no paquete «Iguarassú» apenas tera a sua galeria e officina a disposição do publico até o dia 28 do corrente: as pessoas que desejarem possuir um retrato perfeito e inalteravel poderão aproveitar os dias que restam de sua estada nesta capital. No mesmo estabelecimento encontra-se o mais completo e variado sortimento de joias e artefactos parcr a collecção de retratos.

Um protesto perante o publico.

Eu, o padre João Herculano do Rego, abaixo assignado, protesto, do modo mais solemne, por nullidade contra qualquer depoimento, informação, queixa, denuncia; ou cousa semelhante; que por ventura for dada em juizo, ou fóra delle pelo meu irmão Guilherme Gomes do Rego: visto que esse homem tem desde o principio de minha questão, empregado todos os meios, ainda os mais indignos, para perder-me; e se mostra a toda a prova meu inimigo figadal: como farei ver ao publico em um artigo separado, que brevemente tenho de publicar. O mesmo protesto se deve entender a respeito daquellas pessoas, de quem eu nomeadamente me hei queixado pelos jornaes desta capital. sendo certo, que taes pessoas (embora se finjam não ter-me inimisade) me consagram com tudo a maior ogerisa. Consta-me pois que todo o mal se me prepara, de accordo com pessoas que não o deviam fazer, cujos planos capciosos e maldades tenho publicado; e o heide fazer, com toda a força dos pulmões, em quanto Deos me conceder vida e saude.

Padre João Herculano do Rego.

Recife 23 de setembro de 1856.

— Fugio de bordo do patacho «Valente» no dia 23 de setembro o preto Januario com os signaes seguintes: nação Benguella, idade 40 annos, côr preta, rosto comprido, nariz chato, olhes pretes, barba cerrada; pede-se a's autoridades policiaes e capitães de campo o prendam e levem a rua da Cadeia do Recife n. 2, que sera' recompensado.

Linhas de omnibus.

D'ora em diante haverá todos os domingos e dias santos, um omnibus as 6 horas da manhãa, e das 2 as 7 para Apipucos; assim como haverá igualmente as 7 horas tambem da manhãa, um daquelles carros para Cachangá e outro para Olinda; todos os quaes voltarão a noitinha. Desde ja ficam elevados a 2$000 rs., por ida e volta, os passeios á tarde nos dias de guarda.

— O abaixo assignado deixou de ser caixeiro do Sr. Manoel Rodrigues Costa Magalhães desde o dia 20 do corrente, mas o mesmo agradece ao dito Sr. o bom tratamento que recebeu durante o tempo que esteve em sua casa.

João Ribeiro de Castro.

— Precisa-se de um amassador, na padaria do Brito, no Monteiro: a tratar na mesma, ou na rua Direita n. 69.

BILHETES DE LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Estão rubricados e expostos a venda, junto ao arco de Santo Antonio, os novos bilhetes da 25 loteria da casa de correcção, que devia ser extrahida no Rio de Janeiro, no dia 17 do corrente; as listas devem vir pelo vapor francez, ou o primeiro que partir depois daquella data, até 25 do corrente teremos as listas, os numeros são de palpites; a elles antes que se acabem.—José Euzebio Alves da Silva.

—Aluga-se uma ama secca para tomar conta de um menino de 10 mezes e lavar e engommar para uma casa de pequena familia, e não importa que seja escrava: na rua do Collegio n. 8, segundo andar.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Corre sabbado 25 do corrente, ás 10 horas da manhãa.

— Precisa-se de dous homens que entendam de amassar em padaria: quem estiver nestas circumstancias dirija-se a casa de Tasso Irmãos, rua do Amorim n. 35.

— O Sr. que annunciou precisar de um rapaz para segundo caixeiro de loja dirija-se a rua do Cabugá loja n. 9, que achara' com quem tratar.

— Precisa-se de um pequeno de 12 a 16 annos de idade, para caixeiro de taberna: no largo da Ribeira n. 1.

— Precisa-se de dous homens destes que tenham chegado ha pouco de Portugal e que sejam moços: em casa de Tasso Irmãos achará com quem tratar.

Benção da imagem da Senhora do Terço e da Senhora da Soledade

Hoje, pelas 4 1/2 horas da tarde, tera' lugar a benção solemne da Senhora do Terço e da Senhora da Soledade da sachristia. A mesa regedora, para que se torne o acto mais solemne, pede a todas as corporações religiosas para mandar repicar em occasião da dita benção, sendo annunciada por girandolas de fogo do ar.

— A commissão encarregada da igreja de Nossa Senhora do Rosario do bairro de Santo Antonio, tendo de celebrar, domingo 26 do corrente, a festa da mesma Senhora, roga encarecidamente aos moradores da rua larga do Rosario, que illuminem a noite as suas varandas, para tornar mais solemne um acto de tanta magnitude.

— O bilhete inteiro de n. 3291 da segunda parte da primeira loteria do Sr. Bom Jesus dos Martyrios pertence a Ilim.ª Sr.ª D. Maria Thereza Pereira Lins.

— A pessoa que annunciou querer dar 1:600$ a premio querendo os dar sob hypotheca em um casal de escravos pardos, dirija nesse sentido uma carta com as iniciaes A. L. a esta typographia, ou annuncie sua morada para ser procurada.

PROGRAMMA DA FESTA DA VIRGEM SENHORA DO TERÇO.

Na madrugada de sabbado (25) será celebrada missa cantada e depois da qual será a bandeira com a effigie da Virgem Senhora conduzida por choro de anjos e de meninas decentemente vestidas, e percorrers' algumas ruas ao som de varias peças de musicas executadas pela excellente musica dos meninos do trem, finda a qual sera arvorada a bandeira entre girandolas de fogo do ar, e ahi permanecerá até que finde todos os actos; a noite haverá vesperas e grande illuminação na frente da igreja. No domingo de madrugada terá missa, tocando nella a mesma musica acima, as 11 horas sera' annunciado o principio da festa por uma grande girandola de fogo, sendo a musica executada sob a direcção do Sr. João Marcellino da Costa, mestre da capella imperial; o sermão sera' recitado pelo Rvm. padre mestre exprovincial e pregador da capella imperial, Fr. Lino do Monte Carmelio; as 7 horas da noite sera recitado o sermão pelo Rvm. padre mestre pregador da capella imperial João Capistrano de Mendonça, findo o qual sera' executado pelos levitas do Senhor—Te-Deum Laudamus.—No principio e fim de qualquer acto serão executadas ricas peças de musica, finalisando com o tiramento da bandeira; e em seguida se soltara' um lindo e variado e divertido fogo de artificio, feito pelo insigne professor desta arte o Sr. João Francisco Alves Monteiro. Roga-se a todos os moradores da rua Direita e Cinco Pontas de ornarem as frentes de suas casas e de illuminarem-nas nos dias 25 e 26, tornando-se por esse moio mais solemne a festa da Virgem Senhora do Terço, mãi e protectora dos peccadores a quem todos deverão render graças.

— Precisa-se de um caixeiro para tomar conta de uma taberna em Fóra de Portas n. 92, assim como se dara' sociedade trazendo alguns fundos.

— Precisa-se de costureiras; na loja de alfaiate, rua Nova, esquina da Ponte.

— Precisa-se de um caixeiro para casa de pasto: no Forte do Mattos, ruá da Cordoniz n. 3.

— Os abaixo assignados venderam sua taberna sita no pateo da Ribeira n. 1, ao Sr. José Bernardino da Silva; os credores da mesma poderão receber suas contas de Justino Pereira de Andrade, na rua do Amorim, armazem de cocos. Recife 24 de outubro de 1856.—Izidro Pereira de Andrade & C.

— Fugio do engenho Salgadinho de Muribeca, no dia 19 do corrente, o moleque Antonio, crioulo, idade de 20 annos, pouco mais ou menos, baixo e grosso do corpo, cabeça grande e muito cabello, beiços e nariz grossos, com falta de dentes na frente, pernas um pouco arqueadas, falla fina e descançada, sendo já surrado; pede-se as autoridades de policia e capitães de campo a apprehensão do dito moleque, e o conduzam ao dito engenho, ou a rua de Hortas n. 114, que serão bem pagos de seu trabalho.

ATTENÇÃO.

Precisa-se de um sitio que tenha baixa para capim de planta, e algum terreno para vaccas de leite, e que diste do Recife nunca mais de duas leguas, serve em Olinda: quem o tiver e quizer arrendar annuncie por este «Diario» para ser procurado.

— Hoje 24 de outubro, perante o Illm. Sr. Dr. juiz municipal da primeira vara, na sala das audiencias, ao meio dia, se ha de arrematar por ser a ultima praça, a requerimento do respectivo testamenteiro, uma casa terrea n. 9 sita na rua do Nogueira, pertencente a finada D. Joanna Correia Parente, a qual casa vai a praça para pagamento de suffragios.

— Precisa-se fazer no quartel do Hospicio alguns pequenos reparos no corredor do estado maior, e na casa que serve de arrecadação geral do batalhão alli aquartelado: quem destes reparos se quizer encarregar, póde comparecer na directoria das obras militares.

— Precisa-se alugar uma escrava que entenda de cozinha e saiba vender na rua: na rua do Queimado, loja n. 2.

— Precisa-se de um caixeiro que entenda de negocio e dê fiador a sua conducta: póde procurar no deposito de pão da rua da Cadeia de Santo Antonio n. 6.

— João José Gomes Pinheiro faz publico ao commercio desta praça, que admittio para socio de sua casa o Sr. Bernardino Lopes de Oliveira, ficando de hoje em diante os seus negocios sob a firma de Pinheiro & Oliveira. Recife 23 de outubro de 1856.

— O bilhete n. 2689 da segunda parte da primeira loteria dos Martyrios, pertence ao Sr. Joaquim Ferreira da Silva Junior, e fica em poder de Antonio dos Santos Vieira.

— Pede-se ao official de marinha sem galão, que deixe de insultar pessoas que não o levam em conta, e nem importar-se com a sua vida. Nós todos nos conhecemos, o Sr. deste dia estava como costuma, porque a canna as vezes incommoda.

— Aluga-se o primeiro e o terceiro andar da casa da rua da Cruz n. 40, no Recife: trata-se no armazem da mesma casa.

— O abaixo assignado faz sciente a quem interessar que comprou a taberna sita no pateo da Ribeira n. 1 da freguezia de S. José, pertencente aos Srs. Izidro Pereira de Andrade & C., e toda a pessoa que tiver negocios com a dita firma, devera' comparecer na dita taberna no prazo de 3 dias, findos os quaes não se responsabilisa por conta alguma que appareça. Recife 22 de outubro de 1856.

José Bernardino Alves.

— Precisa-se de alugar uma preta para servir em uma casa de familia, adverte-se que seja fiel e de boa conduta: quem tiver dirija-se a rua do Rosario estreita n. 13.

ADVERTENCIA.

O procurador da camara municipal desta cidade, de novo avisa a todos os senhores possuidores de carros de passeio, carroças e outros vehiculos de conducção que o prazo marcado no regulamento de 27 de julho de 1852, para o pagamento do respectivo imposto. finda-se no ultimo do corrente mez: passado o qual incorrem na multa de cinco por cento.

— Previne-se a quem interessar que não faça negocio algum com os que se dizem procuradores do auzente Sr. Antonio Joaquim de Souza Ribeiro, sobre os escravos Antonia, parda, de 7 annos de idade, e Sabino, pardo, de 4 annos, filhos da escrava liberta Benedicta, pertencentes ao cazal da finada D. Angelica Joaquina dos Anjos, de cujos bens foi inventariante o mesmo Sr. Ribeiro, visto achar-se pendente por appellação no tribunal da relação o respectivo inventario por nullidades insanaveis, que houve na partilha; e o mesmo se previne a competente autoridade policial, para que não lhes conceda passaporte para embarcarem os ditos escravos, que estão em letigio.

—Arrenda-se um sitio na Torre a margem do rio Capibaribe, com boa casa de vivenda acabada, e pintada de novo, com commodos para grande familia, por ter sotão, estribaria, agua de beber, quarto para criado independente da casa e terreno para capim: a fallar na rua do Seve, casa em que morou o consul portuguez.

— A pessoa que por engano tomou da portaria do recolhimento da Gloria uma condecinha com uma toalha de bretanha de labyrintho nas pontas com bico, e tendo a marca de J. P. L., faça favor entrega-la no mesmo recolhimento, que se lhe sera' obrigado.

— Quem quizer aprender a pilotagem theorica, e curso mathematico, agrimensura, cartas para o commercio, geometria pratica para facilitar as suas escalas pitipé e tambem francez; dirija-se a rua do Nogueira n. 7, que ahi achará com quem tratar.

Grande e asseiado collegio em Lisboa,

para meninos, internas e externas, cuja educação, prendas e mais vantagens, se poderão avaliar, em presença dos estatutos, que se acham na rua do Crespo loja n. 16, ou na esquina que volta para a rua da Cadeia.

Aviso.

Os abaixo assignados rogam a todos os devedores das firmas de Cruz & Gomes, Cruz & Bastos, e José Dias Simões que venham ou mandem pagar seus debitos na rua do Queimado loja de miudezas n. 35, ou na rua do Cabuga' loja de miudezas de quatro portas n. 1 C, onde acharão suas contas extrahidas dos competentes livros.

Os abaixo assignados são os unicos encarregados a receber essas dividas, como podem provar, cazo alguem o exija, e por isso declaram que ninguem mais podera' receber conta alguma sem autorisação dos mesmos, sobre pena de pagarem duas vezes.—Francisco José Alves Guimarães, José Alves da Silva Guimarães

A loteria corre sabbado.

Estão a venda na loja do aterro da Boa-Vista n. 56, junto ao selleiro, um resto de bilhetes, meios e quartos, garantidos, da loteria do Senhor Bom Jesus dos Martyrios. A numeração he de palpite.

— Perdeu-se na madrugada do dia segunda-feira, 20 do corrente, de um sitio visinho ao engenho Santa Cruz, districto de Iguarassú, um menino de idade de 10 a 11 annos, branco, resto regular, nariz afilado, bocca pequena, cabellos louros e aparados, um tanto baixo, chama-se Reginaldo, e sahio tão somente com a roupa que tinha vestido quando se foi deitar, camisa e ceroula, na occasião de sahir deixou o bonet, e por isso julga-se ter ido sem chapeo, foi encontrado no rio do engenho Paulista, dizendo que ia para o Recife: roga-se a qualquer autoridade a quem for elle remettido, caso seja capturado, o queira ter em segurança até que seja procurado, pois o annunciante promette não o dilatar em deposito, logo que saiba o lugar onde se acha.—Claudino de Menezes Vasconcellos de Drummond.

— D. Anna Maria Paes Barreto, residente no engenho Rodizio da freguezia de S. Lourenço da Matta, viuva do capitão Sebastião Antonio Paes Barreto, avisa aos credores do seu casal, que pelo juizo de orphãos, escrivão Gumarães, se esta procedendo ao inventario dos bens do mesmo casal, afim de que justifiquem, querendo, seus creditos para serem atteudidos como for de justiça.

— Deseja-se fallar aos Srs. Francisco José de Magalhães e José de Oliveira Lopes, a negocio de seu interesse: na rua Velha n. 123.

Cidade de Olinda.

O escrivão da irmandade de N. S. do Amparo da cidade de Olinda, em nome da mesa regedora, convida a todos os seus irmãos a comparecerem no consistorio de nossa igreja no domingo, 26 do corrente, pelas 8 horas da manhãa, afim de se proceder a eleição da nova mesa que tem de reger o anno de 56 a 57. A mesa espera que os seus irmãos não faltem a este dever tão recommendado pelo nosso compromisso.

— Da-se 550$000 a premio com penhores de hypotheca em casas, ou quantias pequenas: na rua Direita n. 74.

— A pessoa que annunciou querer dar 1:600$ a premio sobre hypotheca, dirija-se a rua do Livramento, botica do Sr. Chagas, que dira' quem precisa.

— Aluga-se uma casa pelo tempo da festa, perto do rio, na Capunga nova, onde morou o fallecido Braz, com commodos sufficientes para familia: a tratar no armazem n. 3 defronte da escadinha da alfandega.

ALUGAM-SE

4 casas na Torre, caiadas e pintadas para se passar a festa, por commodo preço: na rua da Cadeia de S. Antonio n. 17.

LOTERIA DA PROVINCIA.

2ª parte da 1ª loteria do Senhor Bom-Jesus dos Martyrios.

Corre sabbado 25 de outubro de 1856.

O abaixo assignado vendeu as seguintes sortes:

1 quarto	n. 2750	900$000.
1 meio	« 1629	400$000
1 dito	« 796	200$000.
1 quarto	« 1554	100$000.
1 dito	« 55	100$000.
1 bilhete	« 5214	100$000.
1 quarto	« 5954	50$000.

Os bilhetes com a rubrica do abaixo assignado, acham-se a venda nas lojas ja' annunciadas, os quaes não estão sujeitos ao disconto dos oito por cento do imposto geral, que sera' pago logo que saia a lista, na rua da Cadeia do Recife n. 45.

Bilhetes	5$800	recebe	5:000$000
Meios	3$000	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000

Por Salustiano de Aquino Ferreira, José Fortunato dos Santos Porto.

— Dá-se 1:600$000 a juro modico, sob hypotheca ou firma segura: quem quizer annuncie sua morada.

— Aluga-se o segundo andar da casa n. 51 da rua da Cadeia do Recife, com sala e gabinete de frente, sala de jantar, 5 quartos, dispensa e cozinha fóra: a tratar na mesma rua, casa n. 53, segundo andar.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O Sr. thesoureiro das loterias manda fazer publico, que estão expostos a venda, na thesouraria das loterias, na rua da Aurora n. 26, das 9 ás 5 da tarde, os bilhetes, meios e quartos, da segunda parte da primeira loteria do Sr. Bom Jesus dos Martirios do Recife, cujas rodas andam no dia 25 do corrente, e logo que se publiquem as listas, se pagam os premios incontinente, a excepção dos dous premios grandes, que são pagos logo, no salão da extracção, no convento de Nossa Senhora do Carmo. —O escrivão, José Januario Alves da Maia.

Serventes de pedreiro.

Precisa-se de serventes para a obra de pedreiro da rua das Cruzes.

— O agente Oliveira aluga, pelo tempo da festa, ou por anno, a sua excellente e espaçosa casa de campo, sita no Poço da Panella, a qual tem todos os commodos desejaveis para grande familia, decente, por numerosa que seja, acaba de ser caiada e pintada: os pretendentes dirijam-se ao mesmo.

— O Dr. Pedro de Athayde Lobo Moscozo, tendo muito breve de fazer uma viagem, roga a quem se julgar seu credor o obsequio de apresentar suas contas até o dia 10 de novembro futuro, e espera que os que lhe devem, tenham a bondade de mandar-lhe pagar até esse dia, pelo que lhes ficara' muito agradecido.

DEPOSITO DE LIVROS E BOTICAS HOMEOPATICAS,
DO
CONSULTORIO
DO
DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

O Dr. P. A. Lobo Moscoso, tendo de fazer uma viagem deixa a sua botica sôb a direcção de pessoa habilitada e de inteira probidade, e um deposito na loja de livros do Sr. Manoel Nogueira de Souza na rua do Crespo, sobrado novo do Sr. Magalhães Bastos.

PREÇOS FIXOS.

Botica de 12 tubos grandes. . . .	10$000
Dita de 24 » » . . .	15$000
Dita de 36 » » . . .	20$000
Dita de 48 » » . . .	25$000
Dita de 60 » » . . .	30$000
Manual de medicina homeopathica do Dr. Jahr com o diccionario dos termos de medicina	20$000
Medicina domestica do Dr. Henry.	10$000
Tratamento do cholera morbus.	2$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes.	6$000

—A fabrica de velas e sabão a' vapor da rua do Brum, precisa de serventes e de serradores.

SEGURIDADE.
Companhia de seguros maritimos, estabelecida no Rio de Janeiro.

Capital mil contos de reis.

Offerece ao commercio vantagens que nenhuma outra companhia tem feito até agora. Aceitam-se propostas de seguro no escriptorio de Isaac, Curio & Companhia, agentes da companhia, rua da Cruz n. 49.

FABRICA DE VIDROS
EM SANTA THEREZA.

No lugar denominado Senzala, em Santa Thereza, casa do Sr. Catão, acha-se estabelecida uma fabrica de vidros, a qual fabrica toda e qualquer qualidade de vidros, assim como porcellanas finas e ordinarias; as encommendas por ora deverão ser feitas na mesma fabrica em quanto não se estabelecem depositos especiaes, para maior commodidade dos freguezes.

SEGURO CONTRA FOGO.
Companhia Alliance.
Estabelecida em Londres, em março de 1824.
Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de têlha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

— O abaixo assignado faz sciente aos Illms. Srs. de engenhos e mais pessoas que negociam com assucar, remettendo-o para esta praça, que se acha habilitado em receber por commissão dito genero, e espera de seus patricios e amigos, e de quantos de seu prestimo se queiram utilisar, as remessas de seus assucares, promettendo o mesmo abaixo assignado exercer todo o zelo e actividade que lhe são naturaes, envidando todo o esforço possivel nas funcções da liquidada apuração de dito genero, como bem o tem demonstrado. As pessoas cujas remessas excederem de 10:000$ por safra, sómente pagarão 2 0|0 de commissão, sendo 3 0|0 as demais como he costume; e para todas se obriga o mesmo abaixo assignado a toda e qualquer compra de objectos sem como muitos tirar porcentagem. Recife, rua Direita, primeiro andar n. 93.

Francisco Seraphico de Assis Vasconcellos.

DENTISTA FRANCEZ.
Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem a Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

— Trocam-se notas do Banco do Brasil por moeda corrente nesta provincia, com desconto: na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

O Dr. João Honorio Bezerra de Menezes, formado em medicina, acha-se residindo na cidade do Rio-Formoso, e ahi se offerece a's pessoas que de seu prestimo se quizerem utilisar.

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES.
CAPITAL 16,000:000$000.

A companhia tem sua agencia no escriptorio de viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45, onde aceita todas as propostas de seguros de riscos e fortuna do mar.

— Precisa-se alugar seis pretos para armazem de assucar: quem tiver e quizer alugar, dirija-se a rua de Apollo, armazem n. 40, que encontrará com quem tratar.

J. JANE, DENTISTA,
continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Para uma casa de pequena familia na Passagem da Magdalena, e que consta unicamente de duas pessoas, se precisa de uma criada parda ou preta, forra ou captiva; dirija-se a rua de Apollo, armazem de assucar n. 13, para tratar.

— Por detraz da rua do Fagundes, loja do sobrado que fica defronte do estaleiro, onde se está fazendo um brigue, cozinha-se para fóra com todo aceio, e tambem se lava e engomma: tudo por preço commodo.

— Para familia estrangeira deseja-se alugar um preto fiel de bons costumes para o serviço de casa na rua do Trapiche n. 16, primeiro andar.

—O Rvm. Sr. Joaquim José de Faria, que morou ou mora na Boa-Viagem, tem uma carta na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

RETRATOS A DAGUERREOTYPO.
N. 12 ATERRO DA BOA-VISTA N. 12.

O abaixo assignado tem a distincta honra de scientificar ao respeitavel publico desta cidade, que acaba de mudar o seu estabelecimento por falta de commodo, da casa do Sr. A. Stahl da rua Nova para o aterro da Boa-Vista n. 12, e vai continuar a tirar retractos do ultimo gosto, pelos preços os mais commodos.—João B. Thoma.

— Precisa-se fallar com os senhores Francisco Sancho do Amaral, Francisco Joaquim Pereira Barrozo, Francisco Martins Vieira Pacheco, João Francisco Ferreira, João Nicoláo Gomes da Motta e João Ducla da Silva Borges: na rua do Queimado loja n. 10.

— Aluga-se uma casa com commodos para grande familia, por festa ou por anno, muito fresca, com cocheira para carro, estribaria muito boa e perto do banho, na Capunga nova, rua das Pernambucanas: a tratar com José Antonio Marques, no Chora-Menino, por preço commodo.

— Traspassa-se na cidade de Lisboa, em um dos bairros mais distinctos por seu aceio, e outras circumstancias, uma casa com excellente vista de mar, e excellente exposição ao nascente, proxima dos theatros e dos passeios, com mobilia do melhor gosto e solida, e em tudo propria para uma familia, ou pessoa rica, habituada a um certo tratamento: a quem convier dirija-se ao Sr. Antonio Lopes de Miranda, em Lisboa, rua dos Retrozeiros n. 15 A.

— Deseja-se saber aonde existem Manoel Gomes Vieira e Delphino Gomes Vieira, naturaes de Portugal, a negocio de seu interesse: no aterro da Boa-Vista n. 34.

— Precisa-se de um homem que tenha pratica de loja de calçados, não se duvida dar-lhe um interesse vantajoso, com tanto que prove a sua capacidade: no aterro da Boa-Vista n. 46.

— São precisos na typographia de Santos & Companhia tres officiaes habeis de composição.

Praça da Independencia, loja n. 40.

Para evitar inconvenientes que resultam da venda de bilhetes de loteria fiado, se ha resolvido vender os mesmos bilhetes somente a dinheiro avista, na supradita loja.

— Precisa-se alugar um preto: na rua da Guia n. 9.

— Precisa-se de um rapaz para segundo caixeiro de loja de fazendas: quem se julgar habilitado annuncie por esta folha para ser procurado, não se olha a ordenado.

— Offerece-se um rapaz portuguez que escreve soffrivel, com pratica de escripturação para caixeiro de escriptorio, rua ou loja, de que tambem tem pratica: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Rangel n. 10.

— Precisa-se alugar um preto escravo para tratar de um cavallo: na Rua Nova n. 22.

A CIDADE DE PARIS.
Rua do Crespo n. 4.
J. FALQUE.

Recebeu pelo navio francez «Comte Roger» um rico e variado sortimento de roupa feita como sejam: Casacas de panno preto.
Calças de casemira preta e de cores.
Ditas de brim de linho.
Palitós de casemira de côr com gola de velludo.
Ditos de panno e casemira preta.
Ditos de seda preta e de côres.
Ditos de brim de linho branco e de cor.
Ricos colletes de velludo.
Ditos de gorgurão de cores.
Ditos de setim preto.
Lindos chapéos de castor para homem.
Ditos ditos rapados para homem.
Ditos de seda pretos finos para homem.

Todas estas fazendas são da melhor qualidade que se pode desejar.

— Precisa-se de um rapaz chegado ultimamente da Europa, que tenha alguma pratica de fazendas ou sem ella: no aterro da Boa-Vista, loja n. 10.

— Precisa-se de uma ama forra ou captiva, para todo o serviço de uma casa de familia: na rua Nova n. 23, segundo andar.

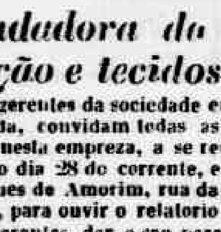
— Aluga-se uma preta com pratica de serviço de casa: quem pretender, dirija-se a rua Imperial n. 185.

Loteria do Rio de Janeiro.

Na praça da Independencia n. 40, acham-se a' venda os novos bilhetes, meios da loteria 25 da casa de Correcção da Côrte, que devia correr a' 17 do presente, esperamos as listas pelo primeiro paquete que de la' sahir para esta. Os premios serão immediatamente pagos (logo que tenhamos recebido as mesmas listas) conforme os nossos annuncios.—Souza Junior.

-- Precisa-se de um pequeno para caixeiro de taberna, com pratica ou sem ella; no Recife, becco Largo n. 1.

SOCIEDADE EM COMMANDITA,



fundadora da fabrica de fiação e tecidos de algodão.

Os gerentes da sociedade em commandita, abaixo firmada, convidam todas as pessoas que tomaram parte nesta empreza, a se reunir em assembléa geral, no dia 28 do corrente, em casa do Sr. Antonio Marques de Amorim, rua da Cruz, ao meio dia em ponto, para ouvir o relatorio apresentado pelos mesmos gerentes, dar o seu parecer e deliberar sobre os meios mais convenientes aos trabalhos preliminares da dita empreza. Pernambuco 15 de outubro de 1856.

Amorim, Faria, Guerra & C.

Transferencia.

Acha-se mudado do becco do Capim para o de Gonçalves, no Recife, armazem n. 4, o deposito de sabão da fabrica da viuva de Delphino Gonsalves Pereira, e continua-se a vender a dinheiro a' vista, as seguintes qualidades de sabão.

Amarello de	1 qualidade	100 a	lib.
»	2 »	95 a	»
Cinzento		70 a	»

Hospital Portuguez de Beneficencia.

Precisa-se de um servente neste estabelecimento, o qual tem o ordenado de 15$000 por mez, casa e comida, prefere-se o que tiver melhores abonações: a tratar com o provedor.

— O bacharel A. R. de Torres Bandeira, professor cathedratico de lingua franceza no Gymnasio desta provincia, tem resolvido abrir do primeiro de novembro em diante um novo curso desta mesma lingua e da ingleza, e bem assim de rhetorica, geographia e philosophia: quem de seu prestimo se quizer utilisar póde procura-lo na casa de sua residencia, na rua Nova n. 23, segundo andar.

—Candida Balbina da Paixão Rocha, antiga professora particular de primeiras letras e costura do bairro do Recife, rua do Vigario, tem transferido sua aula para a rua do Rangel n. 59, onde continua a exercer o seu magisterio, ensinando tudo quanto faz parte da educação primaria de uma senhora; assim como não duvida receber pensionistas e meio-pensionistas, por preços razoaveis.

Compras.

— Compra-se um jogo de mallas de pregaria em bom uso, e por preço commodo: quem tiver annuncie.

— Compram-se os seguintes livros ja usados: diccionario de Moraes quarta edicção, Misterios do Povo: na loja da rua do Crespo n. 10.

— Compram-se dez milheiros de alvenaria grossa de boa marca: na Praça da Independencia, loja n. 19 e 21.

— Compram-se apolices da divida provincial, na rua das Flores n. 37 1.º andar.

— Compram-se pennas de abestruz (ou ema): no escriptorio da rua da Cruz do Recife n. 52, primeiro andar.

Attenção.

Precisa-se comprar um negro, ou negra cozinheira: na rua Direita n. 76.

— Compram-se duas pretas de 16 a 22 annos, que sejam de bonitas figuras, e que tenham habilidades, não se olha a preço: na rua Nova n. 4.

— Compram-se garrafas vasias: na fabrica de espiritos, na rua Direita n. 17, e pagam-se bem.

— Compra-se effectivamente, latão, bronze e cobre velho: no deposito da fundição da Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição, em Santo Amaro.

Vendas.

Pechincha.

Fundas francezas do lado direito e esquerdo, pelo barato preço de 1$000 rs. cada uma: na rua larga do Rosario n. 35, loja de miudezas.

— Vende-se a taberna da rua da Cadeia de Santo Antonio n. 26: a tratar na mesma.

RAPÉ DE LISBOA,

Vende-se rapé fresco de Lisboa chegado agora de encommenda: na Praça da Independencia loja n. 3.

Aterro da Boa-Vista n. 60, nova loja de Gama & SILVA.

Nesta loja vendem-se por menos preço do que em qualquer outra parte, as seguintes fazendas: asseverando-se que são das ultimamente chegadas ao mercado. Cortes de fustão acolchoado, e brins de linho puro para calças, cada um 2$500, superiores bretanhas de linho, cada peça de 6 varas por 3$500, melpomene para vestidos, e outras muitas fazendas finas a vontade do comprador. Todas estas fazendas trocam-se por dinheiro.

ATTENÇAO' AO BARATO
Para acabar.

Cassas francezas de cores lindas e finas, covado	100
Ditas da ditas, dito	120
Ditas de ditas, dito	160
Ditas de ditas, dito	200
Ditas de ditas, dito	240
Ditas de ditas, dito	320
Chitas francezas muito finas e largas, covado	200
Ditas ditas, dito	220
Córtes de colletes de gorgurão de seda, corte	1$000
Ditos ditos de dito, dito	1$200
Ditos ditos de dito, dito	1$500
Ditos ditos de dito pretos, corte	3$000
Ditos ditos de fustão, corte	560
Mantas de seda para senhora	1$000
Lenços de ganga escarlate com barra e finos	280

No aterro da Boa-Vista n. 56, loja de bilhetes junto ao selleiro.

DEPOSITO DA FABRICA
Industria Pernambucana,
RUA DO CRESPO N. 9.

A fabrica de sabão e velas de carnauba, estabelecida na rua do Brum, tem estabelecido um deposito na rua do Crespo n. 9, para ahi unicamente dar extracção aos seus productos, proporcionando assim a maior commodidade aos consumidores. As velas manufacturadas nesta fabrica, offerecem as vantagens seguintes: são feitas com a carnauba simples purificada pelo meio do vapor, são inodoras e bellas na apparencia, queimam com igualdade e não esborram, e não fazem murrão e dão mais luz e mais clara do que as velas stearinas ou de qualquer composição, e que se vendem no mercado. Fabricam-se de 6, de 7 e de 10 em libra, vendendo-se em caixas que contem 192, 224 ou 320 velas cada uma pelo preço de 15$.

O sabão he branco, as materias primas de que he fabricado são simples e inofensivas, o cheiro que deixa na roupa he agradavel; rivalisa com o melhor sabão hespanhol e he superior ao sabão americano, que se vende no mercado a 240 rs. a libra.

Vende-se igualmente em caixas de arroba e a preço de 160 rs. cada libra.

Os incredulos comprando reconhecerão por experiencia a veracidade do que se annuncia.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento

Córtes de cassa pintados com sete varas a cinco patacas, cambraia lisa com oito varas, córtes que dão para dous e tres babados a tres mil reis, lenços de retroz francezes a dez tustões cada um, lenços de seda para pescoço de senhora a dez tustões, lenços de garça o melhor que tem no mercado a dous mil reis, lenços para mão de senhora com bico largo a dez tustões: de tudo se dá amostra, levando penhor que cubra o valor do que se quer trazer.

— Vende-se a muito acreditada taberna, sita no largo da Ribeira n. 1, na casa que faz quina para a rua de Santa Rita, a qual pela localidade onde está estabelecida, torna-se recommendavel e preferivel a qualquer outra: os pretendentes poderão dirigir-se a mesma onde acharão com quem tratar.

PECHINCHA.

Vendem-se sapatões de lustre a 2$000: na rua do Livramento, loja de calçado n. 33.

Cemento.

Vende-se cemento novo, em barricas e meias barricas, e a retalho, por preço muito em conta: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 17.

Na loja das seis portas.
Em frente do Livramento.

Manguitos bordados com recorte a dez tustões, camisas para senhora bordadas a dous mil reis, collarinhos para senhora a pataca, e bordados a dez tustões, camisas de cambraia a cinco patacas, aventaes para meninas a dez tustões, filó preto para camisas e enfeites de senhoras a quatro patacas a vara, filó de linho liso e bordado, e outras muitas fazendas de algodão, de linho e seda, por preços que agradam ao comprador.

O EVANGELHO EM TRIUMPHO.

He a defeza mais completa da Religião Catholica, Apostolica Romana, contra todos os ataques da impiedade: edição rara, ja hoje extincta em Lisboa: 8 volumes in 8, por 5$000 reis. Vende-se na casa de livros de Antonio Domingues, na rua do Crespo.

— Vendem-se toalhas e lenços de labyrintho, ditos bordados, bicos e rendas largos e estreitos, por preços commodos: na rua de Apollo n. 12.

Chapéos do Chyli verdadeiros.

Vendem-se chapéos finos da verdadeira palhinha do Chyli, por preço commodo: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

Rua da Cruz
N. 11.

Vende-se vinho de Bordeaux, qualidade superior.
Champagne.
Por preços commodos.

UM VESTIDO POR 2$000.

Novo e completo sortimento de cortes de vestido de chita de differentes padrões, cores fixas, pelo diminuto preço de 2$ cada corte: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

—Na cocheira dos omnibus, vende-se milho novo por módico preço.

— Vende-se um preto crioulo de 25 a 26 annos de idade, bonita figura, bom padeiro, sem achaque, bem reforçado: na rua da Cruz n. 28.

-- Vendem-se pentes de diversas modas, de tartaruga, abertos e lisos, tambem de marrafas, e fazem-se atacadores para menina, concertam-se tambem quaesquer obras deste genero: no pateo do Carmo, loja do sobrado da esquina que volta para a rua das Trincheiras n. 2.

-- Vende-se uma escrava crioula: quem a pretender dirija-se ao pateo da Penha, casa n. 8, que achara' com quem tratar.

-- Vendem-se canastras pequenas com batatas muito novas, por preço commodo: no armazem do caes da alfandega n. 3, de Paula Lopes.

-- Vende-se cha' preto de superior qualidade, chegado ultimamente da America: no escriptorio de Henry Forster & C., rua do Trapiche Novo n. 8.

Braços Romão & Companhia.

Vendem-se na rua do Queimado, loja de ferragem n. 32, braços de Romão de diversos tamanhos, muito proprios para balcão: vendem-se muito barato para acabar.

— Vendem-se charutos de fumo da Havana, feitos no Rio de Janeiro, chegados no ultimo vapor, a 4$000 rs. o cento: na rua da Cruz n. 52, primeiro andar.

COBRE DE FORRO.

Vende-se na loja da rua da Cadeia do Recife n. 64, ou nos fundos da mesma loja, no caes de Apollo, cobre de forro de 18 e 20 onças, e bem como telhas de vidro, por preços commodos.

PARA OS SAPATEIROS.

Vende-se bezerro francez muito novo e de superior qualidade a 24$000 a duzia; na rua Nova n. 1, quina das Trincheiras.

— Vende-se uma mulata de idade 16 annos, cose, engomma e cozinha, gorda e robusta: na rua da Cadeia do Recife n. 17.

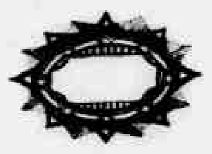
MUITA ATTENÇAO'.

Vendem-se mantinhas de seda para pescoço de senhora e meninas, muito baratas: na loja de M. Ferreira de Sá, na rua da Cadeia do Recife, esquina que volta para a Madre de Deos.

— Livros que se vendem na loja de João Francisco Semiond, no aterro da Boa-Vista n. 12: Herança de Barbadão, drama original portuguez, D. Manoel de Azevedo, drama extrahistorico em 2 partes e 5 quadros, o Seductor e o amante, o Tributo das Cem Donzellas por Mendes Leal Junior, as Tres Cidras do Amor pelo mesmo, Alzira ou os Americanos por Voltaire, Theatro Comico, 4 lindos volumes em 8.º, Repertoire du Theatre François, 4 vols. em 8.º relies, Arnault, theatre 3 beaux vols. relies, Theatre de Favart 3 beaux vols. em 8.º relies. Todas estas obras se vendem pelos preços os mais commodos.

— Vende-se superior aguardente de França (cognac), em duzias de garrafas, por preço commodo: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

-- Na rua da Cruz n. 10, casa de Henr. Brunn & Companhia, vendem-se barricas com cemento.



Na loja de Antonio Francisco Pereira, na rua do Crespo n. 4, e na de Porto & C., na praça da Independencia n. 39, vendem-se grinaldas de sempre-vivas, vindas de Paris, com inscripções e sem ellas, para serem collocadas sobre tumulos, catacumbas e sepulturas, no cemiterio publico, no dia 3 de novembro, (finados).

VASOS E ESTATUAS

Vendem-se vasos e estatuas de louça, proprios para jardim ou catacumbas: na rua do Amorim armazem n. 41.

— Vende-se duas carroças pequenas para boi e cavallos, uma dita grande que peza em mais de duzentas arrobas: quem precisar annuncie.

Carne do Ceará
em garajaus a 6.000 rs. a arroba

No caes da alfandega armazem de Serafim.

Manual eleitoral

Vende-se o manual eleitoral, contendo a lei regulamentar das eleições, e os decretos e decisões do governo; accrescentado com a lei das incompatibilidades, lei dos circulos, com instrucções novissimas, por 1$600: na livraria ns. 6 e 8, da praça da Innependencia.

Relogios

obertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro e prata, patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

A 1$280 o par de luvas de pellica,

muito novas e muito fresquinhas, chegadas no ultimo vapor francez: na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Attenção

A' rua do Queimado n. 33 A, loja de fazendas a[o] pé da boa fama, chegaram ultimamente lindas seda[s] de quadros, das mais modernas que ha no mercado para 1$200, assim como grosdenaple e velludo preto, e pannos de diversas qualidades, e muitas mais fazendas, por preço que se não encontram em outras lojas.

Relogios de patente

inglezes de ouro, de sabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 56.

Fazendas boas e baratas.

Na loja do barateiro da rua da Cadeia do Recife n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, acharão os freguezes bom sortimento de fazendas de boas qualidades, que a dinheiro a' vista se vendem por baratissimo preço, tanto em atacado como a retalho, havendo entre muito variedade boas chitas de cores fixas de diversos padrões, o covado a 160, 180 e 200, e a peça 6$, 6$500, 6$800 e 7$, córtes de cassa de cores bonitos padrões, que não desbotam, com 7 varas, pelo diminuto preço de 1$600, riscados e chitas largas francezas modernas, o covado a 240, 280, 300, 320 e 400, cassas francezas de cores a 560 a vara, ditas em cortes de 12 e 13 varas muito finas com fazenda para vestido e para folho, desenhos differentes, pelo barato preço de 8$, córtes de andolina de seda cor de rosa e azul com fazenda para refego e folho a 14$ e 15$, córtes de sedas escocezas largas de bonitos gostos a 28$, grosdenaple preto superior para vestido a 2$ e 2$200 o covado, chales de merino fino sem barra com franja de retroz a 5$500, ditos de chaly com barra assetinada a 6$500, ditos de merino bordados de cores a 8$, ditos muito finos bordados de uma so cor a 9$, e alem destas outras muitas fazendas, que como ácima fica dito, se vendem baratas; dão-se amostras, e a loja está aberta de noite.

— Vende-se o sitio com casa de sobrado do fallecido George Kenworthy, no lugar de S. José do Manguinho, com arvoredos de fructo e mais bemfeitorias que nelle se acham, sendo as terras do referido sitio proprias: quem o pretender procure em casa de Samuel P. Johnston & Companhia, rua da Senzala Nova n. 42.

AGENCIA
Da fundição Low-Moor, rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

Lenços de cambraia de linho
A 320, 400, 500, e 640 cada um.

Vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

LABYRINTHOS.

Vendem-se lenços e toalhas de labyrintho, assentado em fina cambraia de linho: na rua da Cruz n. 34, primeiro andar.

Attenção ao barateiro.

Na loja do barateiro, na rua da Cadeia do Recife n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, ha para vender alem de muitas fazendas que em porção e a retalho se vendem por baratos preços, hamburgo ou brim liso fino de puro linho proprio para calças, toalhas, ceroulas e lençoes, em peças de 20 varas a 9$600 e 10$, dito mais cheio de boa qualidade, peças de 30 varas a 12$ e 13$500, panno de linho fino a 640 a vara ou 8$ a peça de 12 1|2 varas, estando-se a acabar, panno de linho fino para lençoes com 2 varas de largura a 3$400 a vara, córtes de brim de linho de cores para calça, padrões novos a 3$200, ditos de fustão de cores e brancos para colletes a 800 e 1$, casemira preta fina a 2$, 2$600 e 3$600 o covado, panno azul grosso a 1$800 o covado, panno fino preto e azul de boas qualidades a 3$500, 4$000, 4$500, 5$ e 6$, camisas francezas brancas a 1$760 cada uma, e 20$ a duzia, ditas muito finas com peitos e collarinhos de cores e brancos a 2$500 ou a 30$ a duzia, madapolão fino para camisas a 4$600, 5$ e 5$600 a peça, e mais baixo para 3$200, 3$500, 3$600, 3$800 e 4$, esguião bom para peitos a 1$400, e muito fino a 1$800 e 2$ a vara, e a peça por 14$, 18$ e 20$, peitos para camisa brancos e de cores com punhos e collarinhos, por barato preço, assim como outros muitos objectos indispensaveis.

COM PEQUENO TOQUE DE AVARIA.
Peças de madapolão fino.

Vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

AO BARATO.
Na rua Nova loja n. 8 de José Joaquim Moreira.

Vendem-se luvas de pellica para homem e senhora das mais frescas e novas que ha no mercado, pelo baratissimo preço de 1$280 o par.

CAL E POTASSA

Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 2 B.

TOALHAS PARA ROSTO

e mesa de puro linho; vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina, que volta para a rua da Cadeia.

Cal de Lisboa e potassa.

Na rua do Trapiche armazens ns. 9 e 11, vende-se superior potassa da Russia e americana, cal virgem de Lisboa, da mais nova que ha no mercado.

Relogios
de ouro patente inglez, cobertos e descobertos,

do melhor fabricante de Londres: vendem-se por preços razoaveis, na escriptorio do agente Oliveira, rua da Cadeia do Recife n. 68, primeiro andar.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte:
Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão.
Lonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fazendas proprias para este mercado: tudo por preço commodo.

Farinha de mandioca.

Vende-se superior farinha de Santa Catharina, em saccas que tem um alqueire (medida velha) por preço commodo: no armazem de Novaes & C., na rua da Madre de Deos n. 12.

A 3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowmann na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em acrro sem despeza ao comprador.

Deposito de cal e potassa.

Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50, defronte da rua da Madre de Deos, continua-se a vender superior cal de Lisboa em pedra, recentemente chegada, e potassa russiana nova, de superior qualidade a preço commodo.

—Vende-se em casa de S. P. Johnston & C., rua da Senzala-Nova n. 42, sellins inglezes, chicotes de carro e de montaria, candieiros e castiçaes bronzeados, relogios patente inglez, barris de graxa n. 97, vinho Cherry em barris, camas de ferro, fio de vela, chumbo de munição, arreios para carro, lonas inglezas.

Cobertores de lãa hespanhóes muito encorpados e grandes.

Vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a rua da Cadeia.

Pianos.

Vendem-se pianos verticaes inglezes, de elegantes modellos e excellentes vozes, fabricados por um dos mais acreditados autores, premiado na exposição de Londres: no armazem de Rostron Rooker & Companhia, praça do Corpo Santo.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Attenção.

Na rua do Crespo
Esquina a voltar
Para a rua da Cadeia
Muito ha que admirar.

Vendem-se colchas brancas adamascadas a 5$000 cada uma, panninho preto e de cor a 120 o covado, córtes de calça de casemira de cor a 4$ e 5$, ditos de casemira preta enfestada a 4$800, ditos de dita franceza superior a 6$500, ditos muito superiores a 8$, ditos de brim amarello e pardo de puro linho a 1$600, ditos escuros de quadros a 1$400, ditos de ganga amarella a 1$200, córtes de cassa chita com 7 varas a 1$500, cobertores escuros e brancos a 800 rs., riscado escuro largo e muito encorpado a 160 o covado, lãazinha de quadros propria para vestidos a 440 o covado, e outras muitas fazendas por preço commodos.

Luvas de pellica muito novas para homem e senhora, o par a 1$280

na rua do Queimado na bem conhecida lojo de miudezas da boa fama n. 33.

Na rua Nova n. 22, loja do relojoeiro, ha para vender bico de blond de seda branco e preto, por preço muito em conta.

— Vende-se uma partida de terras cobertas de mattas de muito boas madeiras, e optima de plantações: a tratar no Manguinho, sitio que volta para os Afflictos, de Ignacio Francisco de Albuquerque Mello.

A 3$500 a duzia.

Lenços de cambraia de linho para algibeira: na rua do Crespo, loja de Adriano & Castro n. 16.

C. STARR & COMPANHIA

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continuam a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha um

DEPOSITO DE MACHINAS,

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fórmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que sera enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se comprommettem a fazer executar com a maior presteza e perfeição, e exacta conformidade com os modellos ou desennos, e instrucções que lhe forem fornecidos.

Bilhetes de visita.

Gravam-se e imprimem-se com perfeição bilhetes de visita, lettras de commercio e todos os objectos da arte caligraphica, registros, vinhetas e quesquer desenhos, abrem-se firmas, sinetes, tanto a talho doce como em relevo, ornamentos em objectos de ouro e prata, fazem-se riscos lindos e originaes para bordados de labyrintho; admitte-se a recusa de quesquer destes objectos no caso de não ficarem a contento das pessoas que os encommendarem: quem pretender dirija-se a qualquer destes lugares: no bairro do Recife, rua da Madre de Deos n. 32, primeiro andar; em Santo Antonio, na livraria classica do pateo do Collegio n. 2; nas Cinco Pontas, sobrado da quina confronte a matriz nova.

— Rua Nova n. 18 loja de M. A. Cajú & C. continua sempre a ter um grande sortimento de obras feitas de alfaiate, tanto superior, como mais inferior, camisas francezas, brancas e de cores, gravatas, colarinhos, chapéos francezes, ditos de sol, de seda e panninho, suspensorios de borracha, meias para senhoras, homens, meninos, fazendas para fazer-se qualquer obra de encommenda com a maior presteza e bom desempenho, em fim qualquer pessoa que vier a esta loja, tirara um facto completo e por preço mais commodo do que em outra qulquer parte.

— Vende-se superior linha de algodão branca e de cores, em novello, para costura: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.

PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contêm mercurio, nem alguma outra substancia delecterea. Benigno a mais tenra infancia, e a compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarreigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grao, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que ja estavam as portas da morte, preservando em seu uso; conseguiram reeobrar a saude e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mãis afflictas não devem entregar-se e desesperação; façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saude.

Não se perca tempo em tomar este remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos.	Febres intermittentes
Alporcas.	Febreto da especie.
Ampolas.	Gotta.
Areias (mal de).	Hemorrhoidas.
Asthma.	Hydropisia.
Colicas.	Ictericia.
Convulsões.	Indigestões.
Debilidade ou extenuação.	Inflammações.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Irregularidades da menstruação.
Desinteria.	Lombrigas de toda especie.
Dor de garganta.	Mal de pedra.
-- de barriga.	Manchas na cutis.
-- nos rins.	Obstrucção de ventre.
Dureza no ventre.	Phtisica ou consumpção pulmonar.
Enfermidades no ventre	Retenção de ourina.
Enfermidades no figado.	Rheumatismo.
Ditas venereas.	Symptomas secundarios.
Enxaqueca.	Tumores.
Herysipela.	Tico doloroso.
Febres biliosas.	Ulceras.
	Venereo (mal).

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres n. 244. «Strand,» e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vendem se as bocetinhas a 800 rs. Cada uma dellas contêm uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar destas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco.

A loja da boa fama
Vende muito barato:

Ricos pentes de tartaruga para atar cabello	1$500
Lencinhos de retroz de todas as cores	800
Toucas de lãa para senhoras e meninas	500
Camisas de meia para crianças	500
Meias de seda preta para senhora	2$000
Ricas caixas para guardar joias	800
Ricos estojos para costura 2$500 e	3$000
Travessas de tartaruga para cabello	3$500
Ditas de verdadeiro bufalo	1$000
Ricos leques com plumas e espelho 2$ e	3$500
Pentes de bufalo para tirar piolhos	500
Ricas bonecas francezas bem vestidas 1$280 e	1$800
Resmas de papel de peso muitissimo bom	6$000
Dito mais inferior pouca cousa	3$500
Dito almaço muito bom	3$200
Quadernos de papel pannete muito fino	80
Grozas de pennas de aço bico de lança	[illegible]
Ditas muito boas sem ser bico de lança	500
Duzia de lapis muito finos	320
Ditos para desenho muito bons	800
Bandejas muito finas a 3$, 4$ e	5$000
Oculos de armação de aço	800
Lunetos com armação dourada	1$000
Ditas com armação de tartaruga	1$000
Ditas com armação de bufalo	500
Ricos chicotes para cavallo	800
Ricas gravatas de seda	1$000
Atacadores de cornalina para casaca	300
Pentes muito finos para suissas	500
Escovas muito finas para cabello	640
Capachos pintados compridos e redondos 700 e	1$000
Canetas de aço para pennas de aço	120
Escovas finas para unhas 320, 500 e	640
Ditas muito finas para roupa 1$ e	1$500
Pinceis finos para barba	500
Duzia de facas e garfos finos	3$000
Ditas cabo de balanço muito finas	6$000
Ditas cabo de marfim muito boas	10$000
Camizas de meia muito finas	1$200
Ricas abotoaduras para collete 500 e	600
Ditas para palitos 500 e	600
Estojos de navalhas finas para barba	2$000
Espelhos para parede, 500, 600 e	1$000
Caixas finissimas para rape	2$500
Ditas redondas de tartaruga	6$000
Papel de cores em 1|4 de resma	720
Pentes de tartaruga para marrafa	1$400
Ditos para atar cabello imitando a tartaruga	2$000
Luvas brancas e de cores para montaria	400
Tapetes para lanternas, o par	1$800

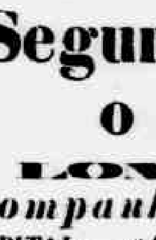
e outras muitissimas cousas, que só na bem conhecida loja de miudezas da boa fama se encontram e que vende muito barato: na rua do Queimado n. 33.

Vinho do Porto, superior chamiço.

Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

Na loja da boa fé

vende-se o mais barato que he possivel: chales lisos de merinó muito fino com franjas de seda a 5$000, ditos dito lisos de listas de seda a 4$, lenços de cambraia muito fina com bico de linho a 1$200, ditos de cambraia brancos com barra de côr a 240 rs., mantas de seda para gravata a 1$, peitos para camisas, brancos e de cores a 400 rs., filó de linho bordado a 1$280 a vara, dito de dito liso a 880 rs., camisas de riscado finas e muito bem feitas a 1$500, alpaca de seda de muitos bonitos padrões para vestidos a 640 rs o covado, luvas de seda para homem e senhora a 1$ o par, ditas de pellica para senhora a 1$, ditas de fio de Escocia para homem a 400, ditas de dito para meninos a 320 rs., meias pretas de seda para senhora a 2$ o par, ditas ditas de laia para padre a 1$600, ditas brancas muito finas para senhora a 240 e 320 rs., ditas pretas de algodão para senhora a 400 rs. ditas de algodão cru para homem a 200 rs., alem disto muitas fazendas que se vendem muito barato, e que a vista dos preços os senhores compradores não deixarão de comprar: na bem conhecida loja da boa fé, na rua do Queimado n. 22.



Vendem-se sellins com pertences, patente inglez e da melhor qualidade que tem vindo a este mercado: no armazem de Adamson Howie & C., rua do Trapiche n. 42.

Seguros contra o fogo.
LONDRES.
Companhia Northern.

CAPITAL, — £1,260,000—Estabelecida em 1856.

Para effectuar seguros sobre propriedades, mercadorias, mobilia e generos de quasi toda a qualidade. Premio de 5|8 até 1|2 0|0 ao anno.—Agentes, C. J. Astley & C.

SAO' DE BOM GOSTO.

Cambraias francezas muito finas e de lindos padrões, a 500 rs. o covado: na bem conhecida loja da boa fé, na rua do Queimado n. 22.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacarandá, construcção vertical e com todos o melhoramentos mais modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo: na rua da Cadeia, armazem n. 8.

AVISO AS MOÇAS.

Damos os parabens as nossas bellas pianistas; acaba de chegar do Rio e acha se a' venda na rua Nova n. 9, loja de Domont, uma rica e variada collecção de bonitas valsas, polkas, schottisch e quadrilhas, tudo novo e do melhor gosto; tambem existem lindas arias, cavatinas e modinhas para piano e canto; assim não ha melhor occasião de refazerem os seus repertorios, botando para longe todas essas velhas musicas, que por falta de outras, ouviamos tocar todos os dias; agora não deve haver queixa, quem não tocar boas musicas he porque não quer, pois com qualquer cinco tustões se tem uma valsa ou polka para piano.

— Vendem-se 2 escravas de meia idade, e 1 optimo preto de idade 35 annos: na rua Direita n. 3.

— Vende-se uma arte de fabricar palitos de fogo de todas as qualidades, e applica-se a receita de todas as massas, na rua da Assumpção n. 54: a tratar na mesma casa, das 9 horas da manhãa as 4 da tarde.

— Vende-se um sitio com arvoredos de fructos, casa de vivenda, na Cruz de Almas: a tratar na rua das Trincheiras n. 48, loja.

-- Vendem-se 40 barris proprios para mel: no pateo do Paraizo n. 18.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalhas registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida e com a devida presteza e commodidade em preço.

XAROPE
DO
BOSQUE

Foi transferido o deposito deste xarope para a botica de Jose da Cruz Santos, na rua Nova n. 53, garrafas 5$500, e meias 3$000, sendo falso todo aquelle que não for vendido neste deposito, pelo que se faz o presente aviso.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtysica em todos os seus differentes gráos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite, dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

HE MUITO BARATO.

Chales de merinó de lindas cores com ricas palmas bordadas a matiz pelo diminuto preço de 8$; na rua do Queimado n. 22 na loja da Boa Fé, defronte da loja da Boa Fama.

— A verdadeira gracha ingleza n. 97, em barricas de 15 duzias de potes: em casa de James Crabtree & C., rua da Cruz n. 42.

—Vendem-se missaes romanos: na rua do Encantamento n. 76 A, e na rua das Trincheiras n. 5, loja de encadernação.

— Vende-se um excellente carro de quatro rodas com uma das melhores parelhas que aqui ha: na cocheira do Sr. Adolpho Bourgois, rua Nova n. 61.

-- Vende-se um berço de amarello em bom estado e com cortinados: na rua do Rangel n. 11, primeiro andar.

Attenção.

No aterro da Boa-Vista n. 2[illegible] vendem-se chapeos de seda para senhora de todas [as qua]lidades, ditos de palha enfeitados, e ditos pa[ra enfeit]ar-se, flores francezas, ditas de laranja, chales [de] nanquim bordados, da India, ditos adamascados, ditos de merino bordados, ditos com listras e ditos lisos, filó branco bordado e liso, dito preto de salpicos, bico de blond branco largo e estreito, dito de linho largo e estreito, e de outras qualidades, fitas de seda e de todas as qualidades, ditas de escocez, ditas de chamalote, pulceiras de coral montadas a serpente, ditas de cornalina montadas em ouro de lei, ditas de ouro, apparelhos de ouro, ditos de mosaico, mantas de coral, tranças de todas as qualidades, de seda, lenços de cambraia de linho bordados, finos, turbantes de retroz dourado e prateado com aljofares, crepe de seda de todas as cores.

— Vendem-se 200 varas de lagedo vindo de Lisboa: a tratar na rua da Cadeia Velha n. 1.

-- No pateo do Carmo n. 2, vende-se estamenha legitima para terceiros franciscanos, e peneiras de arame para os senhores refinadores e padeiros.

Escravos fugidos.

— No dia 18 do corrente pelas oito horas da manhãa fugio um negro, por nome Antonio, o qual he de nação com os signaes seguintes: cor fula, pouca barba, puxa do quarto direito, os pés apalhetados, e no pé do lado direito tem algumas costuras imitando calor de figado, levou vestido calça azul de riscado, camisa azul, chapéo de palha: este negro tem um irmão que he cortador de carne nos açougues da freguezia de Santo Antonio, sendo este o seductor daquelle, segundo o que se tem sabido. foi escravo do Sr. academico Antonio Rogerio Freire de Carvalho, morador atraz da matriz da Boa-Vista, tendo vindo com o mesmo academico de Agua-Preta, talvez tomasse esta estrada; por tanto pede-se a todas autoridades onde o mesmo for encontrado, e aos capitães de campo hajam de apprehender, ou levarão seu legitimo senhor abaixo assignado na rua larga do Rosario n. 48, que generosamente paga a quem o trouxer.—Bernardo de Cerqueira Castro Monteiro.

-- Do engenho Cajabusuzinho, sito na freguezia do Cabo, fugio na noite de 15 para 16 do corrente, um casal de escravos seguintes: Jose, de nação, de idade de 35 a 40 annos, baixo, com falta de dentes, e o dedo grande do pé torto para dentro; Benedicta, crioula, de idade de 35 annos, pouco mais ou menos, baixa, secca, rosto descarnado, com falta de dentes, he coxa da perna direita: quem os pegar leve-os ao mesmo engenho, ou nesta cidade no pateo do Carmo n. 17, que sera' generosamente recompensado.

— Fugio do bordo da escuna nacional «Linda», o escravo marinheiro Finlano, em occasião de sua sahida para o Rio de Janeiro no dia 28 do mez passado, com os signaes seguintes: idade 22 annos, pouco mais ou menos, cor retinta, altura regular, sem falta de dentes, pés grandes, crioulo, nariz chato, gosta muito de rir-se; levou camisa e calça de algodão azul e bonet de marinheiro; quem o pegar leve-o a rua do Vigario n. 5, que recebera' 100$ de gratificação.

— Fugio hontem as 7 horas da noite um escravo mulato, de nome Thomaz, alto, reforçado do corpo, com marcas de bexigas, pernas grossas e nellas marcas de cicatrizes nas canellas, falla com muita mancidão; levou camisa de panno azul grosso guarnecida de ourello branco nas hombreiras e punhos, aberta na frente em fórma de palitó: este escravo he natural da Parahiba, e foi escravo do Sr. Carlos Coelho que o houve por herança de seu sogro Jose Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Athayde Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapuá, freguezia do Pilar da dita provincia: quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que sera' generosamente gratificado. Recife 1, de outubro de 1856.

Pedro Antonio Teixeira Guimarães.

— Fugio o escravo Pedro, nação Costa, idade 30 annos, alto, bonita figura, falla mal, pertencente ao casal do fallecido pai do annunciante, cujo escravo foi visto no Monteiro e Apipucos; gratifica-se a quem o apprehender e levar a rua do Trapiche n. 14.

— Fugio hontem as 10 horas da manhãa da casa n. 5 da rua da Cadeia do Recife, o preto Domingos, nação Congo, estatura baixa, de 45 a 50 annos de idade, barbado, com suissas, cabellos brancos, algumas marcas de bexigas no rosto, e falla com muita mansidão; foi escravo de Antonio Germano Regueira Pinto de Souza, senhor do engenho Buranhem da freguezia de Una, d'onde veio para esta cidade para ser vendido, sendo a sua venda garantida por Anna Accioli Lins Wanderley.

— Fugio no dia 15 do corrente o escravo João, crioulo, idade 30 annos, levou camisa branca, calça de casemira ou de riscado, chapéo preto de massa, estatura alta, reforçado do corpo, cor fula, nariz chato, cerrado de barba, mas curta, tem cabellos castanhos nos peitos, pés seccos e compridos, falla com desembaraço: quem o pegar leve-o a casa de seu senhor Vicente Ferreira da Costa, no largo da Assembléa, que sera' generosamente recompensado.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA 1856